

**JOSÉ DE ASSIS PACHECO**  
Voluntário do Batalhão 14 de Julho



# REVIVENDO 32...

José de Assis Pacheco

# REVIVENDO

## 32...

Exumação de um Diário de Guerra



Ano do IV Centenário da Cidade de São Paulo

**MCMLIV – MMXIV**

Ano LXX da Publicação Original de Revivendo 32...

# PREITO DE SAUDADE

A meus Pais que souberam

amar a Deus  
servir à Pátria  
dignificar a Família

A minha querida Esposa

cujas preces me acompanharam em cada  
trincheira

# ÍNDICE

PREFÁCIO	05
NOTA DE INTRODUÇÃO	06
IN MEMORIAM	07
I – O AMANHECER DE UMA JORNADA	08
II – PRIMEIROS PASSOS	11
III – A PARTIDA	14
IV – ITARARÉ	17
V – DE IBITI À ITAPEVA	22
VI – ITAPETININGA	29
VII – CAPÃO BONITO	33
VIII – SÃO JOSÉ	40
IX – NA QUEIMADA	44
X – DA QUEIMADA A CAPÃO BONITO	51
XI – DE NOVO EM CAPÃO BONITO	61
XII – RUMO A BURI	70
XIII – NO MORRO SO ALEMÃO	76
XIV – AINDA NO MORRO DO ALEMÃO	82
XV – CONTINUANDO NO MORRO DO ALEMÃO	89
XVI – A CAMINHO DO HOSPITAL	98
XVII – NO HOSPITAL	106
XVIII – EM CASA	112
XIX – SUBLIME E IMPERECÍVEL	115
XX – POST-SCRIPTUM	116
APÊNDICE	
INTEGRANTES DO BATALHÃO 14 DE JULHO	102
RELAÇÃO DAS PESSOAS CITADAS NESTE LIVRO	127
RELAÇÃO DAS OBRAS CITADAS NESTE LIVRO	128



## PREFÁCIO

*Pelos fins do ano passado, uns originais datilografados vieram ter às minhas mãos, inutilmente anônimos.*

*Inutilmente, porque a história, que contavam, era o diário íntimo de um nosso soldado de 32: estava, pois, tacitamente assinada por todos os paulistas de fundamental espírito, origem e ação.*

*Quem me enviava aquelas folhas de papel era, assim, como que um mero copista da quase esquecida epopeia comum. Mas eu quis adivinhar – e adivinhei pelo faro do instinto – entre os milhões de tão diferentes, tão amorfos, tão anestesiados paulistas de hoje, aquele, único, que quis fazer com que todos os seus irmãos de alma e de armas revivessem sua própria glória, no completar quatrocentos anos sua Cidade heroica.*

*E descobri José de Assis Pacheco.*

*E pedi-lhe, com comovido entusiasmo, que publicasse, divulgasse, a sua secreta memória: ela teria, pela virtude da legitimidade, o condão de despertar a nossa adormecida de vinte e dois anos...*

*Que mais precioso presente de aniversário poderiam ter os verdadeiros paulistas, no 9 de Julho de 1954, do que a presença de si mesmos nestas tão vividas, páginas, que revivessem o melhor de sua vida?*

*São Paulo, 2 de Junho de 1954.*

GUILHERME DE ALMEIDA

## NOTA DE INTRODUÇÃO

*Tão íntimas e sinceras são estas páginas que, ao relê-las depois de tantos anos, recordei-me, com fidelidade, de toda minha vida de soldado.*

*Revivi, dentro da mais profunda emoção, aquela esplêndida odisseia de 32 durante a qual os arroubos de minha mocidade deram em oferenda a São Paulo e ao Brasil aquilo que eu possuía de mais precioso: a própria vida.*

*Mais de quatro lustros são passados e sobre este diário sempre se conservou um recatado silêncio.*

*Razões diversas assim o exigiram.*

*Uma delas é a narração de passagens tão insignificantes, de episódios tão banais e tão repetidos que, certamente, causarão enfado ao mais amigo dos leitores. Outra razão – aliás preponderante – é terem estas páginas sido escritas para mim mesmo; assim, revelando elas os meus sentimentos mais íntimos, tive receio, no passado, de não ser compreendido.*

*Em certos trechos poderiam ver em mim a jactância de querer passar por herói... Em outros, chamar-me-iam de covarde... Minha convicção íntima, todavia, – confesso-a agora – é a de que não fui nem uma nem outra coisa.*

*Hoje, distanciado da trincheira há mais de uma vintena de anos, o meu diário de guerra – creio eu – não será mal interpretado.*

*Os que porventura o lerem ficarão sabendo que apenas cumpri religiosamente o meu dever, e a esses, asseguro que jamais me arrependi, um momento sequer, de haver envergado a farda do soldado da lei.*

*Neste ano de festas para São Paulo, aqui fica a homenagem que lhe presta um soldado qualquer daquele 32 sublime e imperecível.*

*São Paulo, Julho de 1954.*

JOSÉ DE ASSIS PACHECO



## IN MEMORIAM

ALONSO FERREIRA DE CAMARGO

ARGEMIRO ALVES SILVESTRE

ARI CARNEIRO FERNANDES

CESAR PENA RAMOS

CLINEU BRAGA DE MAGALHÃES

HERMES DE OLIVEIRA CESAR<sup>1</sup>

JOSÉ JERÔNIMO VASCONCELOS

JOSÉ MARIA DE AZEVEDO

LAURO DE BARROS PENTEADO

OTÁVIO SEPPI

PAULO BIFANO ALVES

RUBENS FRAGA DE TOLEDO ARRUDA

---

<sup>1</sup> Assassinado em São Paulo pelas forças de ocupação após a cessação da luta.



## O AMANHECER DE UMA JORNADA

*Senhor Embaixador Pedro de Toledo. Estamos algemados e algemados dentro de uma senzala. E V. Excia Snr. Pedro de Toledo, está preso conosco. V. Excia deve sair e com estes homens vir à rua reivindicar a vossa liberdade. V. Excia está no fim da vida e deve escolher: um simples epitáfio ou uma estátua?*

**IBRAHIM NOBRE**

Funda foi a impressão que as palavras daquele homem de fisionomia de asceta, voz cheia e pausada, gestos dramáticos, alto e macilento, cabeleira ondedada e revolta produziram no Embaixador Pedro de Toledo e presentes – representantes da frente única paulista que se havia formado. Tão funda que se anunciava daí a momentos a formação do governo, à revelia do Snr. Osvaldo Aranha que, a essa hora, já havia abandonado a Vila Kirial, dirigindo-se às pressas para a sede da 2ª Região Militar e daí para a estação do Norte donde rumou para o Rio em composição de emergência<sup>2</sup>.

Às horas tumultuárias desse memorável 23 de maio de 1932, sucedeu noite suave, propícia às reflexões e ao abrandamento das paixões mais exaltadas. Estava selada a união bandeirante, dependendo o futuro da sinceridade de propósitos dos homens do Governo provisório, os famosos moralistas vencedores de São Paulo, em 1930<sup>3</sup>.

Dias após a esses gloriosos acontecimentos com que o povo de São Paulo, tão soberana corajosamente, soube impor a sua vontade na organização de um secretariado civil e paulista, circulou, debaixo de grande sigilo, no escritório em que trabalhava, uma lista na qual deveriam assinar

---

<sup>2</sup> O Senhor Osvaldo Aranha, Ministro da Fazenda do Governo Provisório, encontrava-se na Vila Kirial, residência do velho senador Freitas Vale, tendo vindo a São Paulo com o fim de coagir o Interventor Pedro de Toledo a organizar um secretariado “tenentista” em desacordo com os anseios do povo paulista.

<sup>3</sup> BRITO, L. T. de. Movimentos Armados in: São Paulo em Quatro Séculos, IHGSP. V. 1. 1954. p. 69-70.

aqueles que desejassem combater a ditadura de armas na mão se preciso fosse.

Assinei sem restrições.

Os dias que se intercalaram entre 23 de maio e o 9 de Julho foram dias entrecortados de vigílias e de exaltações em Piratininga. No chão movediço da revolução que se aproximava, nada fez o Governo Provisório que demonstrasse a intenção de desviar o curso dos acontecimentos.

Ao contrário disso.

Enquanto da parte do governo bandeirante todo o esforço era feito no sentido da paz, erros e injustiças diariamente desabavam sobre São Paulo.

Desdobrada a bandeira da reconstitucionalização do país, à sua sombra seguiram os próprios órgãos de compreensão, para cá destacados pela ditadura.

A união dos paulistas galvanizou a fisionomia espiritual do Estado, fazendo desaparecer, como por encanto, toda espécie de ressentimentos porventura existentes entre os netos de João Ramalho.

Para a glória, que é o supremo sacrifício, São Paulo marchou como um só homem... Às gerações futuras a História dirá, em pormenores, dos feitos emocionantes com que os filhos de Piratininga reataram em 1932 as magníficas tradições de heroísmo e de desprendimento – virtudes essas que tanto impressionam a Saint-Hilare, arrancando-lhe a famosa exclamação: RAÇA DE GIGANTES!<sup>4</sup>

No domingo – 10 de Julho de 1932 – já pela manhã comentava-se o grande acontecimento: estoura a Revolução Paulista!

Eis o que, a respeito, publicava o jornal “Folha da Manhã” em 12 de Julho de 1932:

*Preparada há algum tempo, a articulação entre os diversos núcleos militares e civis ia se processando reservada e lentamente. Os mais influentes líderes do Exército, da Força Pública e dos partidos políticos paulistas preparavam o ambiente e tornavam-no propício ao lançamento da semente que haveria de fazer germinar a revolução constitucionalista. O General Isidoro Dias Lopez, apoiado francamente pelo governo do Estado, sustentado, por sua vez pela Frente Única, contava, desde logo com a totalidade da milícia estadual e com toda a guarnição do Exército. Em Mato Grosso, os entendimentos eram feitos com o General Klinger, que tinha a seu favor a tropa sob seu comando e os elementos da polícia do Estado. Nos outros Estados, Minas e Rio Grande, os elementos da Frente Única constitucionalista tomaram a si a tarefa de fazer a propaganda do movimento. Assim processados os preparativos para a revolução estava o seu irrompimento marcado para o dia 14 deste mês, quando deveria ser dado o sinal convencionado. A atitude*

---

<sup>4</sup> BRITO, L. T. de. Movimentos Armados in: São Paulo em Quatro Séculos, IHGSP. V. 1. 1954. p. 69-70.

*tomada pelo chefe do governo provisório, porém, reformando, e mandando substituir imediatamente o General Bertholdo Klinger, no comando da circunscrição de Mato Grosso, fez com que, em uma reunião havida entre os chefes da Frente-Única paulista e alguns militares, na residência do Dr. Barbosa Ferraz, à rua Sergipe n. ° 37, fosse tomada a deliberação de serem os acontecimentos precipitados para que se evitasse uma possível dispersão de forças. Foi neste ambiente que os chefes militares, os comandantes de todos os corpos de forças federais e estudantes foram convocados para a reunião realizada no sábado, às 12 horas, no quartel General provisório, instalado à rua Conselheiro Crispiniano, com a presença do Coronel Euclides de Figueiredo que havia chegado momentos antes da Capital do país. E, nessa reunião memorável, presidida, como todas as outras preparatórias, pelo General Isidoro Dias Lopez, todos, exceção do comandante de Quitaúna, imediatamente, à revolta constitucionalizadora, tendo, toda a oficialidade, o comandante Salgado inclusive, sabido para coordenar as forças sob seus comandos, afim de que todas pudessem entrar em atividade ainda naquele dia<sup>5</sup>.*

São Paulo, humilhado desde 30, desembainhava a espada para que o Brasil inteiro houvesse respeito à Lei, ao Direito, à Justiça.

O centro da cidade regurgitava e a velha Faculdade de Direito mal continha os acadêmicos e populares de todos os matizes sociais inflamados pelo mesmo ideal.

Tive ímpetos de alistar-me; todavia, estando já comprometido julguei conveniente esperar.

Esperei. Esperei impacientemente vinte e quatro horas e durante tão longo tempo não recebi qualquer instrução a respeito do meu compromisso.

Não resistindo mais, voltei na manhã de 11 de Julho de 1932 à Faculdade-Quartel.

---

<sup>5</sup> BRUSSOLO, A. Tudo pelo Brasil: diário de um repórter sobre o movimento constitucionalista. São Paulo: Paulista, 1932. p. 23-24.



## PRIMEIROS PASSOS

Faculdade de Direito  
A primeira chepa  
A primeira desilusão  
A primeira noite de sacrifício  
Batalhão Universitário Paulista (B. U. P.)

### **11 a 14 de Julho de 1932**

---

Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

A juventude se acotovela ao redor das mesas de alistamento espalhadas por todos os corredores, numa demonstração de civismo digna destas históricas e veneradas arcadas. Nunca vi tanto entusiasmo! A rapaziada decidida só fala na revolta, na desforra, na vitória.

- Abaixo a ditadura!
- Viva São Paulo!

O alistamento prossegue em ritmo acelerado formando as esquadras, os grupos, os pelotões, as companhias, os batalhões dos defensores da Lei Inicia-se sem perda de tempo, os exercícios de ordem unida.

- Ordinário... marche!
- Escola... alto!
- Direita volver!
- Descansar...

Ao meio dia, a primeira “chepa”.

Forma-se longa fila e cada recruta, passando pelos caldeirões, recebe o seu prato de comida. Dentro de meia hora o pátio e as salas do antigo convento se transformam em refeitórios. Toca-se o “zé-pereira” nos pratos de alumínio.

Sentado num banco, na Sala nº 2, entre os irmãos Odilon e Young da Costa Manso trato de engolir a minha “chepa”. Enquanto isso, ponho-me a meditar... Nesta sala, agora na maior desordem, com os bancos amontoados uns sobre os outros, e onde paira densa poeira dos colchões atirados de qualquer jeito, entrei timidamente em 1930 para prestar meu vestibular; nesta mesma sala, quando ainda calouro, fui surpreendido com o “trote” dos veteranos; nesta mesma sala ouvi dos mestres a pregação dos princípios

democráticos, dos cânones da soberania nacional; nesta mesma sala, preparo-me para combater a tirania de um ditador e reconquistar a liberdade de um povo escravizado...

– José Pacheco! Quem é? – grita da porta a sentinela, pondo termo às minhas considerações.

– Pronto!

– Como é, menino?! Você não volta mais para casa? – exclama meu Pai algo assustado.

– Creio que não. A ordem é para ninguém sair. Dê um abraço em Mamãe e nos irmãos e... até a volta.

À noitinha somos transportados em caminhões para o 6º Batalhão de Caçadores da Força Pública do Estado de São Paulo (6º BCP), na várzea do Carmo, que já encontramos repleto de voluntários.

Que casarão tétrico! Bem se vê que foi hospício. Apenas a entrada é iluminada por minúscula lâmpada; o resto do pátio é uma só escuridão. Nada me agrada. Sinto-me mal no meio de indivíduos grosseiros que constituem a grande maioria dos presentes.

Onde está a mocidade acadêmica?

Passo a noite em claro, por não estar acostumado a dormir em esteira, sem cobertas e a ter o paletó por travesseiro.

Pelos meus cálculos o sol está bastante atrasado, pois não há meio de chegar. Terá encajado?

Finalmente, ei-lo que surge por detrás do arvoredor; vem pálido como de uma noite mal dormida e todo agasalho na neblina.

A estreia foi péssima. Dói-me o corpo todo. É chegado o momento sair deste ambiente que poderá formar batalhões de heróis, porém, nunca de gente educada.

Volto à faculdade e de lá vou ao Grupo Escolar da rua Jaceguai onde está sendo formado o Batalhão Universitário. Aqui sim, estão os acadêmicos. Entre eles: o Guilherme Lira, o Bartolomeu B. Miranda, o Roberto Bove, o Sérvulo P. Toledo, o Jader Alves Lima e os Irmãos Adolfo e José Melo.

Na manhã de 13 de Julho reunimo-nos no quartel do 2º BCP. A distribuição das fardas constitui a hora cômica. Gargalhada geral: é o Rui Ferreira da Rocha que passeia de braço dado com o Jader Alves Lima. A dupla está impagável: o primeiro com as mangas quase pelos cotovelos e blusa pela cintura; o segundo sumido dentro de uma túnica que mais parece um sobretudo. O Rui, desde os tempos ginasiais, tem o apelido de “Jaburú” por causa de suas longas pernas, enquanto que o Jader é tido nas rodas acadêmicas como o vencedor do primeiro prêmio de concurso de eugenia por ser baixote, roliço e vermelhinho como um recém-nascido. E realmente impagáveis.

Temos licença para jantar em casa.

O uniforme causa certa impressão na família, pois, é sinal de que vou mesmo para o “front”.

Na hora da partida meu Pai fala com firmeza e entusiasmo. Mamãe, abraçando-me demoradamente, nada diz porque os soluços a impedem. As irmãs acompanham-me ao automóvel. Novos abraços e beijos, lágrimas e medalhinhas protetoras.

Mais uma noite de insônia.

O dormitório do 2º BCP é comprido, cheio de camas de ferro com imundos colchões magrelos e despídos de lençóis. Causam-me repugnância os travesseiros escuros e os cobertores vermelhos tarjados de preto. Sinto tanto asco pelas camas que prefiro dormir no chão.

Faz muito frio; quase não durmo.

Às 8 horas da manhã do dia 14 de Julho de 1932, 500 homens perfilam-se no pátio do quartel do 2º BCP.

É o Batalhão Universitário Paulista – o B. U. P. – composto de três companhias e mais alguns pelotões. Dele fazem parte médicos, advogados, engenheiros, estudantes e tudo o que há de melhor na sociedade paulistana. É um dos mais seletos o B. U. P.



## A PARTIDA

Campinas, Itapetininga ou Itararé?  
Os adeuses.  
Treinando os estômagos.  
Dezenove horas num banco de 2ª classe.  
Itararé – 409 quilômetros.

### **14 e 15 de Julho de 1932**

---

O B. U. P. é visitado por centenas de pessoas que admiram seu entusiasmo e mais o estimulam e encorajam. O pátio sombrio do quartel apresenta um ar festivo com a presença de grande número de senhoras e moças da sociedade paulistana.

Tenho o prazer de ser visto por vários conhecidos; aliás, é uma vaidadezinha geral. Todos querem “se mostrar” porque em todos há o orgulho de ser paulista, o orgulho de lutar por São Paulo e pelo Brasil.

Peço à Alba de Oliveira Cesar, amiga de minhas irmãs, para avisar à família de que partirei dentro de pouco tempo.

Às 10 horas tem início a distribuição do armamento. Sentimo-nos emocionados ao receber as “espingardas”, como dizem alguns. Os fuzis já estão bem usados e, segundo se afirma, já lutaram na guerra de 1914.

Cada voluntário examina sua arma comparando-a com a do vizinho. Um barulho enervante de armar e desarmar fuzis aborrece os ouvidos da gente. Muitos aprendem pela primeira vez a abrir o ferrolho.

Dos fundos do quartel chega um cheirinho indiscreto de gordura. Indiscreto, porque denuncia a existência de almoço... mas não para nós voluntários que partimos e sim para os soldados da Força Pública que ficam...

O cheiro, embora não muito agradável, provoca o apetite na tropa. Logo estão 500 estômagos reclamando alimento. Mas ninguém come. É ordem.

Assume o comando do B. U. P. o Major Mário Rangel. Consta que o batalhão vai para Campinas. Pouco antes das 13 horas são dadas as primeiras vozes de comando.

Corre em todas as espinhas um friozinho nervoso, um friozinho de emoção.

A onda de visitantes acompanha-nos pela rua. Cada civil-soldado que marchar com mais garbo, cada qual ergue mais orgulhosamente a cabeça. Em todos os peitos estufados tilintam medalhinhas protetoras.

Não iremos para Campinas. Corre o boato de que o nosso destino é Itapetininga.

Começo a procurar os meus no meio da multidão, mas a paciência se esgota sem que eles cheguem. Sinto apertar-me o coração. Gostaria de receber a benção de meus pais antes de me expor aos tiros do inimigo...

Na “gare”, apinhada de gente, encontro-me com vários conhecidos: Fabio Guimarães, as Passos Maia, a Nívea Arruda, D Inácia Cesar, uma infinidade. Dos de casa, nem sombra. Já sem esperança de vê-los procuro conformar-me quando, no meio do aperto, percebo brilhar um pincenez e, atrás dele, os olhos verdes e aflitos de meu Pai. Um pouco mais atrás vem Mamãe e duas irmãs. Felizmente! Agora posso partir.

Sabendo que ainda estou sem almoço, meu Pai compra-me uns sanduíches e uma garrafa de guaraná.

Às 14 horas desse dia 14 de Julho de 1932 há uma agitação geral na estação de trem. É a hora do embarque. Os corações pulsam fortemente temendo a despedida. Há sorrisos que talvez ocultem lágrimas. O Hermes Oliveira Cesar recebe o “sim” da Neyde Xavier. Até parece cinema...

O entusiasmo é tal que Mamãe me beija sem derramar uma só lágrima. Antes assim. Embarco.

A alegria em todos os semblantes é tão grande que não se tem a impressão de uma partida para a guerra. Apenas a mãe de um rapaz abraça-o por longo tempo e, soluçando, recomendando-lhe que não tome vento quando suado... Pobre mãe! Pobres mães!

A máquina começa a arrastar pesadamente onze carros de 2.<sup>a</sup> classe.

Dou um “pique-pique” a São Paulo. Lanço um último olhar aos que ficam e a estação desaparece.

Nos duros bancos de 2.<sup>a</sup> classe não há grande comodidade. Tudo é apertado. Não há lugar para se deixar o fuzil e a mochila fere os ombros ainda não habituados ao seu peso.

A viagem não promete ser mais das mais agradáveis; contudo, não se maldiz a falta de conforto porque é para a glória de São Paulo.

Tenho à minha direita um rapaz da Escola Politécnica – Fernando Mesquita – e à frente, o Orlando Longo, meu ex-colega de Ginásio e, atualmente, cursando engenharia.

Enquanto a composição desliza rápida sobre os trilhos, como os sanduíches e ouço anedotas. A disposição geral é ótima.

Ao escurecer, porém, começam as vociferações contra o comando:

– É o cúmulo! Até agora a gente sem comer nada. Isso é um absurdo!

– Por que não nos deram almoço no quartel?

Realmente, as longas horas em que estivemos formados sob o sol abrasador dariam de sobra para almoçarmos. E por que não providenciaram um jantar em Sorocaba? Nada mais fácil. O próprio povo se encarregaria de prepará-lo, pois, não há quem se negue a trabalhar pela causa de São Paulo e pelos seus soldados.

– Vamos mesmo para Itapetininga – afirma alguém.

Na terra de Júlio Prestes, entretanto – onde chegamos às 20 horas – apenas paramos cinco minutos. Na estação cruzamos com cento e poucos homens da cavalaria de Castro (do Paraná) que aderiram a São Paulo<sup>6</sup>. Vivas, “pique-piques” e o trem continua, continuando com ele as lamentações contra a falta de alimento.

Alguns estiram-se no chão, por entre os bancos, conseguindo dormir. Lamento ter que continuar acordado por não estar afeito a essas “comodidades”. O João Passos Maia dorme gostosamente com a cabeça metida em baixo do meu banco.

As janelas fechadas tornam o ambiente irrespirável por causa da fumaça dos cigarros.

Alta madrugada paramos em Itapeva. Bêbado de sono, desço a vidraça e peço às pessoas presentes notícias de meu irmão, ali residente. Ninguém sabe.

O trem prossegue na sua marcha. Agora não há dúvida: o nosso destino só pode ser Itararé. Estou ansioso por conhecer Itararé de 1930.

Às 9 horas da manhã do dia 15 de Julho de 1932 é satisfeito o meu desejo. Diz a tabuleta da humilde estaçõzinha.

ITARARÉ  
KILÔMETRO – 409

---

<sup>6</sup> Tendo chegado a Itararé, na noite de 13, o Tenente do Exército, Severino Nobrega, procurou e obteve o Major Garcia por intermédio desse oficial, a adesão do esquadrão (5.º R. C. D. do Paraná) que se achava em Sengés. À noite, esse esquadrão com seus oficiais e 150 praças passou para São Paulo (SILVA, H. C. A Revolução Constitucionalista: subsídios para a sua história. Org. pelo Estado Maior da Força Pública de São Paulo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932. p.140).



## ITARARÉ

Bombardeio da cidade.  
A primeira vítima.  
Haverá traição?  
Retirada “estratégica”...

**15 a 18 de Julho de 1932**

---

Desembarcamos desesperados por quebrar o longo jejum. Na estação um homem serve café tirando-o de um balde. Cada soldado tem direito a uma canequinha e a naco de pão. Levo ávido a bebida à boca, mas tenho que cuspi-la porque está intragável: fraquíssima e geladíssima.

Passo um telegrama à família: CHEGUEI ITARARÉ. TUDO CALMO.

Às 11 horas da manhã do dia 15 de Julho, o batalhão põe-se a marchar por entre a mais completa indiferença do povo. A cidade fica no alto de um outeiro, distante de uma estação. Subimos por uma rua estreita, comprida, cheia de buracos e chegamos a um largo ajardinado, tendo ao fundo uma igreja e à esquerda deste cinema. Este, um escuro barracão de madeira e zinco, servirá de quartel. Vê-se logo que há muito não é usado, pois cheira a mofo e pó. Restos de bandeiras descoradas feitas de papel de seda indicam uma remota festa.

Instalamos-nos em todas as divisões: plateia, frisas e palco ficam repletos de mochilas, fuzis e toda a matalotagem da soldadesca.

Espera-se o rancho. Às 14 horas, porém, tem-se licença para sair. Cada qual se defenda por si. Enchemos botequins, vendas e pensões. A Pensão São Paulo tem preferência por causa do nome.

À tarde fazem pagamento de munição cabendo cinquenta tiros para cada solda. Boa parte é defeituosa e não serve nos fuzis. Introduzo uma bala na boca da minha arma para verificar o estado do calibre desta e vejo, com surpresa, desprender-se a bala do cartucho. O pior é que este não tinha um único grão de pólvora! Com tal munição nos mandam para as trincheiras?! Ainda estamos em idade de brincar com espingardas de espoletas? Corre à boca pequena que há traidores infiltrados no movimento!

Ao jantar, uma intragável “chepa”, um nojento churrasco.

Escrevo:

*Itararé, 15 de Julho de 1932*

*Queridos Pais e Irmãos.*

*Após longa viagem de 19 horas seguidas cheguei às fronteiras com o Paraná. Felizmente está tudo calmo e será bem possível que dentro de poucos dias aí esteja possível que dentro de poucos dias aí esteja sem ter entrado no fogo. Acho-me um pouco cansado, mas com bastante disposição para o que der vier. Ontem passei o dia todo só com “sanduíches” que Papai me comprou, pois, refeição para soldado é só de vez em quando. Isso, entretanto, não tem importância; é bom a gente se acostumar a tudo...*

*A nossa situação aqui é muito favorável, não só pela disposição topográfica que é ótima, mas também pelo inimigo que não é grande coisa. Só o 13.º R. I. do Paraná é que não quer aderir, e segundo o aviador<sup>7</sup> que hoje fez evoluções sobre o campo inimigo, ele (o inimigo) se acha a 11 quilômetros de distância e na sua retaguarda está o 9º Batalhão do Paraná que é nosso. O único inimigo está, pois, entre dois fogos.*

*Estou escrevendo sobre o peitoril da janela de uma casa, do lado da rua, por isso não pode ser uma carta “comme il faut”. Está tocando recolher. Queiram aceitar um grande abraço do filho e irmão que dentro em breve estará de novo no seio da sua família.*

*Batalhão Universitário  
2ª Companhia. 1º Pelotão  
Itararé.*

Às primeiras horas do dia 16 assistimos missas campal promovida por congregados marianos. Há perto de 300 caminhões. O vigário não dá conta das confissões individuais sendo forçado a absolver em massa.

Ao evangelho faz comovente prédica provocando engolidelas secas e pestanejos nos mais sensíveis.

À noite, por ocasião da revista, ficamos sabendo que o Major Mário Rangel deixou o comando do batalhão passando-o ao Major José Garcia.

Só então, pela leitura do boletim, temos conhecidos da mudança do nome do Batalhão Universitário Paulista para **Batalhão 14 de Julho**. A notícia é recebida com desagrado pela tropa composta, na sua maioria, por

---

<sup>7</sup> Um avião vermelhinho, que afirmavam ser um particular e por ele dirigido (Tenente João Sylvio Hoeltz), vinha observando o inimigo em frequentes incursões, num trabalho incessante. Mesmo à noite voava, e os de baixo espiavam comovidos aquela luz vermelha, pequena e mortiça, passeando na noite fria e clara, a mais alta sentinela de São Paulo nos Itararés (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p.40).

acadêmicos. Todos preferiam o nome de Batalhão Universitário Paulista<sup>8</sup>.  
Escrevo outra carta à família procurando disfarçar a realidade:

*Isto aqui, é claro, não é um mar de rosas mas também não é tão ruim como pensei que fosse. Estamos aquartelados em um velho cinema há vários anos abandonado. Quando entrei tive péssima impressão, mas depois me acostumei com o ambiente. Dorme-se no chão sobre uma lona e como travesseiro tem-se a mochila de soldado. Isso talvez possa parecer que é um horror, mas não é tal, tanto assim que ontem me deitei às 9 horas e só acordei com a “alvorada” às 5 horas de hoje.*

No domingo – 17 de Julho – os primeiros tiros da artilharia inimiga caem nas trincheiras do 8º BCP<sup>9</sup>.

Algumas granadas passam rente à torre da matriz. Há um corre–corre na igreja causado por um grito de mulher. Soubemos depois que a preta que desmaiara durante a missa em virtude do susto havia morrido. A infeliz, em vésperas de ser mãe, foi a primeira vítima da Revolução no setor Sul.

Um soldado mostra-me uma granada que caíra na cidade sem estourar. Pela primeira vez toco num troféu desses.

À tarde começam a atravessar a cidade em doida disparada os cavalarianos<sup>10</sup> do 8º BCP que fazem ligação das trincheiras com o P. C. (Posto de Comando).

Algo de anormal está acontecendo. O 3.º pelotão da 3.ª Companhia do 14 desde a manhã está nas trincheiras. Os outros pelotões da mesma Companhia Seguiram mais tarde para a linha de fogo<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> À noite, o comandante Mario Rangel recebe ordens de se recolher à Capital e passa o comando ao Major José Garcia: “Tendo recebido ordens para me recolher à Capital, sinto comunicar-vos que terei de deixar o Comando do Batalhão 14 de Julho. Aproveito a oportunidade para conduta patriótica e disciplinada com que vos mantivestes, obedecendo aos nobres desígnios que vos transformaram de homens pacíficos e ordeiros em força armada e destemida. Comunico-vos, outrossim, que ficareis sob o comando do Major José Garcia, a quem peço observardes a mesma atenção que me dispensastes. Faço votos para o completo êxito da missão para que viestes, desejando-vos a vitória que há de ser nossa.” (Oficialmente, o Batalhão Universitário se transforma em 14 de Julho. É novo comandante: “Assumo nesta data o comando deste batalhão, ficando dispensado desse serviço o 2º Tenente João Garcia de Oliveira, que resumirá as suas funções. Determino que assumo o cargo de subcomandante desta unidade e Capitão José Guedes da Cunha (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p.41).

<sup>9</sup> A cidade abrigava, além do 14 de Julho, o 8º Batalhão de Caçadores da Força Pública paulista (8º BCP), com sede em Itapetininga, e dois esquadrões de cavalaria (MEDICI, F. P. Trem Blindado. São Paulo: Acadêmica, 1933. p.36).

<sup>10</sup> As corridas de cavalarias se sucedem com mais frequência, constituindo uma interrogação dolorosa para as 1.ª e 2.ª. Cias de reserva na cidade. Um cavalariano mais dramático atravessa a frente do quartel do “14” com frases deste gênero: “Romperam o flanco tal”. “Uma desgraça...” (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p.42).

<sup>11</sup> O 3º Pelotão parte pela manhã para as trincheiras, onde se combate. Os restantes da 3ª Companhia seguem mais tarde, visados pela artilharia inimiga. São colocados em linha de fogo, isto é, aguentando a fuzilaria inimiga sem reagir pela falta de ordens nesse sentido (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p.43).

Estamos impacientes com a demora. Queremos reforçar o flanco esquerdo que pede socorro, mas... não há ordem.

Por quê? ... – Dolorosa interrogação.

Somos obrigados a nos lançar por terra a cada momento por causa das granadas que assobiam ameaçando as nossas vidas<sup>12</sup>.

Passamos mal a noite preocupados com os acontecimentos.

Na manhã seguinte, dia 18 de Julho, em Companhia de alguns soldados, tomo banho no tanque do Grupo Escolar Rio Branco – nosso novo alojamento – quando o Tenente Bressane, de um momento para outro, dá alarme:

– ÀS ARMAS! ÀS ARMAS!

Tal ordem – gravíssima – ouvida pela primeira vez e de surpresa provoca um alvoroço nos banhistas. Vestimo-nos às pressas, tomamos dois fuzis e saímos à rua.

Felizmente não era preciso tanto barulho. Não se tratava de invasão e sim de “pirada” de soldados-não-estudantes...<sup>13</sup>.

A cena choca-nos profundamente, pois não podemos conceber, dentro de nosso idealismo, atitude tão estranha.

O 2º pelotão de nossa Companhia vai afinal ocupar o flanco esquerdo, quase totalmente abandonado pelos soldados da Força Pública.

A 1ª Companhia, e o resto da 2ª continuam impacientes na cidade. Finalmente, bem antes do tombar do sol, ouve-se o toque de reunir.

Rapidamente nos colocamos em forma.

– Chegou a nossa vez – murmuramos, agora sem entusiasmo, por causa das caras de pavor dos soldados retirantes.

Mas ao invés de seguirmos para à frente, tomamos o caminho da estação.

– Como! E a trincheira? Fugir assim sem dar um tiro!<sup>14</sup>

– São ordens. Trata-se de uma retirada estratégica...

---

<sup>12</sup> A artilharia inimiga, pela manhã, visa o campo de aviação, e, segundo se afirmou mais tarde, o quartel do “14”. A cidade está sofrendo a má pontaria dos canhões. (Pela madrugada um foguete soltado por adeptos do inimigo localizara o campo da aviação – a traição ainda no ar, dizem – e o resultado foi a artilharia sobre Itararé. Já na véspera, a luz da cidade era ligada com surpresa geral.) (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p.42).

<sup>13</sup> “Quinze horas. Cavalarianos, jogando com os últimos músculos da montaria, distribuem (agoiro jamais perdoado) a nova desgraça: “Está tudo perdido”. “O inimigo vem aí”. Não era o inimigo, que viria folgado mais tarde... “São ordens”... E distribuem a munição que ainda possuem aos homens do “14”, como se estivessem de partida, de licença. Dois oficiais tomam providências de momento, para evitar que o abandono se realize totalmente, e um deles, Rodrigues Alves, empunha o parábélum ameaçadoramente. Muitos voltam. Pobre São Paulo!” (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p.44).

<sup>14</sup> “O soldado não sabe geralmente das razões soberanas que levam os oficiais a dar certas ordens. Estas ordens igualmente nunca foram explicadas, na campanha toda. Consideremos com as circunstâncias do momento. Faltavam homens? Havia necessidade de tropas? E porque razão, então, deixaram, até o último momento, inerte, no alojamento, todo do batalhão?” (MEDICI, F. P. Trem Blindado. São Paulo: Acadêmica, 1933. p.41).

Uns seguem pela estrada de ferro, outros em caminhões e nós a pé pelo leito da linha férrea, em marcha forçada, quase em disparada, castigados pelos ardores solares, saltando de dormente em dormente, caindo aqui e acolá, até Ibiti, distante seis quilômetros.

Não sei descrever o meu estado nesta funesta retirada de 18 de Julho. Sinto a garganta seca, os olhos ardendo, as faces em fogo, o coração oprimido por um grande ódio e um profundo pesar. Para dizer a verdade o que eu sinto é VERGONHA!!!<sup>15 16 17</sup>.

---

<sup>15</sup> “Lamentáveis circunstância de ordem política haviam feito com que o alto comando constitucionalista deixasse, nos primeiros dias da campanha, mal guardada a fronteira meridional de São Paulo, onde a linha Ribeira-Itararé constitui a barreira de defesa natural. Em consequência, já então as forças invasoras, constituídas no momento por elementos gaúchos e paranaenses sob o comando do General Waldomiro de Castilho Lima, encontravam fácil sucesso que lhes proporcionavam um auspicioso início de campanha. Ao contrário, as unidades paulistas para aí mandadas (um batalhão e dois esquadrões da Força Pública e um batalhão de voluntários), batidas pelo inimigo como por elementos de covardia e de traição existentes no seu próprio seio, eram postos simplesmente em fuga, ao longo da linha da Sorocabana. Itararé, a invicta caía num passe de magia e, o adversário mesmo, esbarrava perplexo ante a facilidade do triunfo... Estava aberta a principal porta – a mais defensável de São Paulo! (BASTOS, J. A. Palmo a Palmo: luta no sector sul. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932. p.30).

<sup>16</sup> Itararé quase morreu pagã na revolução constitucionalista, tal o rápido e ridículo batismo que sofreu: um tirotear sem nexos, sobre um morro sem gente; uma artilharia tísica, tossindo, de hora em hora. A 18 de julho, a alma de iscarotes associava-se à de Itararé... e Itararé, a inexpugnável, desaparecida do cenário da revolução, caindo “num passe de magia” em poder do adversário” (MEDICI, F. P. Trem Blindado. São Paulo: Acadêmica, 1933. p.57).

<sup>17</sup> É interessante que o leitor tome conhecimento, através da palavra do inimigo, das dificuldades naturais que Itararé contrapõe à marcha de quem pretenda conquistá-la: “Vamos iniciar a marcha para Itararé. Segundo o último comunicado do alto comando, a cidade fora abandonada pelos paulistas. Nossa Infantaria já a havia ocupado. Estávamos ansiosos por passar a barreira famosa do rio cuja posse, em duas campanhas, tanto sacrifício exigira aos legionários de Outubro.”... “Em 1930 a cidadela se nos afigurava intransponível, quando da marcha que, em idênticas condições, fizemos sobre a cidade. Agora, mais uma vez, constatamos a conformação favorável à defesa desta região. A única estrada de acesso à cidade, sinuosa e de areia clara, serpenteia lá em baixo, enfiada em todo o trajeto por armas automáticas que se colocassem nas elevações que a margeiam, tornando-a inexpugnável (É claro que na hipótese de terem os defensores eficiência militar e firme vontade de resistir). Vamos iniciar, agora, a subida da célebre barreira do rio... Itararé, reduto famoso da História, em poder das tropas do Sul! Que contentamento indescritível o dos atacantes! (GONÇALVES, C. Carne para Canhão! o front em 1932. Rio de Janeiro: Renascença, 1933. p.21-22).



## DE IBITI A ITAPEVA

Entusiástica recepção.  
Uma noite no teatro São José.  
Outra retirada... “estratégica”!

**18 a 21 de Julho de 1932**

---

Ao escurecer chegamos a Ibiti, paupérrimo lugarejo constando apenas de pobre estaçõzinha e alguns casebres espalhados ao redor.

Mal aliviamos os ombros da mochila e do fuzil, novamente arcamos sob o peso deles a fim de tomarmos posição. Caminhamos cerca de quilômetro e meio na direção de Itararé, paralelamente à via férrea, dentro de um valo no qual nos entrincheiramos.

Sinto a nova sensação do entrincheiramento e a da espera do inimigo que, segundo os comandantes, não deve tardar. A nossa posição não é das melhores ou, com mais verdade, é péssima. Temos absoluta certeza de que não aguentaremos meia hora de fogo, nas condições em que nos encontramos. Que “bela estratégia”!

Tenho à minha direita um homem de um valor inestimável para o momento. Trata-se do Sargento Homero de Souza Neri, veterano em campanhas e “revolucionário por natureza”, como ele próprio diz. Ensina-me a preparar a trincheira, dá-me rápidas instruções sobre combate, mostra-me a melhor posição para atirar e até me previne que raiz de capim gordura “é o que há” para matar a sede. Grande amigo o Homero.

O sol assistira e aumentara o sofrimento dos soldados durante o dia todo, já se recolheu e, agora, protetoras sombras envolvem a mocidade paulista, imóvel e silenciosa no imenso silêncio da noite trágica.

Encolhido no fundo da trincheira porque o frio é de rachar, esforço-me para não dormir. O desânimo é geral. Todos estão abatidos. Ninguém fala.

Às tantas da noite, mergulhado em profunda sonolência, vejo-me completamente equipado, seguindo a fila que se dirige à estação. Não posso explicar esse fato, pois, não tenho noção do que se passou. Sei apenas que

de repente estava andando, seguindo os companheiros... Terei virado sonâmbulo? ...

Um trem está a nossa espera. A composição, às escuras, se estira lentamente levando consigo o desânimo de uma rapaziada briosa, vítima de seu próprio idealismo.

Sentado, com a cabeça encostada à janela fechada, começo a conjecturar sobre os últimos acontecimentos. Não compreendo o porquê daquele entrincheiramento num lugar tão desfavorecido pela situação topográfica. Além disso, era claro, claríssimo, que o inimigo não passaria de Itararé durante a noite.

O sono e fadiga começam a dominar-me e, então, meio dormindo, meio acordado, revejo ao longe duas centenas de cavalos arreitados, presos num pasto, à disposição do inimigo... um ter cheio de viveres abandonado na estação... trilhos não arrancados... pontes não demolidas... Itararé entregue... e o trem a repetir na monotonia da sua marcha: “Itararé entregue... Itararé entregue... Itararé entregue... Itararé entregue...”<sup>18</sup>

Pela madrugada o comboio para em Engenheiro Maia. Desço a fim de desenferrujar as pernas. Aproveito para lavar-me na “toilette” e, pela primeira vez, vejo-me no espelho. Estou irreconhecível. Cabelos compridos e em desalinho, barba crescida, pele gordurosa, barrenta e toda salpicada de carvão.

Horas depois a tropa tresnoitada desce em Itapeva. A primeira impressão é animadora não só porque está chegando reforço de São Paulo (o Batalhão Borba Gato) como – e principalmente – porque estão fazendo café. Tomamos um café quentinho e saboreamos um delicioso pão fresco.

O batalhão marcha agora para a cidade, distante três quilômetros. Automóveis em doida disparada, com escapamento aberto, levantam nuvens de pó na estrada sinuosa, conduzindo oficiais do alto comando. Num deles, todo compenetrado, ostentando no peito multicores condecorações, passa o General Klingelhofer.

A Escola Normal transforma-se em quartel. O prédio é grande, moderno e muito limpo. As normalistas fazem as honras de donas de casa

---

<sup>18</sup> Como voluntário paulista que cursava a gloriosa Faculdade de Direito de São Paulo, não posso deixar de protestar com veemência contra a torpe infâmia lançada sobre “os voluntários das academias de São Paulo” pelo getulista Clovis Gonçalves no seu apaixonado livro “Carne para Canhão”. Diz aquele artilheiro inimigo: “Nas trincheiras reacionárias, segundo o testemunho dos itararenses, havia em parte voluntários das academias de São Paulo enquadrados pelos soldados da Força Pública”. Assim ficaram vários dias nas trincheiras, alardeando aos quatro ventos, que ninguém passaria a barreira do Rio Itararé. Ao se iniciar, porém, o bombardeio a valentia de muitos eclipsou-se, completamente. Logo aos primeiros tiros estabeleceu-se, de modo incrível, o pânico nas trincheiras reacionárias. Os cultos soldados das escolas superiores passaram a gritar, uns aos outros: “Sauve qui pet !”, utilizando-se de língua estrangeira para garantir a retirada à custa do sacrifício dos soldados da Força Pública. Que contraste imenso entre as bravatas da véspera e subsequente traição, dizem-nos agora os itararenses.” Tal infâmia não pode passar sem um protesto!

distribuindo frutas e doces, cigarros e bebidas, sorrisos e olhares... Um encanto!

Desde que cheguei pergunto por meu irmão Carlitos. Ei-lo agora meio do pátio à minha procura. Mal tenho tempo de abraçá-lo, surge um enxame de moças curiosas por conhecer “o irmão do professor”. Dispensam-se apresentações. Somos paulistas, somos irmãos.

Segue-se lauto banquete com infinita e deliciosa verdade de pratos. Desconto os jejuns passados e armazeno para o futuro.

Terminado o almoço a minha Companhia é designada para guarnecer entradas. Que pena! Gostaria tanto de passar umas horas com meu irmão.

A tarde é linda. Do alto da colina onde acabamos, descortina-se deslumbrante panorama, o mais belo que se apresentou aos nossos olhos nestas terras do sul. Respira-se um ar puro que faz bem à gente.

À noite dá-se guarda. Uma sentinela fixa junto às barracas (que armamos pela primeira vez e última vez) e outra móvel percorrendo 200 metros ao longo da estrada.

Sentado junto aos que dormem, ponho-me a pensar na vida e acabo escrevendo à minha Mãe:

*Chegamos hoje à Itapeva e à tarde fomos designados para guarnecer a estrada entre Ribeira e Itararé, medida essa de pura precaução, tanto assim que toda a Companhia está dormindo. São 2 horas da madrugada. Levantei-me há pouco para ficar de sentinela. O silêncio é completo. Só duas pessoas estão acordadas: – eu que velo pelos meus companheiros, e uma sentinela a 200 metros vigia a estrada. A noite está maravilhosa. Ligeiramente fria. A lua ilumina todos estes campos, facilitando muito o serviço das sentinelas. O luar é tão claro que consigo escrever sem auxílio de outra. Luz nesta imensa solidão nada mais posso fazer do que dar rédeas ao pensamento. Pensei como filho; pensei como estudante; pensei como congregado mariano; pensei empregado; pensei como soldado. Os diversos aspectos da vida afluíram livremente ao cérebro. Tudo em desordem. Episódios insignificantes sem levar em conta o tempo e as circunstâncias. No meio desses fatos que recordam toda a minha vida, lembrei-me de uma frase dita pela Sra. no dia de minha partida: – “Agora não posso mais nem dormir sossegada. Os filhos estão, uns para cá outros para lá”. Comecei a meditar sobre essas palavras ditas em tom de justo e ligeiro queixume e acabei satisfeítíssimo. Parece impossível um filho alegrar-se com tristeza de sua própria mãe. Justamente para comunicar-lhe a feliz conclusão a que cheguei, escrevo-lhe a estas horas da noite.*

*Sim, Mamãe, a Sra. tem realmente passado noites de vigília, preocupada conosco. Tem mesmo derramado lágrimas com a nossa saída, mas a Sra. é sem dúvida, feliz.*

*Um de seus filhos, nos primeiros dias de sua mocidade, abandona o carinho dos seus, o conforto do lar, os parentes e amigos. Deixa tudo quanto tem e possui para se entregar de corpo e alma ao serviço de Deus. Essa separação foi dolorosíssima para a Sra. e a Sra. chorou quando se despediu do filho querido. Derramou lágrimas, não de revolta ou de ódio, mas de emoção por ter dado um filho ao serviço do Criador. Qual a alma católica que não chora de satisfação por contribuir para a maior glória de sua religião? – A Sra. sente a ausência desse filho, mas sente-se também orgulhosa e feliz.*

*Um outro deixa a casa paterna para constituir família. A separação também foi sentida e trouxe preocupações, mas o motivo foi natural e justo. A família é a base da sociedade cristã, e Sra. contribui assim para a maior consistência dessa sociedade. Um outro ainda deixa a casa de seus pais. Como o primeiro abandona tudo, sacrifica os próprios interesses e se entrega para o reerguimento de sua Terra. A partida do terceiro filho motivou novas lágrimas, novas preocupações, novas dores no seu coração de mãe. Mas também a Sra. sente-se feliz por contribuir com uma parcela, mínima embora, para o levantamento moral do Brasil.*

*Eis aí, cara Mamãe, porque contente em recordar as suas palavras, que à primeira vista só parecem conter tristeza. A Sra. tem ventura de prestar serviços à Deus, à Pátria e à Família.*

*Não é preciso mais – DEUS – PÁTRIA – FAMÍLIA – são tudo quanto há de mais nobre e sagrado. Não conheço outra pessoa em iguais condições. Fique, portanto, tranquila: nada nos acontecerá. Deus Nosso Senhor e a Virgem Maria vela por nós.*

*Dou razão a tantas pessoas que dizem ser a nossa família abençoada por Deus. Sim, somos abençoados porque tivemos quem nos criasse à sombra dos santos princípios da Religião de Cristo.*

*Bem, querida Mamãe, peço-lhe recomendar-me a Papai e irmãos, e a Sra. receba um beijo de reconhecimento de seu filho que muito a quer.*

No dia seguinte, pela manhã, dou um passeiozinho a cavalo. Pobre cavalo! Todos montar um pouco.

Depois do rancho o Guilherme Lira e eu escrevemos uma carta ao Eduardo Gaia, nosso velho narrando-lhe imaginárias e fantásticas proezas, tudo em tom de piada.

O Augusto de Souza Queiros, sempre irrequieto e serviçal – tão irrequieto e serviçal como nos tempos da Escola Modelo onde fomos colegas – anda de um lado para outro aperfeiçoando as barracas. Invocando sua qualidade de antigo escoteiro deita sabedoria por cima da turma sobre a arte de se armar barracas.

O Tácito de Souza, ao trazer-nos o café, conta-nos ter sido preso um soldado da Força que matara um faxinense por causa de 200 reais de pinga.

O Hermes substitui os botões pretos de sua farda pelos dourados do capote. “Com uma simples agulha e linha sou promovido a General” – diz ele.

Conversa-se, joga-se, conta-se piadas, esquece-se Itararé.

À noitinha somos rendidos, indo a nossa Companhia aquartelar-se no Teatro São José.

Há ordem para dormirmos equipados. Maldita ordem! Não existe maior tortura do que a gente passar a noite inteira apertado pelas cartucheiras, e às voltas com os bornais e a mochila. O cinturão é quase um cilício. Por que nos tiraram da estrada?

Nova ordem: – ninguém pode dormir. Deve estar tudo pronto para sairmos às 3 horas da madrugada.

– Tudo à mão porque sairemos no escuro, para o inimigo não nos ver – diz o nosso Tenente Ataliba Duarte, num velhote da FORÇA PÚBLICA

Tais medidas como é natural provocam um alvoroço.

– Inimigo por aqui? – exclamam surpresas todas as bocas<sup>19</sup>.

Mesmo assim alguém exhibe no palco suas habilidades. O José Altenfelder oferece uma artística “corbeille” ao dançarino: uma lata de lixo. Gargalhadas. Vaias.

– Silêncio! – explode num berro o Tenente.

Um quadro interessante:

No meio do cinema cinco estudantes formaram uma roda e puseram-se a palestrar. Aos poucos, porém, a conversa foi esmorecendo, esmorecendo, e ei-los agora num bom ressonar com as cabeças pendidas para a frente. Alguém, notando-os, faz um gesto de quem procura fósforos. Não é preciso falar. Outros o imitam e... zás! Os cinco saltam assustados batendo com a mão no pescoço para matar o “mosquito”.

Nova gargalhada geral. Novo berro do Tenente.

Assim, nessa estúpida prontidão, vem nos encontrar a manhã de 21 de Julho<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup> De Itararé a Itapeva foi um pulo para o adversário. Os retirantes, isto é os fugitivos, não tinham tempo nem a ideia elementar de destruir a linha férrea e, cúmulo do absurdo, a progressão do inimigo se fazia nos próprios comboios do absurdo ferroviários! E era um conquistar de glórias fáceis que inebriava oficiais e dava à tropa um entusiasmo que lhe ia multiplicar a capacidade combativa. Sob a impressão e notícias desse triunfar facilímo era natural que engrossasse a caudal que vinha para esmagar São Paulo. Formou-se em todos os estados do sul uma atmosfera favorável ao governo central e nela se perderam muitas dedicações à sua causa paulista; favoreceu ela a decisão dos milhares de indecisos que se inclinam sempre para o lado sobre o qual pendem as possibilidades de vitória e facilidades da luta. (BASTOS, J. A. *Palmo a Palmo: luta no sector sul*. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932. p.31).

Meu irmão passa pelo quartel e consegue levar-me à sua casa onde me serve café com leite, pão e manteiga (leite, manteiga – há quanto tempo!).

Troco a minha camisa encardida por uma das dele, alva e bem passada.

Por duas vezes minha cunhada se assusta com a queda das cartucheiras no chão. (Se as balas explodissem assim, que seria de nós, soldados, com os frequentes tombos?).

Chamam por mim. Despeço-me. O batalhão já está em forma. Tomo apressado o meu lugar.

– Para onde vamos? – pergunto para o Eduardo Pacce, meu vizinho da retaguarda, um rapaz baixinho, de voz rouquenha, que sorri quando fala e que já está adquirindo o hábito de acariciar com as mãos o cavanhaque em formação.

– Para a frente sul de Itapeva.

Ainda não são dez horas quando deixamos a cidade. Estou carregadíssimo. Na mochila levo roupas, apetrechos de barraca, laranjas, bananas, dois abacaxis e várias miudezas; a bissaca também vai cheia; as cartucheiras estão repletas. Para completar: no ombro direito o fuzil à bandoleira e na mão esquerda pesada picareta.

Arcado sob tão respeitável peso, sem almoço, e depois de uma noite em claro, percorro com meus companheiros em um vai e vem contínuo, fatigante, desesperador e inútil, no mínimo 8 quilômetros. Subindo e descendo encostas, atravessando brejos, rasgando cercas, tudo isso debaixo de um sol causticante, martirizado pela sede.

Por volta das 4 da tarde chegamos ao alto de um morro de vegetação rasteira, sem uma árvore, sem uma sombra. O sol queima e ofusca a vista. No mínimo seis, os mais gordos, não conseguiram subir. Deixaram-se ficar lá embaixo, estirados na estrada, desfazendo-se em suores, com as faces em fogo, a boca aberta, a respiração difícil, ofegantes, exaustos.

Temo pela sorte do Sílvio Passos Maia há dois dias gripado. Tem sede e não há água. A única salvação é um abacaxi verdeengo, o último existente na mochila.

Deito-me de bruços sobre o capim ressequido protegendo o rosto dos ardores solares. A cabeça ameaça estourar, um suor encardido escorre por todo o corpo. Não tenho ânimo para entregar a picareta e cavar a terra. Lutarei sem trincheira.

Felizmente vem a noite refrescar a tropa. Depois da guarda consigo dormir um pouco. Lá pelas 11 horas sou despertado por vozes e agitação ao redor.

---

<sup>20</sup> Nesta data, por determinação superior, localizou-se este batalhão, em postos avançados na frente sul de Itapeva, guarnecendo a Estrada de Ferro Sorocabana (Bol. do Bat. n. 4, de 21 de Julho). (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p.51).

– O que? – exclamo cheio de ódio – Depois de tantos sacrifícios abandonar a posição? Qual, assim não há quem aguento<sup>21</sup>.

Descemos todo o calvário galgado com tanto sacrifício. O frio é rigoroso e a densa cerração não nos permite alongar a vista. Após longo caminhar divisamos uma luzinha fraca brilhando dentro da neblina. É a estação, quase deserta. Meia dúzia de soldados e uma locomotiva fumegando à frente de umas gôndolas e carros de bagagem. É que somos os últimos. Por pouco não ficamos esquecidos.

Entramos num carro de correio, mergulhando-nos na negridão das trevas. Sou um dos primeiros a entrar e, às apalpadelas, acomodo-me no fundo do carro deitando-me de atravessado. Há protestos:

– Se todos se escarrapacharem assim o vagão não chega!

– Vamos! Encolham-se!

Não há remédio senão obedecer. Sento-me encostado na parede, ergo os joelhos à altura do queixo agarrando-os com os braços. Aos poucos, porém, dou um jeitinho e a posição torna-se menos incômoda.

A máquina arranca a saída sem apitar, avançando às cegas pela neblina a dentro. O silêncio é quebrado pelas constantes lamentações de todo o gênero.

– Perdão, hospitaleira Itapeva! A culpa não é nossa. Não somos covardes. O nosso desejo era ficar contigo, era morrer defendendo a tua terra, a tua gente, a tua nobre gente<sup>22</sup>.

– Perdão... Adeus... É a “estratégia...”

---

<sup>21</sup> A 21, por determinação superior, embarcou em Itapeva, com destino a Itapetininga, onde chegou a 22, acantonando-se no prédio da Escola Normal (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. Saraiva, 1933. p.53).

<sup>22</sup> Itapeva, importante cidade dos rincões meridionais paulistas, também caiu à simples aproximação do inimigo e, em noite que o frio cortante dava cores negras à situação... Eram soldados da milícia estadual que assim procediam, misturando nesse fugir desabalado os voluntários cheios de idealismo e de fé, de bravura e de disposição ao sacrifício, que, falhos porém de experiência e de instrução militar, constituíam o batalhão 14 de Julho (BASTOS, J. A. Palmo a Palmo: luta no sector sul. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932. p.32).



## ITAPETININGA

Um pouco de folga.  
Barba, cabelo e banho.  
Uma mentirazinha pelo telefone.

### **22 a 24 de Julho de 1932**

---

O trem leva-nos aos solavancos mas, mesmo assim, consigo tirar uma soneca. A certa altura uma linda canção faz-me esquecer onde estou:

.....  
O meu castelo  
Era belo  
Todo feito de luar  
Para amar...  
.....

Parece um sonho. Quem estará espantando seus males com tão maviosa voz? Será José Altenfelder? Provavelmente, pois ele é o Caruso do batalhão.

Na manhã de 22 desembarcamos em Itapetininga onde notamos grande movimento de tropas nas proximidades da estação.

Marchamos para o quartel da cidade, mas, já o encontramos ocupado pelo “Borba Gato”, rumamos para a Escola Normal. Instalamo-nos nos três elegantes prédios situados no ponto “chic” da cidade, numa linda praça onde se reúnem as lindas filhas da terra. Sem dúvida ganhamos com a troca.

Meio-dia. O quartel desde cedo está impedido; entretanto, há diversos soldados passeando pelas ruas causando inveja aos de dentro. O Sívio Passos e eu descobrimos um jeito de “obter licença” e tratamos de procurar um almoço mais apetitoso do que o intragável rancho.

Com os estômagos satisfeitos saímos para conhecer a cidade que já percebemos ser grande, bonita e movimentada.

Ao passarmos por um barbeiro proponho que cortemos o cabelo e façamos a barba. Quanto ao cabelo estão todos de acordo, mas sou o único a raspar a barba. Os colegas fazem questão de conservar a “reliquia de guerra”.

O Sebastião Fleurí e eu resolvemos tomar um banho. Descobrimos uma pensão e para nos dirigimos. A dona de casa embora receosa, atende

prontamente o nosso pedido, mandando fechar todas as torneiras para que a água suba ao chuveiro. O quarto de banho é minúsculo, escuro, cheio de trastes velhos e de roupa usada. Usada também, muito suja, é a toalha que nos dão.

Ao escurecer jantamos em um hotel e voltamos depois para o alojamento.

À noite correm insistentes boatos de que a Marinha aderiu à revolução. A tropa delira de alegria. Vivas, “pique-piques”, discursos do Tenente Ataliba, uma barulhada. Alguns como eu, não dão crédito.

Mais um boato! – dizem que o Cel. Salgado morreu. É possível porque o seu filho Waldemar, nosso companheiro, teve ordem de partir para São Paulo<sup>23</sup>.

Murmura-se também sobre as alterações que teriam havido no alto Setor Sul. (13,14 e 15)

Na manhã de 23 escrevo a uma de minhas irmãs procurando justificar as frequentes retiradas:

*Depois que deixamos Itararé, passamos dois dias em Itapeva e ontem chegamos em à Itapetininga. Essas recuadas das forças constitucionalista tem por fim evitar derramamento de sangue. Aqui serão encontradas todas as forças e então fecharemos o inimigo em um círculo de fogo. A tática é essa.*

*Ontem foi para mim um dia de feriado nacional. Tivemos folga o dia todo. Imagine só que tomei banho, cortei o cabelo e fiz a barba; almocei e jantei como gente sentado à mesa. Pela primeira vez também o nosso sono não foi interrompido. Dormimos como príncipes em um fofo assoalho da Escola Normal.*

No domingo – dia 21 de Julho – o batalhão vai em forma assistir missa que é celebrada num altar improvisado nas escadarias da matriz.

Depois da “chepa” aparece no quartel um fotógrafo. Os alunos das escolas superiores tiram grupos em separado. O da faculdade de Direito não prestou e assim perdi a pose e perdi \$ 2.000,00.

A rapaziada aproveita a tarde bonita para se espalhar pelos jardins, cinemas e clubes. Quer passeando, ou assistindo fita ou dançando, o

---

<sup>23</sup> Ia ser feito em Santo Amaro, nova experiência de outro tipo de morteiro a ser empregado nos combates. Foram assisti-la o General Klinger, o Coronel Marcondes Salgado e outros oficiais do Exército e da Força Pública. Quando esses militares chegaram, algumas experiências já tinham sido feitas com êxito. Prosseguiram os trabalhos sem novidade, quando uma das granadas, em vez de projetada fora, explodiu dentro do tubo. Estilhaços voaram, após o ensurdecedor estampido, sendo que um deles foi atingir o Marcondes Salgado no pescoço, seccionando lhe a carótida. Apenas dois passos ele deu e, morto, caiu de borco no solo (BRUSSOLO, A. Tudo pelo Brasil: diário de um repórter sobre o movimento constitucionalista. São Paulo: Paulista, 1932. p.51).

soldado, em geral, “flerta”, quer seja viúvo, casado, noivo ou “quase” ... É a atração da farda!

Poucos fazem como o Sebastião Fleuri e eu que passamos o dia no recreio da Escola Normal, à sombra de frondosas figueiras, para só sairmos à tardinha. Aproveitando o dia costurando roupa e escrevendo.

Encontro-me na porta do Clube com o Cid Pinto Cesar, o Celso Alves Lima, o Tenente Gaia e o Benedito Castrucci, este último Tenente do “Borba Gato”. Dirigimo-nos a uma leiteria e o Sargento Celso promove-se a “Coronel” pagando média chocolatada para todos.

Depois a turma se divide. O Cid leva-me à casa do Sr. Silvio Souza Pereira, conhecido velho de meu Pai e, segundo o Cid, nosso parente comum.

De lá telefono para São Paulo.

Sinto profunda emoção ao ouvir a voz comovida de meus pais. Querem saber como eu vou passando, se estou bem de saúde, se nada me aconteceu. Perguntam se Carlitos corre perigo (digo-lhes que não, mas sei que sim) e se ele pode fugir com a família para São Paulo (digo-lhes que sim, mas sei que não).

Antes não tivesse telefonado. Agora estou triste, preocupado, cheio de saudades. Arrependo-me ainda porque tenho certeza de que está noite Mamãe passará em claro.

Deito-me cedo.

Às três e meia da madrugada, toque da “alvorada” e logo em seguida o de “reunir”. De mau humor porque nos interromperam um sono gostoso, vamos para o pátio pouco iluminado. Falta muita gente. É que a maior parte foi à um baile numa casa de família. Aos poucos os notívagos vão chegando.

A tropa toma café, espalhada pelo recreio. Perdemos-nos uns dos outros na madrugada escura; de que valem aquelas estrelas ainda acesas?

Aproximo-me de um pequeno grupo que, de momento a momento, solta gostosas gargalhadas. É o Cabo “Bagunça” contando as suas proezas.

Tipo curioso esse “Bagunça” com a sua cabeleira vermelha, encaracolada e em desalinho; a cara coberta de sardas, a boca escancarada pondo à mostra uns dentes enormes e estragados.

Está narrando com os mínimos detalhes a sua maior façanha. Trata-se de um formidável “desaperto” de fuzis. Estando a sua esquadra pessimamente munida de armamento, resolveu ele substituir os “trastes velhos” pelos novíssimos fuzis dos soldados do “Borba Gato”. Para isso entrou com a esquadra em forma no quartel daquele batalhão, em cujo pátio luziam ensarilhadas as cobiçadas armas. Com pose de um grande General deu vozes de comando fazendo os seus homens ensarilhar ao lado dos outros fuzis. Depois de umas “tapeações” com a sentinela, mandou a esquadra dar um passo à direita ficando assim os soldados junto do

armamento do “Borba Gato”. Em seguida gritou: – “Desensarilhar armas! Meia volta volver!” – “Ordinário, marche!” ... E os soldados do 14 saíram conduzindo os fuzis ainda não batizados, deixando aos seus colegas os imprestáveis cacos da Grande Guerra.

O mais gozado – termina ele – é que logo depois vendo o “conto” em que caíram, vieram reclamar ao nosso Major exigindo a restituição dos “paus–furado”. E sabem o que o comandante respondeu? – Ora, o que vocês querem que eu faça. Eu não posso com esse “Bagunça”; pois ele já “desapertou” até o meu capote...

Uma brisa agradável, passeia pela madrugada enquanto um azul–leitoso se esparrama pelo céu já sem estrelas. Dealba.

Dizem uns que vamos para Capão Bonito; outros, para Buri. Nada de positivo<sup>24</sup>.

Entra-se em forma e espera-se. Espera-se e continua esperando. Somente às 7 horas e 30 minutos da manhã partimos para onde?

---

<sup>24</sup> De pronto verificou o Coronel Taborda que cumpria tirar a tropa de Itapetininga onde se fora ela se refugiar nessa fuga desabalada de Itapeva e fazê-la enfrentar firmemente o adversário. Havia tempo de disputar-lhe ainda posse de Buri. Essa pequena cidade paulista oferecia no caso, particular interesse militar. Importante nó de comunicações, sua posse garantia uma cabeça de ponte para além do Apiaí. Sobre a via férrea, essa localidade marca o início da grande campina ondulada que existe entre o citado Apiaí e o Paranapanema. Para lá, dificuldades de terreno, zonas de mata – segundo a frase de um inimigo morto em combate, “terra de bibliotecas e de carrapatos”; para cá, natureza verdadeiramente acolhedora – lindos descampados onde a própria guerra parece menos rude... De par com isso, Buri se apresenta num desfiladeiro de fácil defesa. E sede de grandes depósitos se xisto betuminoso onde, em caso de necessidade, ir-se-iam buscar certos recursos na destilação desse material. De acordo com o que lhe parecia urgente, o Coronel Taborda organizou com perfeição e acerto quase matemático o que teria sido a MANOBRA DE BURY (BASTOS, J. A. Palma a Palma: luta no sector sul. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932. p.34-35).



## CAPÃO BONITO

Um avanço de 10 léguas.  
Peripécias da 3.<sup>a</sup> Cia.  
Morte do Tenente Ruytemberg Rocha.  
Treinando para o dia da vitória...  
Uma guerra intestina no 14.  
O novo Comandante.

### **25 de Julho a 2 de Agosto de 1932**

---

O 14 de Julho vibra de entusiasmo! Martirizado com tantas retiradas vergonhas, delicia-se agora com um grande avanço de 10 léguas, rumo à Capão Bonito.

Dez léguas?!! Então cortaremos a retaguarda dos paranaenses! Agora sim, havemos de mostrar quanto valem os paulistas!

O “bota–fora” é bastante concorrido, não obstante a impropriedade da hora. De pé nos caminhões, damos vivas a São Paulo, à Itapetininga, às normalistas. Estas erguendo os braços de mil adeuses, retribuem a saudação dos acadêmicos, ao 14 de Julho, a São Paulo.

De conformidade com os novos planos militares, a 3.<sup>a</sup> Companhia<sup>25</sup> do 14 e outros elementos seguem de trem até Buri onde deverão fazer frente ao inimigo, ao passo que o restante do 14 de Julho e outras unidades fariam um movimento envolvente por Capão Bonito, Guapiara e Ribeirão Grande<sup>26</sup>.

---

<sup>25</sup> A 3.<sup>a</sup> Companhia do 14 de Julho que partira pela estrada de ferro chega a Buri, quilômetro 292, às 17 horas, depois de uma parada de duas horas em Vitória Carmilo (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p.68).

<sup>26</sup> Tirando desde de logo a tropa de Itapetininga, organizou em Buri uma oposição defensiva que receberia o choque do adversário, enquanto um forte agrupamento de cerca de mil e quinhentos homens de infantaria apoiados por artilharia e sob o comando do Tenente Coronel Moraes Pinto, fazia um largo movimento contornante por Capão Bonito-Guapiara-Ribeirão Grande, sobre Itapeva e Rondinha, visando as retaguardas adversárias. Realizada em boas condições essa ideia do comandante do Setor era infalível o sucesso.” ... “Essa realização dependia, porém, de dois elementos indispensáveis que falharam lamentavelmente: - uma sólida resistência na posição de Buri e boa execução do movimento contornante.” ... Houve, entretanto, elementos de notável firmeza, aos quais se deveram as pesadas baixas sofridas pelo adversário. O Trem Blindado abriu nesse dia a série de suas inesquecíveis façanhas; o batalhão 14 de Julho teve pelotões que só recuaram quando submergidos pelas sucessivas ondas assaltantes; o esquadrão do 11.<sup>o</sup> R. C. I., do Tenente Jardim, não teve uma vacilação, e deixou Buri quando o último de

A entrada de rodagem São Paulo–Paraná é um orgulho para os paulistas que a construíram. Ampla avenida, digna do Estado líder.

O céu está lindo, sem nuvens; o dia claro, límpido, radiante com a avançada constitucionalista.

A viagem é agradável. Conversamos, rimos, admiramos a natureza. Todos estão alegres.

Agora acabamos de descer uma forte ladeira e os carros voam pela estrada plana. Numa curva quase tombamos, o que obriga o Pirajá a chamar a atenção do “chauffer” pela falta de cuidado.

Só a poeira não é nada agradável. Protegemos o nariz e a boca com o lenço, sendo que alguns amarram-nos à moda dos bandidos. Que poeirão! Cabelos, sobrancelhas, pestanas, tudo tem cor de terra.

Enxerga-se ao longe a torre de uma igreja e logo mais uma cidadezinha pobre.

Os caminhões param numa curva a fim de carregarmos os fuzis porque a cidade pode estar ocupada pelo inimigo.

À pequena distância ergue-se na estrada uma casinhola de barro, miserável venda. Embora tenha alguns pães no bernal, imito os companheiros comprando uns biscoitos ordinarríssimos. Medida de simples precaução, pois, um soldado vale de dez quando sabe que quando na luta não passará fome.

Entramos em Capão Bonito sem dificuldades e nos instalamos no prédio do Grupo Escolar.

Consta que a 3ª Companhia encontrou o inimigo em Buri travando com ele terrível combate<sup>27</sup>.

Realmente na manhã seguinte começam a chegar alguns soldados. Vem desfigurados porque tiveram uma noite de forte tiroteio e fizeram penosa caminhada de 35 quilômetros a pé. Muitos se deixaram ficar pelo caminho sem ânimo de prosseguir, para só chegar no outro dia. O João Guzzo Filho vem todo estropiado e faminto.

---

seus defensores já o tinha feito; o próprio comandante de Setor, que pessoalmente dirigia a ação, só a deu por terminada quando a progressão do inimigo atingia quase o seu P. C. batido por tiros de metralhadora a trinta metros de distância (BASTOS, J. A. *Palmo a Palmo: luta no sector sul*. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932. p.36-37).“ ...e essa operação de Buri que poderia ter sido para as nossas armas um brilhantíssimo sucesso, desfazia-se melancolicamente na perda lamentável de uma posição vantajosíssima... (CAMARGO, A. de A. *A epopeia: o batalhão 14 de julho*. São Paulo: Saraiva, 1933. p.39).

<sup>27</sup> Com essa operação de Buri a 26 de Julho, estava porém encerrada para a coluna General Waldomiro a época dos facilísimos sucessos... Os que ainda conquistaria demandariam tempo, preparação e sangue derramado; com exceção única da tomada de Ribeira, onde o fraquejar inesperado de um valente abriu as portas da cidadela até então irredutível à passagem de trinta cavalarianos aparecidos à sua retaguarda!... A partir dessa data, as “partes de fim de jornada” existentes no arquivo do Setor Sul, são a narrativa cotidiana dos acontecimentos ocorridos. É certo que na rigidez dos seus parágrafos não traduzem as emoções a que se submetia o comando do setor e seu estado maior e às quais as circunstâncias especiais da campanha davam intensidade peculiar.” (pag. 44)... “... pode-se concluir de tudo quanto lá se encontra, preço de construção da muralha militar desse Setor, onde o inimigo não passaria, - feita com os mesmos seixos rolados nas enxurradas de Itararé e de Itapeva!...” (pag. 45). “- Todo o bando imenso dos fugitivos de Itararé e de Itapeva constituía agora uma força ponderável que, dentro das restrições impostas pela deficiência de meios materiais, iria de opor à progressão do adversário por meio de manobras adequadas à situação. (BASTOS, J. A. *Palmo a Palmo: luta no sector sul*. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932. p.48).

Quis o acaso que a 3.<sup>a</sup> Companhia fosse a primeira a entrar no barulho. Os soldados ficaram orgulhosos com isso, apesar do triste desfecho, pois, tomados de surpresa viram-se obrigados a recuar após algumas horas de luta.

Não obstante, estão contentes e narram entusiasmos as peripécias e perigos por que passaram. Todos enaltecem o heroísmo do Capitão Gutemberg que só deixou de dar exemplo de coragem e bravura quando uma bala o derrubou para sempre.

Contam também – com ares de anedota – que em dado momento, quando guerreavam em campo raso, uma bala cravou – se no chão à pequena distância de um voluntário alto e magro, jogando-lhe terra no rosto. Ele gemeu e ficou imóvel.

– “Coitado... morreu...” – disseram os companheiros. Nisso há ordem de avançar. Com grande espanto, o primeiro a se levantar foi o “cadáver” alto e magro...

Em Capão Bonito a vida é das piores. Passeia-se pela cidade, frequenta-se a Matriz (uma bonita igreja em completo desacordo com as velhas e humildes casas que a rodeiam), conversa-se nos bancos, ou de preferência, na grama do jardim.

O “seu” João do “Hotel Comércio” não tem mãos a medir. O 14 em peso prefere os seus frangos à intragável carne seca do Tenente Artur.

Passamos os dias nos quintais chupando laranjas, lavando roupa e tomando banho nos riachos. Alguns “espiontam penosas”. Combato essa prática. Se temos o “rancho duas vezes ao dia e o hotel onde geralmente comemos, para que furtar as galinhas desta pobre gente?”

O Silvio Passos Maia torna-se o meu maior amigo. Tudo quanto recebemos de São Paulo repartimos um ao outro. Não nos largamos um só instante.

Certa ocasião tendo lhe perguntado se a amizade era comigo ou era com o meu canivete que ele ocupava mais do que eu, respondeu-me gracejando:

– Com os dois. Sou, porém, mais grato ao canivete porque me tem prestado mais serviço que você.

Diariamente fazemos exercícios de ordem unida para o desfile na Avenida Rio Branco no dia da vitória. Afirma que o Pedro de Toledo faz questão de ir ao Catete acompanhado pelo 14 de Julho.

Todas as noites há escalações para o serviço da guarda. No começo achávamos muito desagradável levantar com o frio de madrugada para ficarmos horas inteiras de sentinela, mas agora já nos acostumamos. Para mim é até um prazer ficar sozinho no silêncio da noite. Nessas horas entrego-me às mais variadas e deliciosas divagações do espírito. Abandono

a guerra com todos os seus horrores, misérias e sofrimentos para acolhe-me gostosamente na calma, no conforto na felicidade do meu lar. Nada melhor do que essas vigílias! É durante a guarda que mato as saudades dos de casa, que passeio pelas ruas queridas do meu bairro, que me encontro com os meus amigos... Mas isso é só um instante. Num abrir e fechar de olhos volto à dura realidade de sentinela com os ouvidos aguçados, a vista vigilante, a atenção afiada.

Escrevo ao meu pai contando “vantagens”:

*Graças a isso continuo com bastante saúde e disposição. Às vezes fico admirado de ver como tenho aguentado tanta coisa sem me abater. Não sinto nem ao menos cansaço. Tenho andado quilômetros e quilômetros a pé, carregando nada menos de 20 e tantos quilos, sob um sol abrasador, e não sinto fadiga excessiva. Basta ficar alguns minutos deitado em alguma sombra para refazer as forças dispendidas em horas de trabalho. Até sede, fome e sono consigo vencer. Nunca pensei que fosse capaz de suportar tantos sacrifícios. Pareço outro homem. Tudo isso é efeito moral da causa que com ardor abracei.*

Depois dessas vantagenzinhas que têm por fim exclusivo a tranquilidade da família, refiro-me à tropa e ao comando no mesmo diapasão:

*O entusiasmo da tropa é cada vez maior. O desejo de todos é “pipocar” vencer o inimigo o mais breve possível, mostrar o valor dos paulistas. Se não fosse a prudência do comando geral que está nos poupando o mais possível, mostrar o valor dos paulistas. Se não fosse a prudência do comando geral que está nos poupando o mais possível, seriam enormes as nossas baixas porque o nosso desejo é lutar sem interrupção até derrubar o inimigo.*

*Um dia apenas sentimo-nos abatidos: foi o da retirada de Itararé. Desconhecendo o motivo da retirada – pois o soldado nada sabe – julgamos-nos derrotados, e então, protestamos contra a saída vergonhosa de uma tropa que ainda nem tinha visto trincheiras. Posso lhe afirmar que sentimos desejos de desobedecer as ordens dos superiores para não parecer que nos acordávamos perante o inimigo. Essa retirada, foi talvez, o pior pedaço que passei. Fizemos uma caminhada de seis quilômetros quase em acelerado. Não sei descrever o meu estado psíquico. Sei que ardi de febre e o mesmo aconteceu a muitos soldados que se abateram com a retirada.*

Um pouco de mentira:

*Felizmente ao anoitecer chegamos a Ibiti, e então ficamos cientes do plano traçado pelo comando. Criamos alma nova, o entusiasmo voltou e nos entrincheiramos à espera dos paranaenses que não conseguiram chegar até lá...*

Um pouco de verdade:

*Agora estamos levando um vidão! Almoçamos e jantamos diariamente, nos abarrotamos com laranjas que por aqui há em abundância e aproveitamos o tempo para lavar e costurar nossas roupas.*

Na transição de 27 para 28, mal começo a dormir, sou importunado por diversos colegas que passam por cima de mim num incessante entrar e sair da sala.

A minha cama, ou melhor, o meu pedaço de assoalho fica junto à porta e, por isso, cada vez que esta se abre recebo um golpe de vento frio. Amaldiçoado aqueles que a deixam entreaberta, mas nada consigo.

Em dado momento perco a calma e meto um formidável pontapé na porta, acordando todo o alojamento com o estrondo. Queixas, reclamações, discussões e, no meio da escuridão, se esclarece o fato: – a tropa está atacada de disenteria.

Só o Sargento Siqueira – segundo afirmou – levantou-se 16 (dezesseis) vezes durante a noite passando por cima de mim nada menos de 32 (trinta e duas!) vezes. A maior parte pulou sobre o meu pobre corpo, no mínimo 4 vezes cada um. E durma-se com um barulho desses! ...

Foi uma verdadeira guerra... intestina. A causa do levante é ignorada. Todos sabem, entretanto, que a luta fora renhida, pois, aniquilara centenas de soldados.

Só se vê caras pálidas e olheiras arroxeadas. A pureza do ar está comprometida... As escadas, os quintais, as próprias ruas, apresentam-se em mísero estado. É preciso muita atenção no caminhar... A enfermaria não tem mais remédios. O corpo médico voou à Itapetininga em busca de medicamentos<sup>28</sup>.

Uns atribuem o fato à água de poço; outros às laranjas já extemporâneas. Todos, porém, acusam o comandante por haver fechado, dias antes, as instalações sanitárias do Grupo Escolar, obrigando a tropa a infectar os quintais.

Poucos, como eu, deixam de compartilhar a desgraça. Atribuo à epidemia a água de poço, porque desde que cheguei a Capão Bonito tenho combatido a sede somente à custa de laranjas.

---

<sup>28</sup> Telegrama do médico-chefe do batalhão: "Moléstia não esclarecida ainda. Permanecerei em Itapetininga providenciando medicamentos e outros materiais. Seguirá o serviço médico – sanitário com desinfetadores. A tropa deve tomar água fervida e mudar imediatamente de alojamento. É absolutamente necessário isolar nosso batalhão para que não transmita a doença a outras tropas. Ontem seguiu material médico que deve estar no corpo de saúde 8º batalhão". (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p.77).

O Major fica furioso por lhe atirarem a culpa nos ombros e seus lábios murchos tremem de ódio quando uns acadêmicos de Direito encabeçados pelo “Bauru” e pelo “Fubá”, dois pândegos, cantam em versos bocageanos o terrível flagelo.

Decoramos em dois tempos as quadrinhas e, ao som de um pandeiro “desapertado” algures, cantamos entre risadas um espetáculo tão triste.

No dia seguinte estão todos com melhor aparência e alguns até completamente curados. Logo cedo a minha Companhia abre trincheira a 50 metros do quartel, para as bandas de Buri.

Parece que esse trabalho era apenas para dar o que fazer à gente porque não se receia combates por esta zona. É sempre bom um treinozinho.

Uma hora depois de iniciar o trabalho, tenho os rins doloridos e as mãos cheias de calos. O Pirajá diverte-se em filmar os suores da gente com a sua “Pathé-Baby”.

A tarde – por medida higiênica – mudamos de alojamento, ficando o batalhão distribuído por diversas casas, o que não é tarefa difícil porque a cidade está praticamente deserta.

O meu grupo vai ocupar as dependências de um pequeno clube (provavelmente um grêmio estudantil) onde há modesta biblioteca, simples estante com obras de Machado de Assis, José de Alencar e outros autores nacionais. Nada mais natural do que a estudantada, saudosa dos livros, sinta atração pela literatura e não faça cerimônia em tomar um banho de espiritualidade, sacudindo a poeira materialista de sua vida de soldado. Que delícia a gente ficar estendido no assoalho lendo belas páginas de um romance de amor! Os livros, uma vez lidos, voltam à estante ou ficam atirados pelos cantos, mas ninguém se apossa deles. Para ser preciso, devo registrar que certo soldado tentou se apropriar de um volume, no que foi impedido por colegas.

Nesse mesmo dia – 29 – há grande alvoroço no largo da Matriz. Consta que o Governo Federal foi deposto. Vivas, “pique-piques”, uma loucura coletiva.

Dias antes diziam também que o Pedro de Campos havia retomado Itararé. Boatos, boatos e mais boatos.

Vendo a agitação geral, o Major Moraes Pinto<sup>29</sup> corre ao coreto, no centro do jardim, e acalma o entusiasmo com palavras pausadas e um tanto acaipiradas:

---

<sup>29</sup> O senhor Tenente Coronel Pedro de Moraes Pinto comunicou hoje em ofício que, de ordem do senhor Coronel Brasílio Taborda, comandante das tropas em operações no Sul, este batalhão, passa a pertencer ao Desenvolvimento sob seu comando (Boletim do Btl. n. 10, de 29/7/32). (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p.81).

– Olha aqui – começa ele – o “peixe” que apareceu é muito grande para sair d’água, por isso vocês acabem com essa alegria e se ponham em forma.

Quando terminou de falar, já não era mais o Major Moraes Pinto e sim o Major “Olha aqui”.

1º de Agosto de 1932.

O Batalhão completamente equipado desfila a passos cadenciados no campo de futebol.

Vai ser empossado o novo comandante do 14 de Julho – Capitão Cândido Bravo. Dizem que é cândido para os comandados e bravo para com o inimigo. Assim seja.

Não obstante a pouca idade – ou talvez por isso – parece ser um homem energético. Tem o olhar severo e forte. Fala encarando a tropa com firmeza.

Assume o comando interinamente, pois o comandante efetivo será o Major Heliodoro Marques<sup>30</sup>.

Ficamos satisfeitos com o novo comandante.

Durante o resto do dia e, mesmo nos seguintes, há soldados que repetem as primeiras palavras do Capitão Bravo, imitando a sua postura napoleônica:

Soldados da Lei

Soldados de São Paulo

Soldados do Brasil

---

<sup>30</sup> Sejam comissionados nos postos de Major e Capitão o Capitão Heliodoro Tenório da Rocha Marques e Tenente Cândido Bravo. Assuma o comando do Bat. 14 de Julho Sr. Major Heliodoro T. R. Marques. Sejam incluídos no Bat. 14 de Julho os senhores Major Heliodoro T. R. Marques, Capitão Cândido Bravo e 2º Tenente Napoleão José Leite, este último com transferência de Carro de Assalto (Bol. do Q. G. n. 5, de 1º 8). (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p.82).



## SÃO JOSÉ DO GUAPIARA

Castigados pelas chuvas.  
Um desastre.  
A caridade de um preto velhote.  
Capacetes de aço.  
Véspera de combate.

### 3 a 5 de Agosto de 1932

---

*Capão Bonito, 3 - 8 - 32*  
*Papai*

*Continuo passando bem. Nada de novo neste setor, tanto assim que seguimos neste instante para Guapiara.*

Com o entusiasmo característico das partidas, embarca o 14 de Julho nos caminhões, rumo a São José do Guapiara.

Já era tempo. A vida calma em Capão Bonito deixou a tropa neurastênica. O soldado necessita de atividade. Todos desejavam novos sustos e perigos porque ninguém se alistará para ficar chupando laranjas de baixo das árvores. Era preciso lutar.

A princípio o dia estava lindo e a viagem agradável, mas agora, o céu coberto de nuvens negras e volumosas, apresenta um aspecto ameaçador. Ouve-se ao longe o ribombar dos trovões. Tiramos as lonas da mochila para enfrentarmos a tempestade que não tarda.

Com efeito, dentro de poucos minutos grossos pingos começam a cair, e, logo mais, toda a nossa preocupação é nos molhar o menos possível.

Debaixo das cobertas reina a mais coberta falta de conforto. É um vizinho que puxa demasiadamente a lona para o seu lado expondo o companheiro à chuva: é um fuzil que nos incomoda; é a água que escorre pelas costas; são as penas adormecidas.

Os caminhões vão devagar, derrapando na estrada escorregadia e esburacada, o que torna a viagem perigosíssima. Receia-se a todo momento um desastre. Numa curva do caminho encontramos o caminhão da frente

atolado na lama. Impossibilitados de auxiliá-lo, continuamos a viagem, mesmo porque faltando poucos quilômetros, um dos carros voltará para buscar os soldados. Finalmente a tempestade se abranda e chegamos à Guapiara debaixo de leve chuvisqueiro.

Temos péssima impressão da cidade, ou melhor, da vila, da pobríssima e deserta vila.

Um largo sem jardim, sem arruamento. No centro uma bica d'água. De um lado uma igreja por acabar, do outro uma botica. Mais além, uma venda. Rua que tal nome mereça apenas uma e, por isso mesmo, sem nome.

A 2.<sup>a</sup> Companhia se abriga numa velha casa cujo aspecto revela ter sido uma venda. Duas portinhas, um grosseiro balcão e ao fundo, do chão ao teto, prateleiras cheias de... teias de aranha.

Estamos enlameados e com os estômagos vazios, mas por enquanto não há o que comer.

Sabemos mais tarde que a ambulância do Corpo de Saúde do Batalhão, sofrendo uma derrapagem caíra em um buraco de 10 metros, perdendo todo o medicamento e ferindo vários passageiros, dentre eles, Eduardo Mesquita Sampaio e Ismael Caiuby<sup>31</sup>.

Já é noitinha quando o meu pelotão (1º da 2.<sup>a</sup> Companhia) vai guardar uma estrada dos lados de Buri.

Abrimos nossas trincheiras a 15 metros de um barracão onde o 8º B.FORÇA PÚBLICA tem a cozinha. O lugar é portanto, bastante estratégico para os estômagos – as maiores vítimas da guerra.

Não dispondo o novo “chateau” de encanamentos por onde escoem as águas pluviais, somos obrigados a forrar o chão com galhos e folhagens para diminuir a umidade.

Comemos alguma coisa antes de iniciarmos a vigilância. Sou a segunda sentinela da noite. A princípio nada via por causa da imensa escuridão, mas agora, de momento, rápidas centelhas cortam o espaço iluminando a terra. Ignorasse eu o que pronunciavam esses relâmpagos seguidos de prolongados trovões, teria dito como o papagaio da anedota: – “Faça mais... Faça mais...” – Sim, porque é uma grande coisa para os ouvidos da sentinela quando os olhos podem ajuda-los.

---

<sup>31</sup> Acantonamento em Guapiara, 3 de Agosto de 1932, Snr. Comandante do Batalhão. No transporte da ambulância do Corpo de Saúde do Batalhão, de Capão Bonito para esta localidade, o caminhão sofrendo uma derrapagem caiu em um buraco de 10 metros, perdendo todos os medicamentos e o material, devido à chuva. Eram passageiros do caminhão guiado pelo Dr. M. Soares, os senhores Durval Carvalho, Orlando Tiani, Eduardo Mesquita Sampaio e Ismael Caiuby. Nesse acidente ficaram feridos, com gravidade, os senhores Eduardo Mesquita Sampaio e Ismael Caiuby, que foram enviados para o Hospital de Pronto Socorro do Doutor Benedito Montenegro, em Capão Bonito, e o Dr. Marcelo Soares que veio a esta localidade. Os demais todos com ferimentos leves. M. Soares (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p.87).

Logo depois de minha guarda desaba o esperado aguaceiro, acompanhado de trovoadas e terrível ventania. É uma verdadeira tormenta. Os que dormem acordam assustados cobrindo-se melhor. Enrolo-me na lona e fico de cócoras encostado na parede da trincheira esperando que a chuva diminua para poder dormir; entretanto, sem perceber, começo a cochilar e do cochilo passo ao sono profundo. De madrugada sinto uma friagem no rosto e, acordando, vejo que tenho a cabeça metida numa poça d'água.

Estou ensopado. Sinto calafrios com os quais, aliás, me assusto bastante. E a chuva continua menos intensa, porém, mais enervante.

De manhãzinha o cozinheiro do 8.º traz aos “meninos” (como ele nos chama) um bule cheio de mate bem quente. Sorvo com indizível prazer duas canecas da bebida que sempre detestei. Jamais esquecerei dessa caridade recebida das calejadas mãos de um soldado preto e já velhote.

Naturalmente por desnecessário, temos ordem de abandonar a guarda no dia 4.

A convite do Abrahão, colega do Longo e artilheiro do C.P.O.R., vamos dormir no quintal da Farmácia

O Veloso, o Longo e eu nos arranjam num depósito de lenha, um pequeno barracão de terra batida, de telhado baixo com algumas telhas em bom estado. Atiramos para o quintal uma porção de galhos secos, caixotes quebrados, vassouras velhas e matamos diversos insetos que acharíamos repugnantes se não fossemos soldados. O serviço é feito com rapidez para aproveitar o resto de luz de minúsculo coto de vela que lacrimoja e projeta no alto das paredes as nossas figuras trêmulas, enormes, fantasmagóricas.

Forramos o chão embolorado com os cobertores, porque as lonas estão molhadas e barrentas. Apenas com os curtos capotes nos defendemos do frio úmido e penetrante.

Comemos um pão velho e generosamente amolecido pela chuva e largamos os corpos no chão duro. Custa a achar boa posição porque embaixo das minhas costas há uma elevação, um montinho de terra, importuno-me. Minutos depois de conciliado o sono, sou sacudido pelo Longo:

– Olha! Olha um morcego voando em cima da gente. Vamos mata-lo.

Percebo, realmente qualquer coisa voejando perto do meu rosto.

– Matar de que jeito se não há luz? O melhor é tratarmos de dormir.

O morcego desaparece e nos três cobrimos a cabeça para só acabarmos na manhã seguinte.

Nas primeiras horas do dia 5 chega um caminhão de Itapetininga trazendo os tão falados capacetes de aço. É um corre-corre. Cada qual quer ser o primeiro a receber o seu.

Já havíamos visto um capacete em Capão Bonito com o Capitão Bravo e, mesmo aqui em Guapiara, vimos ontem dois protegendo as cabecinhas de ilustres e dignos representantes do “Batalhão 4 F” (Fico Fardado Fazendo Fita). Aliás, eles tinham mesmo necessidades de capacetes, pois, valorosamente arriscavam a vida em longas viagens de automóvel com o nobilitante e patriótico fim de encorajar os seus colegas do “front” ... Nada mais justo, portanto, que se sentissem ofendidos quando um soldado de partida para a linha de fogo lhes propôs a troca do casquete pelo capacete. Quase saiu briga.

Enfim, cada um de nós equilibra agora na cabeça o seu chapéu de proteção. O assunto obrigatório são os capacetes. A maior parte os considera excelentes, alguns não tem muita confiança neles, entretanto, ninguém os dispensa. Sentimo-nos mais soldados, mais corajosos, mais fortes. Até parece a Grande Guerra. Qual, com São Paulo ninguém pode. São Paulo é sempre São Paulo!

Não serei bastante verdadeiro se continuar afirmando que “ninguém dispensa” o uso do capacete. Um, pelo menos, ainda continua com o seu elegante bibi impecavelmente inclinado pela esquerda.

Vi com estes olhos que Deus me deu e ouvi com eles ouvidos da mesma procedência, quando aquele soldado ajeitando o capacete de aço na cabeça de um companheiro, disse melifluamente:

– Como vai bem para você! Que pena eu não poder usar o meu. Fica-me tão mal...

Consta que amanhã iremos entrar num perigoso combate do qual poderão resultar muitas baixas no batalhão. Então, para distrair e como despedida nos reunimos na farmácia e organizamos um “chorinho”.

O José Altenfelder é o que mais agrada. Tem voz e sentimento. Detestável é um Tenente do 2º Bat. 9 de Julho.

O “China”, um pândego do Centro Preparatório de Oficiais da Reserva (C.P.O.R.), causa-nos agradável surpresa oferecendo-nos uns goles de uma deliciosa “branquinha”. O cantil passa de boca em boca esvaziando-se rapidamente.

Às 11 horas a sessão está terminada.

Recolho-me ao depósito de lenha e durmo num sono só até o amanhecer.



## NA QUEIMADA

Caminhando para o fogo.  
Atacados de surpresa.  
Estudantada arrojada.  
Trincheiras de carvão.  
Mensagem de fraternidade.

### **6 a 10 de Agosto de 1932**

---

O nosso pelotão já está de partida para a linha de fogo quando o Tenente Napoleão repara que nós estamos sem sabres. Ciente de que desde São Paulo em vão os reclamamos, exclama indignado:

– Como mandar esses moços para a trincheira sem meios de se defenderem corpo-a-corpo? E voltando-se para um oficial:

– Se na Intendência há tantos sabres porque não os distribuir pela tropa?

Imediatamente o oficial de providências e os sabres passam dos caixotes para os cinturões. Parece incrível que o nosso Tenente não tivesse dado um passo sequer para completar o armamento dos seus soldados. Desde de Itararé que reclamávamos e a resposta era sempre a mesma:

– Para que baionetas se vocês não sabem lutar à arma branca. Se brigarem de perto metam uma coronhada na cabeça do inimigo.

Ao toque da partida o Major Morais Pinto nos dirige a palavra exaltando as qualidades do voluntário paulista e termina dizendo ter certeza de que havemos de honrar a nossa farda, porque já tem tido prova da nossa coragem e bravura.

Debaixo de vivas, “pique-piques” e adeuses, partimos decididos para a luta.

Percorridos dez quilômetros ouvimos nitidamente o “pipocar” entre brasileiros-paulistas e brasileiros-não-paulistas. Uns sacrificando-se pela liberdade, outros pela tirania.

– Ché! Pa... Pa... Pa... checo – diz o António Vampré rindo como de costume – o fumo é forte, talvez você morra... e se isso acontecer a quem devo pagar os 5000 que lhe devo da aposta?

– Compre flores para enfeitar a minha cova – respondo ao mesmo tom. Os caminhões param rapidamente.

– Avião! Avião!

Num abrir e fechar de olhos nos estiramos na estrada, rente aos barrancos. O “vermelhinho” passa abaixando o voo, depois sobe em vertical e, bem em cima de nós, dá três voltas e segue na direção de Guapiara.

– É nosso! É nosso! Se não fosse nos teria bombardeado.

Mal subimos nos caminhões, uma granada passa rentinho estourando a pequena distância Logo em seguida, outra. Estranhamos tão certa pontaria porque o adversário não nos vê, protegidos que estamos de ambos os lados, por altos barrancos. Entretanto, o avião que era inimigo, localizara a tropa com as três voltas dadas por cima de nossas cabeças. A artilharia que estava à espera do sinal começa a nos perseguir. Não temos mais sossego. As granadas sucedessem ininterruptamente. Abandonamos os caminhões e seguimos a pé, beirando o lado esquerdo da estrada, distantes cinco passos um dos outros. Atiramo-nos ao chão a cada instante, procurando fugir dos shrapnells que caem próximos de nós.

Como as mochilas pesam muito e atrapalham os movimentos, impedindo que a gente se deite e se levante com rapidez, o Tenente manda que as deixemos num caminhão. Aliviada a carga tem-se mais agilidade.

Há na estrada um trecho quase intransponível onde balas inimigas perfuram a terra impedindo que continuemos a marcha. Por intermináveis minutos ficamos cozidos ao chão. As balas sibilam. Protejo-me o mais possível com o capacete, fico imóvel, a respiração suspensa, esperando ordens. As metralhadoras atiram sem tréguas.

O Totó de Almeida Prado tendo necessidade urgente de se comunicar com os homens que já estão do outro lado, vira-se para nós e diz:

– Não há remédio. Eu preciso ir. Rezem por mim, companheiros.

Levanta-se e dispara numa corrida enfrentando a morte por entre uma saraivada de balas.

Recebemos ordem de avançar.

Atravessamos a estrada em diagonal correndo de gatinhas, um de cada vez, e com regular espaço de tempo.

Qual, a estudantada é mesmo arrojada. Avança firme, destemida, disposta a tudo. Não há um só que se acovarde. Todos os semblantes estão serenos, muito embora todos saibam que a vida está por um fio.

Ah! Se não fosse a estratégia Itararé nunca teria sido entregue.

– Itararé! Itapeva! Como o nosso coração se confrange ao recordar-vos. Caíste, mas a culpa não foi nossa!

Passado, ou melhor, minorado o perigo descansamos um pouco à beira de um brejo onde molhamos os lábios. Apenas os umedecemos porque a água é estagnada e choca.

Depois trilhamos pelo mato para tomarmos posição numa queimada no alto do morro mais próximo.

Banhados de suor, olhamos com desânimo a íngreme morraria a galgar. Que sacrifício horrível! Por mal dos pecados há um milharal na subida e a gente escorrega, e a gente cai, e a gente rola para baixo cada vez que pisa num pé de milho seco. Subimos quase de joelhos sendo indispensável o auxílio das mãos e do fuzil. Os soldados estão ofegantes. O coração do Fernando Mesquita Sampaio dispara, obrigando-o a descansar no meio do caminho.

Tal esforço, entretanto, conquista-nos a queimada.

Uma porção de pinheiros abatidos, uma ou outra árvore erguida, desfolhada, carbonizada. Tocos enegrecidos espalham-se pela terra tostada. De verdade, apenas uma pequena e tenra touceira de bambu e... a esperança nos corações.

Entardece.

Agitadas por um vento forte vindo das bandas do Sul, grossas nuvens cinzentas acumulam-se pesadas e ameaçadoras.

– Desta vez o céu desaba – diz um soldado.

Completamente desorientados quanto à posição a tomar, ficamos perplexos quando o Tenente nos mostra o setor inimigo num morro mais elevado que o nosso, numa situação muito mais vantajosa.

Começam os comentários:

– Qual! Estes comandantes, são uns “bichos” na estratégia.

– Então não veem que basta um naquele morro para destruir o pelotão?

– Nem poderemos bater em retirada, pois, lá de cima nos dominarão até a estrada.

O Tenente resmunga ao ouvir as críticas e manda que se inicie o entrincheiramento. Fazer trincheira com o que se não há material de sapa? E mesmo que houvesse, a quem restariam ainda forças para cavocar a terra?

Agora, de verde, só mesmo a touceira de bambu...

Cada soldado se esconde atrás de um tronco caído, resignado a passar assim a noite.

Estamos só com a roupa do corpo porque o caminhão não pode trazer as mochilas que, assim, ficaram perdidas para sempre.

Deito-me ao lado de um toco de árvore, ou mais precisamente, de um toco de carvão. Antes, porém, tenho o luxo de forrar a terra com ramos de bambu para torna-la mais macia

É noite fechada quando o Sargento Tácito traz com a “boia” alguns cobertores. Não tenho fome muito embora esteja sem comer desde cedo.

O cansaço é tão grande que mal me enrolo no cobertor começo a dormir.

Que seria de nós se não fosse o sono?

Quantas apreensões, quantos sofrimentos teríamos se não dormíssemos? Mas, graças ao bom Deus, é bastante encostarmos a cabeça para que se interrompam todos os padecimentos. O sono recupera as forças, faz esquecer a guerra, faz sonhar com São Paulo, com a família, com os entes queridos... Bendito sono.

A chuva se formava à tarde cai durante toda a noite. A princípio estrondosamente acompanhada de raios e trovões. Depois, mais para a madrugada, transforma-se num chuvisqueiro monótono e tão frio que gela até o sangue da gente.

Ao amanhecer vem o sol, um solzinho encafifado, mas que ajuda a enxugar a roupa no corpo. Não parecemos mais um pelotão do seletor 14 de Julho, tão sujos de carvão, tão pretos, nos apresentamos.

Agora cada qual trata de se entrincheirar atrás das árvores derrubadas, cavando o solo molhado com sabre, canivete, capacete, colher, prato, e até com as próprias mãos! ... Parece impossível! Somos obrigados a tirar a terra e arrebentar as raízes com as mãos porque não nos fornecem ferramentas, porque saímos à luta sem material de sapa.

Às 14 horas chega o aviso de que o caminhão da cozinha está num corte da estrada a quilômetro e meio, impossibilitado de chegar mais perto porque o inimigo não o deixa passar.

Temos consentimento para buscar a “boia”, porém, a maior parte desiste só em pensar na caminhada e na subida do morro. Como estou varado de fome, crio coragem e, de fuzil a tira-colo (o soldado nunca abandona a arma), prato de baixo do braço, desço correndo toda a morraria, continuando pela mesma picada que ontem trilhei com tanto esforço. Quando já me aproximo do caminhão uma bala assobia ao meu ouvido, seguida logo de outras. Atiro-me ao chão encharcado e espero passar a descarga. Mal me ergo, meio ressabiado, grita-me o distribuidor da “chepa” mostrando-me um avião inimigo. Deito-me de novo, tendo desta vez, o cuidado de esconder o prato o qual, por ser de alumínio, brilha aos raios do sol chamando a atenção do inimigo, como acontecera há pouco. O aeroplano passa alto. Levanto-me e disparo numa carreira até os caldeirões de comida.

Monto guarda da 1 às 3 horas da madrugada.

O lugar da sentinela é bem no pico do morro onde o vento e frio disputam a primazia. Encostado a uma árvore contemplo ao longe, no meio de um clarão vermelho e tremeluzente, a luta encarniçada de irmãos matando irmãos. A terra treme aos tiros dos incansáveis canhões ditatoriais;

as metralhadoras inimigas vomitam fogo sem interrupção; as muitas dezenas de fuzil metralhadoras atiram impiedosamente sobre os paulistas. E estes? Ah! Os paulistas? Os paulistas resistem heroicamente com os fuzis descalibrados, e tão calmos, tão confiantes em si mesmos, que se comprazem em tocar “zé pereira” com os dois únicos F.M. que possuem. É uma afronta, um desaforo à formidável artilharia Getulina.

Começo a pensar naquelas vidas que vão se apagando, nas viúvas desprotegidas, nos órfãos desamparados, nas mães desoladas e acabo sem compreender esses defensores da ditadura.

Sofro, sozinho, perdido nas sombras da noite.

Da profundez da minha solidão, envio pelos céus afora uma mensagem de fraternidade aos irmãos mineiros radicados em São Paulo; aos irmãos nordestinos que trocaram suas cantigas pelos nossos cafezais; aos irmãos baianos que, por esta, deixaram a “boa terra”; aos irmãos brasileiros de todos os rincões que para aqui vieram e conosco se entrelaçaram tornando-se – Oh! Ventura! País de paulistas; dirijo-me a quantos se enriqueceram na indústria paulista, no comércio paulista; quantos se tornaram grandes na política paulista; a quantos ocupam cargos de destaque no funcionalismo paulista; estendo também o meu pensamento àqueles menos afortunados que não souberam vencer, mas que estão amparados pelos asilos paulistas, pelos abrigos paulistas, pelos hospitais paulistas; a todos, sem distinção, envio um único apelo: – dissei a todo o Brasil o que é São Paulo, o que são os paulistas. Mas dissei com lhanza para que sejamos compreendidos. Sem dúvida muitos já o fizeram. Mas dissei vós todos. Dissei que repartimos convosco o nosso pão; dissei que vos nomeamos para o emprego público que pedistes; dissei que vos admitimos em nossos empreendimentos; dissei que a nossa casa se tornou a vossa casa e que tudo isso fizemos sem indagar se eres daqui, dali ou d’acolá. E mais ainda: frequentemente em prejuízo de paulistas.

Ah! Se nossos irmãos nos compreendessem, esta guerra fratricida não teria irrompido.

Nós a começamos? Sim! Mas não contra os demais brasileiros – Contra o ocupante do Catete – isto sim – contra o intruso.

E quem o defende?

Por que se há a preferir a escravidão à Liberdade, a Tirania ao Direito, o despotismo à Justiça?

Por quê?

Agosto, 9. Durante toda a manhã somos obrigados a andar aos rastos porque as balas passam baixo, muito baixinho. Pelo número delas deduzimos não serem balas perdidas e sim que, naturalmente, fomos descobertos. Há momentos de fortes emoções principalmente quando os shrappnells estouram sobre nossas cabeças despejando uma saraivada de

chumbinhos. É que cada um está ciente do enorme perigo que o ameaça. A posição é insustentável neste lugar.

Ordem do P. C.: – “Muita atenção para o mato do lado direito do morro em frente. Ninguém atire sem ordem. Só o F.M. vai fazer fogo. Muita atenção.”

Todos os olhares se voltam para o ponto determinado procurando descobrir alguma coisa. Ouve-se a arma automática detonar uns 15 cartuchos visando uns vultos que se movem na mata.

Minutos depois aparece um sargento porejando suores, vermelho e ofegante, pedindo ao Tenente para não atirar na patrulha da FORÇA PÚBLICA em reconhecimento naquele local...

Eram soldados do 8.º Batalhão procurando descobrir de onde partiram os tiros que vinham sobre nós...

O sol ainda está alto quando cessa a fuzilaria, calam-se as metralhadoras, emudecem os canhões. O silêncio prolonga-se pelas trincheiras, sendo apenas interrompido, de longe em longe, por lamentos ou palavrões. O mais é um silêncio impressionante acabrunhador.

Recebo uma carta de minha irmã Lourdes acompanhada de uma lata de bolachas. A carta releio-a várias vezes e guardo-a como relíquia, por ser a única que ainda conservo. As outras lá se foram para sempre para sempre com a mochila. Há trechos que decoro sem perceber, repetindo-os mentalmente:

\*\*\*\*\*

Soubemos hoje que alguns rapazes do teu batalhão estão doentes e tememos que o mesmo tenha lhe acontecido.

\*\*\*\*\*

Domingo tivemos visitas o dia inteiro: 17 pessoas vieram saber notícias de ti.

\*\*\*\*\*

Ontem e hoje as informações dadas pelos jornais e pelo rádio foram ótimas e creio mesmo que a vitória está próxima. Queira Deus! Precisamos vencer de qualquer maneira.

\*\*\*\*\*

As bolachas causam-me grande prazer porque me permitem dispensar o pão duro, nosso alimento básico. Comida de sal vejo há dois dias, desde quando a terminar a guarda pela madrugada, encontrei uma lata de feijão e carne cozida que nos haviam levado na noite anterior. Com a vigilância do inimigo a “chepa” só consegue chegar a noite.

Agora com as bolachas tenho provisão para três dias. Faço uma sociedade com o Paulo Hummel trocando algumas “Marias” por pedaços de goiabada.

O Paulo a dias vem sendo castigado por uma tosse impertinente que o abateu bastante. Sente-se, por isso, desanimado e nos momentos mais incertos e difíceis só tem estas palavras de resignação: “Seja o que Deus quiser”.

Seria natural que aproveitasse o motivo par dar baixa ao hospital, mas o Paulo continua firme. Enquanto tiver forças ficará conosco. É pequenino por fora, mas grande por dentro...

Ah! Mocidade paulista! Um dia o Brasil há de conhecer tua verdadeira história. Então, diante da tua grandeza. São Paulo será compreendido e respeitado.

Na madrugada de 10 dormimos tranquilamente quando um soldado nos acorda com gritos apavorantes:

Calar Baioneta! Olha o inimigo! Calar Baioneta! É ordem.

De um salto tomamos os fuzis prontos para a defesa, mas nada vendo interpelamos o soldado sobre a ordem. Pálido, com os olhos esbugalhados, as olheiras negras, segurando a baioneta, diz que a ordem veio do Tácito. Afirma que o sargento passou correndo pelas trincheiras avisando a tropa. No entanto, o Tácito está dormindo e nada de anormal aconteceu. Foi apenas um sonho. Antes assim.

São frequentes os casos de alucinações por parte dos soldados nervosos. Ainda há duas noites um outro dispara um fuzil julgando atirar num soldado inimigo que aparecera na frente da trincheira. Foram ver do que se tratava e não encontraram nada que o pudesse iludir. Nem um galho nem uma sombra. E note-se que este soldado estava bem acordado. Um caso típico de alucinação.



## DA QUEIMADA À CAPÃO BONITO

Estratégia surpresa.  
Os vermelhinhos.  
Desastres e mortes.  
O 14 servindo de madrinha.

**10 a 12 de Agosto de 1932**

---

O silêncio impressionante continua a preocupar a tropa, pondo uma interrogação aflitiva nas fisionomias desfiguradas.

– Que estará acontecendo?

– O silêncio é mal presságio – dizem os entendidos.

À tardinha o Sargento Alberto da Silva Azevedo ordena que todos estejam equipados e prontos para qualquer eventualidade.

Uma hora depois recebemos ordem de retirada. Pela primeira vez uma determinação de tal natureza não nos acabrunha: antes, alegra-nos porque representa a nossa ressurreição.

Descemos com bastante dificuldade todo o milharal, não deixando de lançar um olhar de gratidão ao brejo onde dias antes umedecemos os lábios. A certa altura o nosso Tenente dá pela falta do Alberto Azevedo, do Hugo Malheiros, do António Vampré e de mais um ou dois. Fica furioso ao saber que eles ao invés de entrarem na estrada, seguiram pela picada em direção à trincheira do 3.º pelotão onde a fuzilaria recomeçou grande atividade.

Para lá todos desejávamos ir, porém o Tenente a isso já se havia oposto, dizendo saber onde tinha o nariz e que não admitia sugestões de estudantes:

– Guerra não é “peruada”. – afirmou acertadamente...

Já está bem escuro quando começamos a marchar em direção à Guapiara. A jornada promete ser penosa. Temos certeza que em tudo reina a mais completa desorganização. Estamos sós. Ignoramos onde se acha o resto do batalhão, pois só temos notícias do 3.º pelotão, sob o comando do Bressane.

Depois de mais de uma hora de caminhada encontramos alguns caminhões e soldados parados na estrada. Percebemos tratar-se de gente

graduada. Chama particularmente a nossa atenção um sujeito alto, todo encapotado, cuja a fisionomia não podemos distinguir na escuridão, mas, pelo porte e sotaque, percebemos ser estrangeiro.

Fala gesticulando com uma lanterna na mão. É um francês, ex-combatente da Grande Guerra (1914-1918), que está prestando o seu concurso à causa dos paulistas.

Segundo lhe parece, nós, os do pelotão Ataliba, poderemos obstar a entrada do inimigo em Guapiara.

Expressando-se com certa dificuldade expõe o seu plano que em resumo é o seguinte:

– Avançar tantos quilômetros para a esquerda, fazer fogo e voltar correndo para a direita. Depois novamente para a esquerda e sempre fazendo fogo até rechaçar o seu adversário...

Sem perda de tempo subimos nos caminhões e, num misto de esperança e dúvida, entramos por uma estrada estreita com o fito de surpreender o inimigo em determinado ponto.

O plano nos parece absurdo, mas como se trata de um avanço ninguém reclama. Estamos às ordens.

Os caminhões penetram pela noite a dentro, roncando morro sob o peso dos soldados paulistas.

Ao fim de algum tempo, porém, começamos a nos impacientar. É que a todo o momento precisamos descer dos caminhões para examinar o caminho, cansando-nos sem proveito algum.

O mau humor já nos domina completamente e há razões para isso, por enquanto, nada mais irritante do que as caminhadas perdidas que tanto abatem o físico e a moral das tropas.

Poucos são os soldados que conseguem subir nos caminhões sem duas ou três tentativas. Por várias vezes recebo coronhadas e ponta-pés na cabeça, obrigando-me a protestos inúteis. Todos se queixam do mesmo mal.

Três horas da manhã. Um vento frio zumbe aos nossos ouvidos.

Silêncio absoluto. Estamos bem perto do inimigo. Da crista de um morro enxergamos uma fila de caminhões trazendo reforço para o adversário.

O movimento de tropas é grande. A fuzilaria continua sem cessar, e nós, embora com as luzes apagadas nos arriscamos bastante.

O francês, cabisbaixo, meneando a cabeça visivelmente desapontado, opina pela volta por se convencer da impossibilidade de qualquer resistência.

Somos tão poucos e tão mal municiados para enfrentar tanta gente que não há outro remédio se não recuar.

Os caminhões descem lentamente, às escuras, com os motores parados. É proibido fumar. Ninguém fala. O sono, o frio, o cansaço, o desânimo, apoderam-se da gente.

De repente, um gemido cavernoso gagueja como mau agouro no meio da escuridão:

– “Meu Deus! Hoje é a minha última noite. Que será de mim?”

– “Cala a boca!” Atalha energeticamente o Augusto.

E os caminhões continuam descendo lentamente com os motores parados e as luzes apagadas.

Além, do outro lado do espigão, num contraste chocante para os nossos brios, roncam os caminhões ditatoriais cruzando na neblina paulista as faixas brancas dos audaciosos holofotes.

Repouso a cabeça sobre as pernas do Meyer e me entrego a uma sonolência constantemente interrompida pelos solavancos do carro. Os companheiros também dormitam.

Duas horas depois, ébrios de sono e de fadiga, somos despejados à beira da estrada, enquanto os caminhões voltam para buscar os soldados do Tenente Bressane.

Nossos lábios trêmulos e descorados lamentam aqueles dias perdidos na “Queimada” quando deveríamos estar fazendo fogo junto dos companheiros.

O sol vem nos encontrar no mesmo lugar, estirados à beira da estrada, sem ordens para continuarmos a marcha.

Esse descanso era mesmo necessário para nos refazermos da grande esfrega e ganharmos novas forças, de vez que novos sofrimentos nos esperam.

Como que por encanto, chega um caminhão de Guapiara com café e correspondência. É uma deliciosa surpresa que nos revigora e, por isso, não nos fartamos de enaltecer o Sargento Tácito de Souza pelo seu heroísmo.

Estando na Vila a serviço e sabendo da nossa situação, o sargento não titubeou em nos socorrer partindo de Guapiara sozinho para trazer café e notícias de São Paulo.

É que o Tácito bem conhecendo o sabor de uma cartinha não quis nos privar desse prazer.

Está todo alegre por ter sido promovido à Tenente. Nada mais justo. Nenhuma promoção, talvez, fora mais merecida do que a sua e, por esse motivo, sinto um verdadeiro orgulho abraça-lo.

O novo Tenente não tem uma estampa de todo simpática. Grandalhão, de gestos naturalmente rudes, com os olhos sempre injetados de sangue, poderia ser tomado por um malandro desordeiro, desses que não titubeiam em dar “cachações” e fazer “esparramo” para defender “os do bloco”. Se assim fosse nos seríamos do seu “bloco”, pois ele se mostra bom, dedicado e serviçal para conosco.

Recebo duas cartas que reconheço, à primeira vista, serem de Papai e de Esther, minha irmã. Abraço-as ávido por sorvê-las de uma só vez. O final da carta do primeiro deixa-me pensativo:

\*\*\*\*\*

Marion tem um desejo enorme de receber a tua visita ainda que seja por dois ou três dias, mas eu nada digo a esse respeito, deixo a teu critério; se a tua licença não prejudicar, ou antes se não for de encontro às disposições do comandante, seria bom satisfazê-la e assim terias oportunidade de um pequeno descanso e para trocar de roupa. Mas isso se não haver prejuízo à nossa causa.

\*\*\*\*\*

– Deverei ir?

Mamãe estará doente?

Não, não é possível. Ela que me perdoe, mas agora não posso. Os paulistas são em número muito menor e, por conseguinte, a saída de um só, por pior que seja, sempre faz falta. Preciso ficar, haja o que houver. Deus é grande.

A carta de minha irmã deve ser mais alegre. Logo de início, porém, confirma a minha suspeita sobre a saúde da Mamãe. Ela está de fato doente.

A certa altura rejubilo-me ao saber que:

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

O Gaia se alistou e seguiu ontem. Os conhecidos todos seguiram: Homero Lopes, o André Peres, o Zé Fontoura, o Fontourinha, o Licio e todos os irmãos. O Sr. Godefredo, os Bastos, o Aldo, o Zézinho, o Quirino Simões e muitos outros que agora não me recordo. Enfim todos os rapazes se acham no “front.

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

Que conforto e que esperança! Toda a rapaziada de São Paulo está partindo.

Mas não apenas os rapazes. Alguns já grisalhos, outros ainda imberbes, e até um com defeito físico! Todos veem.

Que entusiasmo, ou antes que loucura a desses homens cansados, desses pais que deixam os filhinhos para se arriscarem a estes perigos. Mas é necessário. É um dever que para todos se impõe, porque São Paulo precisa lutar, precisa vencer, precisa...

– Mas o que é isso? Que aconteceu? – exclamo espantado ao surgirem uns caminhões que passam voando com a soldadesca da tropa regular.

Os homens estão apavorados. Agarram-se aos caminhões como a última tábua para a salvação. Há gente dependurada por fora da “carrosserie”, amontoada nos estribos, pesando sobre a coberta do “chaffeur”, equilibrando-se nos para-lamas, e até em cima do cofre do motor, tirando a visibilidade do motorista<sup>32</sup>.

O mais impressionante são as fisionomias cheias de pavor, os gritos que nos dão.

– Corram que eles vêm aí! Estão pertinho!

– Corram, corram! Está tudo perdido!!

– Corram senão morre tudo!!!

Não há palavra tradutora de nossa emoção ante tão dramático e inesperado espetáculo.

Ou correr ou morrer – eis o dilema.

Ergo o fuzil e sigo os companheiros que, apressados, põem-se a caminho.

De instante a instante damos passagens aos caminhões que investem contra nós numa ânsia de voar. Fazemos sinal de parada para vários deles, mas nenhum nos atende.

Quase na entrada de Guapiara, ao atravessarmos um rio, encontramos o francês da Grande-Guerra a espera de que todos passem dinamitar a ponte.

Na cidade há muita tropa e mais caminhões prontos para a partida. Muitos do 14 conseguem lugar nesses automóveis, porém, a maior parte segue a pé<sup>33</sup>.

Ao passar por uma casa vejo várias mochilas amontoadas na sala de frente e, então, detenho-me para procurar a minha, perdida no dia que fomos para a “Queimada”. Além de roupas e cartas havia nela dois pães. Os pães principalmente é que me levam a procura-la. Não a encontrando logo de início, desisto de maiores buscas mesmo porque todos estão deixando a vila.

Aparece o primeiro avião. Depois outro. Agora três ao mesmo tempo provocam um pânico geral. Todos dão ordens mas ninguém se entende. Há uma verdadeira debandada.

---

<sup>32</sup> ... o destacamento do Tenente Coronel Morais Pinto, construído por mais de dois bons batalhões, abandonava a posição de Capinzal, a 18 quilômetros à frente de Guapiara, e fazia para a retaguarda um formidável lance de quase 25 quilômetros. Ia nesse salto desastrado todo o terreno para lá de Guapiara com os abundantes recursos oferecidos pela região; ia a localidade de Guapiara, nó de comunicações de alguma importância; ia serra de Pinheiros, particularmente favorável à defensiva e iria mesmo a todo território até Capão Bonito se, ao amanhecer de 13, não acoresse o próprio chefe de Estado Maior do Setor para deter esse retirar inexplicável da jornada de 12 (BASTOS, J. A. Palma a Palma: luta no sector sul. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932. p.102).

<sup>33</sup> E segue-se o abandono de Guapiara pelo Tenente Cel. Morais Pinto, sem causa séria que a impusesse (BASTOS, J. A. Palma a Palma: luta no sector sul. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932. p.46).

Sinto-me só no meio de estranhos. Os meus companheiros já se adiantaram bastante. Tento várias vezes conseguir lugar nos caminhões, mas é em vão. Todos passam superlotados. O único jeito é apertar o passo.

Ponho o fuzil a tira colo, suspendo os bornais para não atrapalharem o movimento das pernas e deito-me a correr. Num acelerado bem batido ganho boa porção da estrada, até que uma dor aguda no lado esquerdo me obriga a parar. Ofegante, com as pernas frouxas, encosto-me a um barranco. Felizmente já alcancei os amigos. O Yelmo Ribeiro dos santos dá-me uns goles d'água e o Marcelo, seu irmão, oferece-me um pedaço de doce que devoro num instante lambendo as últimas migalhas de mistura com o suor salgado dos meus dedos encardidos.

Estes dois irmãos merecem um destaque especial. São ambos disciplinados e intransigentes cumpridores de seus deveres. Não titubeio em classifica-los de valentes, mas tenho certeza de que ficarão esquecidos porque tudo fazem com modéstia e discrição. O que acabam de fazer por mim é simplesmente admirável! Nada lhes pedi. Viram-me, compreenderam-me, socorreram-me. Deram-me de beber e de comer do pouco, do quase nada, que tinham. E o fizeram como se faz o a um irmão: cristãmente.

Os aviões voam baixo metralhando. Atiramo-nos ao chão e, imóveis, esperamos que eles passem. Agora já se foram. Cria-se alma nova quando os “vermelhinhos” se retiram. É um sossego.

O sol começa a esquentar aumentando ainda mais o nosso martírio. O suor corre pelo corpo inteiro e o capacete de aço escorrega na cabeça molhada. Quem diria que estamos em pleno inverno!

Os caminhões aproveitam a ausência da aviação para ganhar terreno. Distanciam-se de nós erguendo nuvens de pó.

Os “passarinhos” da ditadura, entretanto, não se fazem esperar. Voltam com reforço. Alguém solta o grito fatídico:

– Aí vem eles! Quatro de uma vez!

De fato, quatro borrões escuros se destacam no azul límpido do céu. Abaixam o voo perseguindo os caminhões da frente.

A morte anda rodando; ela ameaça nossas vidas viajando no ventre desses terríveis “passarinhos”.

Um dos aviões voltam-se para nós e, descendo verticalmente, metralha a tropa ao longo da estrada.

Impulsionados pelo instinto de conservação atiramo-nos ao chão, todos ao mesmo tempo. Como crianças que brincam de “esconde–esconde” tapamos os rostos com as mãos e ajeitamos o capacete para mais nos proteger.

De que vale esse cuidado quando todo o corpo está descoberto?

Mal nos levantamos o avião desce novamente e metralha. De novo mergulhamos ao chão procurando um agasalho na terra amiga.

Desta vez nem percebo onde me atiro e, assim, caindo por cima de um soldado, vamos os dois rolando pelo barranco abaixo. Ele geme e implora a proteção dos céus:

– “Minha Nossa Senhora... Meu bom Jesus... livrai-me dessa peste, desse” ... e os mais horripilante os palavrões confundissem com as invocações dos Santos e da Virgem Maria.

Passado o susto ouço uma voz que me chama:

– Olá, ajude-me a sair daqui!

É a “minha vítima” que, com o susto, atravessara sem querer uma cerca de arame farpado.

Vendo no seu olhar todo o pavor que o aniquila, procuro acalmá-lo:

– Que é isso? Você está nervoso atoa. Para que tanto medo?

– Ué... você não tem medo, não? – pergunta-se com uma fala pausada de baiano enquanto, com a manga da blusa, enxuga o suor que escorre de seu rosto bronzeado.

– Eu não.

– Não o que! Então por que essa cara tão amarela?

– Ora isso é fraqueza – retruco traindo-me visivelmente.

Já de novo caminhando assegura-me que por ele não se importaria morrer, mas teme por causa dos filhos.

– É uma escadinha assim – mostra abaixando horizontalmente o fuzil até a altura dos joelhos. E olhando ressabiado para cima:

– Qual, desta vez eu deixo a Força Pública. Isto não é emprego que sirva. Cada ano esses generais...

Não pôde terminar. Uma granada assobiando fortemente atira-nos no ao chão. A terra treme. Gritos abafados confundem-se no espaço. O roncar dos motores mistura-se com os estrondos das bombas. O coração quase me escapa pela boca.

Momentos depois ergo-me aos poucos, apalpando o corpo. Felizmente ainda desta vez não fomos atingidos.

Mas logo adiante, numa curva do caminho, doloroso quadro nos aguarda.

Um caminhão tombado no meio da estrada e vários feridos espalhados pelo chão.

Ao passar por uma das vítimas, fecho os olhos virando instintivamente o rosto.

Vi uma cabeça horrivelmente esmigalhada. Não distingui olhos, nariz ou boca, mas tão somente uma confusão de carne retalhada e sangue. O desgraçado ainda vive, pois, bolhas de ar arrebetam no meio da sangueira. Fazendo um esforço sobre-humano volto-me para ver de quem se trata, mas não me permitem. Cuidam de remover o coitado para a beira da estrada onde há um morto e vários feridos.

Outros, mais felizes, refazem-se do susto tecendo comentários.

– Foi aquele maldito avião – diz um soldado gemendo de dor no braço  
– Viemos numa parada doida, o “chauffer” perdeu a calma e pronto!

A aviação é de fato uma arma terrível. Mesmo quando não atinge o alvo, desperta tal pavor nas tropas que não raro ocasiona sérios estragos.

Continuamos a jornada bem mais abatidos. A canseira é geral. Não poucos são os que caem na estrada, sem forças para vencer a morraria.

Nesta hora de verdadeira angústia o amor pelo próximo tem sido bem uma realidade edificante. Ninguém se nega a prestar auxílio aos companheiros. Quando um cai, outros espontaneamente cercam-no de cuidados. Ainda há poucos o Yelmo confortavelmente com o resto da sua água; agora sou eu quem carrega o fuzil de um menino que quase chora de desespero. O meu auxílio, porém, não é por muito tempo porque acho-me trôpego. Os pés, sinto-os em carne viva. Devolvo a arma ao rapazola e trato de diminuir o peso de minha carga desfazendo-me do cobertor e do “pulôver”.

A estrada, aliás, já está semeada de coisas inúteis. Para que servem cobertas quando já estamos quase liquefeitos pelo calor? É verdade que devíamos guarda-las porque a noite será fria e amanhã poderá chover.

Amanhã...

Que significa isto para nós? Um dia tão incerto, tão distante...

Amanhã... Amanhã...

Quem ousaria afirmar que daqui a dois passos não seremos mais do que uma saudade nos corações amigos?

Ora, amanhã...

Enxergamos ao longe, por detrás de um arvoredos, o telhado de uma casa.

Indizível a nossa satisfação, por enquanto, desde Guapiara apenas vemos terras incultas. Naquela casa talvez possamos nos abrigar na soalheira, talvez haja água, talvez pão.

Mais de perto notamos um oficial de revólver em punho discutindo duramente com soldados da Força Pública.

É o Coronel Marcílio Franco querendo obrigar os homens a voltar para as trincheiras.

Depois, sempre nervoso, conversa com os nossos oficiais mandando-os, em seguida, preparar os caminhões para voltarmos à Guapiara.

– Voltar à Guapiara?!

Incrível! Enfim, como qualquer protesto de nossa parte de nada valeria, estendemo-nos mal humorados ao redor da casinhola, esperando que os graduados decidam a nossa sorte.

Nessa situação tenho o prazer de encontrar-me com o Washington Franco, funcionário do Instituto de Café. Fico sabendo ser ele filho do Coronel Franco e seu ajudante de ordens. Vendo a minha fraqueza, o

Washington traz-me um pedaço de pão com salsicha. Agradeço de todo o coração a caridade do colega.

Ficou resolvido a volta de parte da FORÇA PÚBLICA e de uns tantos soldados do 14 aos “Pinheiros”, a 18 km, a fim de retardarem o avanço inimigo.

Embarcamos submissos nos caminhões, vamos os rapazes do 14, escolhidos a esmo – os que no momento se achavam mais próximos do Coronel.

Atrás seguem os soldados da Força.

O resto da tropa continua em retirada para Capão Bonito.

Chegando ao local designado, tomamos a esquerda enquanto que a Força Pública se estende em linha penetrando pela direita.

Ouvimos nitidamente os tiros dos inimigos às portas de Guapiara.

Atiram para ver se a entrada está livre. Está. Entrem à vontade.

Bem diziam eles que haviam de jantar na cidade. Malditos!

Nem meia hora depois recebemos ordens para voltar.

– Mas que negócio é esse? Que falta de ordem! Se era para voltarmos por que então nos trouxeram até aqui? <sup>34</sup>

De volta da “Serra” alcançamos a tropa acampada no alto de um espigão.

A noite fria e garoenta contrasta com o dia escaldante que tivemos. Aliás, é sempre assim. Durante o dia um sol abrasador; à noite uma neblinazinha perigosa.

Chegamos loucos por comer qualquer coisa. Depois de satisfeitos, o Longo e eu nos deitamos na mesma lona e, cobertos da cabeça aos pés, tratamos de dormir.

Sinto saudades do cobertor e do “pulôver” abandonados no caminho.

De repente acordo sobressaltado dando pela falta do Longo.

Vendo-o a cinco passos pergunto o que se passa.

– Nada. Fui ver o rapaz – respondeu voltando para a “cama”.

Percebendo uma interrogação na minha expressão esclarece:

---

<sup>34</sup> Só depois de terminada a luta é que pudemos compreender, pela leitura de “A Epopeia”, de Aureo de Almeida Camargo, o grande alcance de nossa ida aos “Pinheiros”, através da seguinte carta do Tenente Cel. Marcílio Franco ao comandante do batalhão: “Snr. Capitão Cândido Bravo. É com a máxima satisfação que venho comunicar-vos um episódio que muito honra a tropa do 14 de Julho. Na manhã de 11, por ocasião da retirada de Guapiara a... quilômetros daquela cidade, recebi ordens do senhor Coronel Moraes Pinto, comandante do Destacamento, para fazer voltar a tropa à Serra dos Pinheiros para estabelecer resistência, e, então, fiz um apelo ao patriotismo do elemento mais próximo que era um Pelotão do Batalhão 14 de Julho e este num belo gesto de dignidade militar, voltou à frente de sua tropa e partiu na direção do inimigo para a posição indicada. Esse bom exemplo permitiu a facilidade da volta de toda a tropa em retirada, para enfrentar o inimigo. O Pelotão do 14 de Julho é digno dos melhores elogios. Com estima e apreço, camarada amigo, Marcílio Franco, Tenente Coronel (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p. 88 e 89). Nosso papel foi servir de “madrinha” à tropa regular que havia debandado.

Há poucos ouvi vozes aqui perto, e então coloco-me a escutar a conversa de um soldado que chegava de Guapiara. Contou que na retirada ele se atrasara dos companheiros e quando se achava perto daquela ponte aonde vimos o francês, sentiu que os gaúchos o alcançariam e, então, não teve outro recurso senão meter-se debaixo da ponte ali ficando mais de quatro horas com água pelo queixo. O coitado estava imundo, encharcado e tiritando de frio.

– Mas, Longo, como pode ser isso, se o francês dinamitou a ponte?

– Dinamitou coisa nenhuma. O rapaz disse que ele fez apenas dois buracos com granadas de mão.

– Qual! – resmunga num bocejo – esses heróis da Grande Guerra são a nossa vergonha.

Virando-me para o outro lado, cubro a cabeça sem dar importância ao caso.

A garoa continua sem cessar e o frio é cada vez mais forte.

Na manhã de 12 prosseguimos a jornada. Desta vez seguimos ora a pé, ora de caminhão, sem grandes sacrifícios. É que dormimos uma noite inteira e estamos dispostos a enfrentar novos sofrimentos.

Por volta das 14 horas divisamos, com incalculável prazer, a torre da igreja e Capão Bonito.

Avistamos as primeiras laranjeiras, os primeiros quintais cercados por enormes muros de taipas.

Que alegria imensa sentimos transbordar de nossos corações ao entrarmos novamente na velha e amiga cidade.

Depois de tantos sustos e perigos, parece que voltamos para casa.

Parece que vamos deixar a guerra para gozar a vida despreocupadamente “à sombra dos laranjais”.



## DE NOVO EM CAPÃO BONITO

Uma extravagância.  
Coisas de cabo de esquadra...  
Morféticos.  
Cartas e mais cartas.

**12 a 15 de Agosto de 1932**

---

Aquartelamo-nos na futura sede do “Capão Bonito Clube”, ainda em construção.

Nosso primeiro cuidado é arriar a carga, desapertar as fivelas, tirar o correame a fim de respirarmos folgadoamente. Sim, respirar é o que fazemos estirados no assoalho novo e ainda não raspado.

Depois de curto descanso invento uma extravagância: tirar as botinas! Também já era tempo!!! A última vez que dormi sem elas foi na farmácia de Guapiara, na noite do morcego. Não estranho, por isso, o estado lamentável em que ficarem meus pobres pés depois de caminharem muito mais de meia centena de quilômetros. Estão bastante inchados, com profundos sulcos à altura dos tornozelos, causados pelo elástico do calçado e pela pressão das perneiras. Sinto-os meio adormecidos e quase sem movimentos. As unhas crescidas e algumas delas roxeadas. Um líquido seroso escorre dos calos d’água arrebetados<sup>35</sup>.

Ouçõ risadas e vozearias no quintal. Erguendo-me sobre os joelhos vejo através das janelas, ainda sem caixilhos, a rapaziada se divertindo com um delicioso banho. Imediatamente resolvo aderir e, manquejando, incorporo-me ao grupo dos banhistas. O sistema é simples. Três ou quatro se enfileiram e esperam a água que um terceiro lhes atira em cheio com um balde. Dentro de poucos minutos o banho se transforma numa verdadeira

---

<sup>35</sup> O balanço da jornada de Guapiara dá o seguinte resultado para a maior parte da tropa do “14”: 51 quilômetros de marcha a pé. São muitos os soldados que apresentam os pés sangrando, porejando sangue. Não poderão andar tão cedo. Poucos feridos. Quatro prisioneiros: Milton Soares Campos, “João Soldado”, Walter Penteado Lorenz (fugiu da Ilha das Flores) e o chauffeur proprietário de um caminhão de S. Roque, cujo nome não foi conseguido (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p. 90).

anarquia. É empurrão daqui, sanduíche dali, risos, gritaria. Uma perfeita troça de estudantes.

Recebo um caixote de São Paulo contendo queijos, marmelada, goiabada, doces frescos, frutas e outras coisas gostosas.

Os “sócios” sentem o cheirinho de longe e chegam “cerimoniosos” esperando por um oferecimento delicado.

Num abrir e fechar de olhos tudo se acaba.

Agora, sozinho, posso reler a carta do meu Pai vinda com os doces. Embora pouco noticiosa, sempre é com satisfação que passo novamente os olhos sobre ela.

A família está sempre pensando em ti, mas cheia de esperanças e confiante de que nada de mal acontecerá, não devendo, portanto, te preocupares com os aborrecimentos que a tua ausência pode nos dar. Cumpra o teu dever, nada de esmorecimentos. Estás defendendo uma causa santa que muito te nobilita.

\*\*\*\*\*

Postos em liberdade os pés incharam ainda mais e agora só com grande custo metê-los nas botinas. Pisando devagarinho, saio para dar uma volta. Encontro-me com o Silvio Passos Maia, há vários dias na cidade, por ter dado baixa ao hospital. Agora felizmente sente-se bem.

O resto do dia passamos sem novidades. Deitamo-nos cedo não só porque estamos cansadíssimos, como também por falta de luz no alojamento.

Cada soldado deve ficar meia hora de sentinela a começar do primeiro, à direita da porta, até dar toda a volta. Desse modo, pelo cálculo que eu fiz a minha guarda começaria às 2 horas da madrugada e, por isso, quando o meu vizinho me acorda antes da meia-noite eu bem percebo que houve malandragem. É impossível que todos estejam fazendo a coisa às direitas.

Penso um bocado e reconheço que eles têm razão. É mesmo uma tolice a gente perder meia hora de sono sem necessidade alguma, quando o alojamento está com sentinelas nas portas da rua. Além disso, o Tenente não ordenou qualquer vigilância interna. Assim pensando e melhor agindo, sacudo o Pacce passando-lhe a vara. A minha guarda está feita...

Agosto, 13. O dia de hoje é aziago para os supersticiosos. Isso deve mexer com a tropa...

Depois do rancho o meu grupo é indicado para guarnecer uma estrada a dois quilômetros da cidade. A primeira esquadra está alterada com o preenchimento de duas vagas por soldados da Força Pública.

Não sei porque cargas d'água, ao invés do Sargento Siqueira vai um cabo da 3ª. Cia, na qualidade comandante. Envaidecido com isso, o cabo começa a fazer umas exigências tolas.

O jovem militar (muito mais jovem do que militar), revela-se, desde logo, superficial em coisas profundas e profundo em coisas superficiais...

Um soldado da Força Pública, mulato grosso e sabido como ele só, não recebe com boa cara as implicâncias do cabo. Resmunga com o companheiro e, elevando a voz, diz claramente “a quem destina a primeira bala na hora do combate”.

– Comigo espoleta não brinca, não!

O cabo finge não entender, mas, aos poucos, atenua os rigores da disciplina.

Paramos ao pé de uma grande árvore à beira da estrada, onde, por ordem superior, devemos acampar.

A uns cem metros além erguem-se várias casinhas, mas não se vê pessoa alguma nos arredores. Um dos nossos, porém, indo beber água num córrego próximo das habitações, voltou horrorizado dizendo ser aquilo uma colônia de morféticos. Vira mulheres lavando roupas e dois homens em estado lastimável.

O riacho passa a construir para nós o Suplício de Tântalo.

Ouvimos seu murmurar convidativo mas receamos beber de sua água. O Bezerra, o companheiro do mulato sabido, acha tolo o receio, por se tratar de água corrente. Talvez tenha razão, mas já ficamos cismados.

Mosquitinhos “pólvora” nos atacam enxames, e, como alguém lembra a possibilidade de serem transmissores do mal de Hansen, resolvemos fazer um foguinho para afugentá-los. Mas... S. Excia – o cabo – opõe-se terminantemente.

Volúpias de autoridade.

Para não discutir, contentamo-nos em fumar. Fumamos o dia todo. O Paulo Hummel querendo economizar os seus preciosos “Odalisca”, avança nos meus “quebra-peitos”, “Olinda” e “Asso”.

Cada qual se entrega a diferentes passa-tempos.

Este costura. Aquele limpa o fuzil. Aquele outro afia o sabre. Eu aproveito a calma para responder a meu Pai.

Entre outras coisas eu digo:

Tenho (como Mamãe) desejo de fazer-lhes uma visitinha, mas o momento não é oportuno. Estamos em contínuas atividades e, por isso, não posso deixar os meus companheiros. Além disso, espero estar de volta definitivamente em poucos dias, o que será agradável.

Sempre procurando iludir os meus. E quem sabe a mim mesmo? ...

Mais adiante:

Muito embora eu (como todos os colegas) não tenha perdido a mínima parcela, de entusiasmo e coragem, sinto-me bastante contente em receber os seus conselhos. As suas cartas traduzem bem o ardor patriótico que inflama a alma do paulista.

Continuando, formulo uma hipótese absurda para o momento:

Se por um acaso perdêssemos a luta, ainda assim São Paulo sairia porque este momento fez aparecer uma porção de atividades que estavam latentes. Quanta coisa fizeram! Até capacete de aço!

À noite nos revezamos na guarda e dormimos relativamente bem.

De manhãzinha o Raul Soares de Mello recolhe os cantis e, com eles às costas, toca para a cidade em busca d'água.

Uma hora depois está o Raul de volta trazendo também a correspondência e notícias do P. C. <sup>36 37</sup>.

---

<sup>36</sup> Dia 14 o Capitão Bravo passa o comando ao Major Heliodoro. O novo comandante é um dos mais brilhantes oficiais da Força Pública, tendo tomado parte no levante de 28 de abril. A sua atuação em Guapiara, como chefe do E. M. do Destacamento Tenório, só lhe pode ser elogiosa". Foram suas palavras: "Exército Constitucionalista. Setor Sul. Batalhão 14 de Julho. Comando do Batalhão. É com justificada ufania que passo a comandar o batalhão de 14 de Julho. Constituída por elementos dos mais representativos da intelectualidade paulista, esta unidade tem sabido conduzir-se à altura das grandes responsabilidades que pesa sobre a nossos ombros no grave momento que atravessa a nacionalidade brasileira. É de elementar preceito da sociologia que o equilíbrio social e político dos povos só pode ser mantido só pode ser mantido mediante o império de leis que asseguram o livre exercício de todos os direitos do cidadão, reguladas convenientemente às relações entre governantes e governados. Entretanto, há perto de dois anos o Brasil sofre os efeitos desagregadores da política de recalçamento e supressão desses direitos, com a implantação da ditadura que, procurando eternizar-se no poder, fez ruir por terra, sem qualquer compensação, o regime representativo à cuja sombra se exercitavam, embora com imperfeição, os direitos do cidadão brasileiro. Precisamos afirmar a nossa existência política, exigindo o restabelecimento do regime Constitucional, com as modificações e aperfeiçoamentos aconselhados pela experiência e exigidos pela consciência nacional. Assim pensando e assim agindo perto de dois anos, aqui estou, disposto a fazer todos os sacrifícios para coordenar os esforços do 14 de Julho pela soma que melhor possa corresponder aos interesses da grande causa que defendemos e assegurar a continuidade dos esforços empregados no comando interino do meu grande amigo e valoroso companheiro na preparação e execução dos movimentos revolucionários irrompidos em São Paulo desde o triunfo da revolução de 1930 a esta parte, o Capitão comissionado Cândido Bravo (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p. 91 e 92).

<sup>37</sup> A falta de combatividade evidenciada pelo Tenente Coronel Moraes Pinto e o inopinado recuo da jornada de 12 mostraram ao comando do Setor a conveniência de sua substituição imediata. Estava naturalmente indicado para o seu posto o Tenente Coronel Álvaro Martins, também da Força Pública Paulista e que já se havia feito credor da confiança geral (BASTOS, J. A. Palmo a Palmo: luta no sector sul. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932. p.102).

Ao aproximar-se, grita em tom de zombaria:

– Vocês por acaso conhecem um tal Doutor José de Assis Pacheco? – pergunta frisando o “doutor”.

Devo ser eu – respondendo isso enquanto recebo de suas mãos duas cartas e um pacote.

– “Calouro–enfeitado” bancando o doutor, hein? – provoca-me o Raul com um “pernacchio”.

– Calouro, vírgula! Já sou 3/5 de bacharel.

Uma das cartas, a do “Dr.”, tem uma letra desconhecida. Ignoro de quem seja, mas é certo que é de moça. De moça... Sinto um não sei que e, sem querer, um nome transborda pelos meus lábios.

– “Será”? – pergunto a mim mesmo. Rasgo o envelope procurando a assinatura da gentil remetente.

– Ora... errei...

Trata-se, entretanto, de uma carta que muito me honra, pois é de uma velha amiga de minha mãe.

A outra carta, a de meu Pai, também datada do dia 9, é bastante longa e, como sempre, ele se mostra empolgado com a revolução.

O que é verdade e que ninguém pode contestar é que o entusiasmo e a confiança na vitória são os mesmos. A cidade está cheia de soldados e os trens partem, quase todos os dias, transportando tropas. As notícias do Rio são sempre favoráveis (barulho nas ruas, correrias, vivas a São Paulo e à Constituição) mas para pegar no “pau furado” só o paulista. São todos solitários conosco: Minas, Rio Grande, todos são nossos adeptos, mas é por lá e de lá que vêm as forças contrárias. No dia em que a vitória for nossa todos eles aderem, todos cooperam para a constitucionalização do país, todos são patriotas e saberão reclamar para eles a parte do leão. Felizmente aqui cada Paulista é um herói de verdade. Os que não podem seguir prestam relevantes serviços em tudo quanto é preciso. Abriram uma subscrição para comprar capacetes e em cinco dias arranjaram mais de 400:000\$000! Isso só mesmo de Paulista!”

\* \* \* \* \*

Que bem me fazem estas cartas. Aqui no front, às vezes, fica-se tão desanimado com tantos insucessos, tantos passes e traições, mas ao se ter notícias do que vai pela retaguarda, cria-se novo ânimo, nova confiança na vitória. Havemos de vencer custe o que custar. Lá em São Paulo todos trabalham reforçando a nossa resistência

Um grupinho que se formara a dois passos de mim explode numa gargalhada gostosa.

No mínimo inventaram outra piada de papagaio... A roda aumenta e as anedotas se tornam cada vez mais cabeludas.

Já passa do meio-dia e apenas tomamos o cafezinho frio da manhã. A chepa está tardando sem que se saiba a razão. Não virá?

O Longo sai então com o mulato da Força Pública para um reconhecimento nas sitiocas mais próximas. Voltam trazendo uma belíssima galinha, um pouco de sal e mais uns temperos. O Longo comprou tudo de um caipira por dois mil réis. É que ele não gosta de “espiantar”. Eis o tipo-padrão do soldado que deveria ser adotado em todo o Brasil...

A “penosa”, não obstante ter ficado um pouco dura, é muita apreciada. Comemos também chocolate em tábua e chupamos algumas limas.

Depois de pequena sesta escrevo a uma de minhas irmãs. Não sei de nada mais agradável do que escrever. Sempre que posso envio umas linhas para tranquilizar a família, o que procuro fazer entre brincadeiras para atenuar a realidade das coisas. Isso as vezes custa-me bastante e, por isso, talvez já tenha caído em contradições, deixando escapar alguma verdade mais amarga.

... Escreve-se sempre porque as cartas são os únicos laços que me prendem à sociedade. Aqui estou completamente animalizado. Tudo é tão diferente, tão material que em pouco tempo fica-se bronco.

\*\*\*\*\*

A minha estada nas trincheiras foi utilíssima por enquanto tornei-me um perfeito soldado. Dois requisitos me faltavam: – “conhecer o fogo” e “tornar-me porco”. Agora já tenho os dois, principalmente o 2º. – Durante todo o tempo em que estive em Guapiara não tirei as botinas, nunca mais vi escova de dentes e pente. Não é preciso mais para você calcular o estado da minha sujeira. Até os óculos (não sei como

ainda os conservo) e o capacete de aço eu não tiro para dormir.

\* \* \* \* \*

Agora lanço um “peixe” tranquilizador:

Creio que irei para casa sem matar ditatorial porque parece que agora vamos para uma zona sossegada onde não há combates.”

\* \* \* \* \*

Monto guarda da 1 às 2 horas da manhã. Sendo eu o único homem acordado nestas paragens, preciso de muita cautela no desempenho da minha missão.

Ora de pé, ora sentado sobre um cupim, observo atentamente tudo quanto se passa ao redor. O menor movimento de folhas, um estalinho por mais leve que seja, põe-me de sobreaviso.

De repente qualquer coisa se agita atrás de umas folhagens. Incontinenti grito apontando o fuzil:

– Quem vem lá? Avance a senha!

Rápido, atravessa a estrada um bicho do tamanho de uma lebre e se esconde no mato.

– Que diabos será esse?

Redobro a vigilância interessado em descobrir o animal.

Lembro-me agora de que mandei avançar a senha quando é certo que para hoje nada foi combinado. (Uma grave falha de S. Excia – o cabo).

Essa história de senha é uma atrapalhada. Requer muito cuidado, pois, qualquer indecisão pode custar a vida de um homem.

O dia 15 de Agosto amanhece sombrio. Desde cedo ouvimos forte canhoneio. Ficamos vivamente impressionados com a quantidade desmensurada de tiros de artilharia conjugados com os da aviação e fuzilaria

38 39

<sup>38</sup> Foi essa sem dúvida, a operação entre todas as que tiveram lugar no Setor Sul. Os meios postos em ação e o caráter acentuadamente clássico de que se revestiu, poderiam mesmo indica-la como um caso concreto digno de estudo. Correspondentes da imprensa, acreditamos junto ao estado maior do General Waldomiro, chegaram a classifica-la como “a maior batalha já havida na América do Sul (BASTOS, J. A. Palmo a Palmo: luta no sector sul. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932. p.65).

<sup>39</sup> No dia 15, bem cedo, ao clarear, o troar da artilharia acionada com violência desusada, indica o começar da ação. Centenas de projéteis, durante toda a primeira parte do dia, pontilham as ondulações da região. Seria falsear a verdade, seria mesmo assegurar o impossível, dizer que o moral de nossa tropa houvesse sofrido inalterável esse canhoneio.” Das oito baterias assinaladas em ação, cujos canhões despejam projéteis a mancheias, era de esperar, contudo, assaz divertido resultado. A preparação ruidosa se prolongou sem interrupção desde as seis horas e cinquenta até cerca de quatorze horas e, quando depois dela, começou a infantaria a progredir sobre nossas linhas verifica que a sua densidade permanecia a

Agora, com os ouvidos mais educados, sabemos distinguir os nossos tiros dos do adversário.

Temos, por isso, clara noção do desequilíbrio das forças combatentes, noção essa que se traduz nitidamente em cada rosto<sup>40 41</sup>.

Passa por nós um casal carregando uma criancinha. Fazemo-lo parar afim de saber quem são, donde vem e para onde vão.

Assim que os detemos, a mulher, uma moça de aparência distinta, cai sentada no barranco. Está fatigadíssima. A sua fisionomia inspira compaixão. Dirige-nos um olhar triste, revelador de toda sua angústia, como que para pedir misericórdia.

O marido, carregando a criança, diz ser farmacêutico em Buri e que abandonara às pressas a cidade por causa da ameaça que pesa sobre ela. Não sabe para onde vai. Saíra sem destino para salvar o filhinho<sup>42</sup>.

As baterias inimigas não descansam. Continuam atirando sem cessar.

À tardinha o Capitão Urbano e mais um oficial nos visitam.

Estudam minuciosamente o terreno e nos mandam ocupar uma posição a 300 metros mais acima.

---

mesma e que a desarticulação de seus elementos ia exigir muito mais do que essas granadas despejadas a esmo, sobre falsas organizações vazias, ou talvez mesmo, sem objetivos definidos!... Artilheiros do meu País, todos os tiros dados nesse dia foram inócuos! Falharam vossas observações, estavam errados vossos cálculos de alça e de derivada! Os projetis, os gêneros dos tiros escolhidos estavam errados e com eles pouco sofreu o vosso adversário! Nesse dia, o impressionante poder da vossa arma, o seu ruído que aterroriza no combate, foram menos expressivos que o simples tiro de fuzil ordinário! ... Falhastes. (BASTOS, J. A. *Palmo a Palmo: luta no sector sul*. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932. p.75).

<sup>40</sup> O Coronel Brasilio Taborda assim se expressou, no boletim de 24 de Agosto, n.º 28, sobre o combate de Vitorino Camilo: "As forças constitucionalistas do Setor Sul lavraram nos dias 15 e 16 de Agosto uma página de bravura e de civismo. A maneira brilhante com que suportaram a preparação da artilharia inimiga, que durou das 6 até às 16 horas de 15, o denodo com que se mantiveram nas trincheiras, para deter as vagas sucessivas de assalto, que eram precedidas de numeroso fogo de acompanhamento, dizem bem alto do valor do soldado paulista e a justiça da causa pela qual se bate (MEDICI, F. P. *Trem Blindado*. São Paulo: Acadêmica, 1933. p.85).

<sup>41</sup> Referindo-se à batalha de 15 de Agosto, diz Clovis Gonçalves, defensor da ditadura: Neste combate estão vomitando fogo sobre as linhas inimigas vinte e dois canhões. Há munição a granel... O combate parece que irá até amanhã. São 16 horas e o tiroteio, no nosso flanco, continua intenso. A resistência destes (paulistas) tem sido tenaz, honrosa. Tem-se a impressão de que, desta vez, os paulistas estão dispostos ao último sacrifício. É como podemos justificar a sua permanência nessas trincheiras que temos martelado tanto (MEDICI, F. P. *Trem Blindado*. São Paulo: Acadêmica, 1933. p.108).

<sup>42</sup> Fato curioso. Vinte e dois anos depois de haver mencionado a passagem acima, li o livro "Carne para Canhão", de nosso inimigo Clóvis Gonçalves, à página 91 a seguinte narração: "Um farmacêutico, em Buri, fiel aos seus coestadanos, deixou-se ficar na vila para mandar-lhes informações nossas. Dispunha de uma ligação telefônica secreta que permitia comunicações com Capão Bonito e Itapetininga... A punição do farmacêutico não se fez esperar. Saquearam lhe a casa de negócio. Não ficou uma prateleira em pé. As ambulâncias de alguns corpos se encheram de medicamentos. Por fim, já noite, atearam fogo ao montão de destroços. A guerra civil fizera surgir soldados com alma de Nero, no Brasil. Eis a desgraça a que arrastaram os paulistas os seus politiqueiros. Eis a desgraça a que arrastaram os paulistas os seus politiqueiros. Eis um cidadão que, em tempos normais, seria tão honesto como qualquer outro, transformado, subitamente, pelas contingencias da guerra, em espião, em fugitivo, e, finalmente, com a sua casa de negócio incendiada..." Não há dúvida de que se trata da mesma pessoa.

Deixam transparecer a possibilidade de qualquer coisa grave ao recomendar muita atenção para determinado trecho da estrada que se avista lá em baixo, a mais de um quilômetro.

Querem que estejamos em contínua comunicação com o P. C. instalado na cidade. É preciso fazer a ligação a partir das vinte horas.

A primeira guarda – das 20 às 22 horas – cabe ao Longo e a mim. Nós dois, ainda meio capengas, rumamos para a cidade.

Sós, na estrada escura, ouvindo as fúrias da artilharia inimiga contra os nossos velhos fuzis, não podemos ter muita prosa. Preferimos meditar. Meditamos sobre a vida, recordamos todo um mês de guerra, pensamos na família.

Chegando ao P. C., recebemos ordem de avisar aos companheiros para voltarem imediatamente porque devemos seguir para Buri.

Felizmente a partida é adiantada para o amanhecer. Felizmente, porque as noites não são muito convidativas para aventuras arriscadas.

Vamos, então, pernoitar na mesma construção onde já estivemos.

Como as salas não chegam para todos, alguns são forçados a dormir no corredor da entrada. Tomo logo conta de um banco de pau, o único existente, para me servir de cama. No corredor venta horrivelmente porque a porta da rua precisa ficar aberta. A princípio, como houvesse muita gente parada na entrada, o vento não me incomodava, mas agora que todos se acham dormindo, está uma coisa horrível.

Por sua vez, o banco no desempenho do papel de leito deixa muito a desejar.

Prefiro-me, contudo, ao cimento frio onde descansam alguns companheiros.

Por mais que me esforce não consigo dormir. Para disfarçar, levanto-me e converso com a sentinela. Fumo um cigarrinho, mastigo umas bolachas d'água e volto para o "berço" na esperança de conciliar o sono. Vã esperança.

Cochilo um bocado, mas logo desperto espirrando e tremendo de frio. Maldito vento!

Invejo o bem-estar de um pretão feio que ressona gostosamente, estirado no cimento, como um suíno.

Não sente a umidade do chão e nem sequer percebe o vento.

Apesar dos pesares não lamento a minha sorte. Podia ser bem pior. Hoje, ao menos, tenho um teto para me abrigar... E amanhã? ...

# XIII.

## RUMO A BURI

Nas barbas do inimigo.  
Uma guarda inesquecível.  
Dois feridos.  
A casa do Alemão.  
Buri à vista.

**16 a 17 de Agosto de 1932**

---

A noite se esvai numa lentidão enervante. Finalmente a madrugada penetra no alojamento.

À hora do café reúne-se quase todo o batalhão, o que constitui motivo de imensa alegria, por enquanto, há muito não vemos a maior parte dos companheiros.

Encontro-me com o Ciro Passos Maia, chegando há pouco de da Capital. Voltou bem disposto de cabelo cortado, cara lavada e farda limpa. Tem um arzinho de criança quando sai do banho.

Ouvem-se vozes de comando e o batalhão entra em forma. Depois da chamada o Tenente Ataliba é substituído pelo Tenente Napoleão. O novo comandante é bem mais moço e muito simpático.

Antes da partida são distribuídas correspondências e peças de roupa. Ganho um horrível par de meias verde-espinafre.

Apertados nos caminhões seguimos em direção à cidade de Buri para retomá-la das mãos inimigas.

O ânimo geral é excelente. Estão todos bem dispostos e esperançosos.

Fenômeno interessante esse da transformação radical por que passam todas as fisionomias quando se trata de um avanço.

Quem nos visse na malfadada retirada de Guapiara jamais ousaria admitir a possibilidade de voltarmos às trincheiras com a esperança de uma vitória. E, no entanto, essa esperança vive em nós. Alimenta o mais nobre sentimento que já agasalhamos em nossos corações jovens e idealistas.

Temos perfeita consciência da inferioridade numérica das nossas forças, sentimos a falta do aparelhamento bélico; recordamos com amargura trinta e tantos dias de guerra em que temos sido vítimas de tantos fracassos, das maiores baixezas, das mais ignominiosas traições. É natural, portanto,

que uma vez ou outra nos deixemos abater. Mas, ao toque de avançar, opera-se o milagre. O entusiasmo, aparentemente extinto, ressurgiu de si mesmo e a estudiantada briosa faz frente ao inimigo.

Cerca de duas horas são decorridas quando surgem inesperadamente dois aviões ditatoriais. Os “chauffeurs” instintivamente abandonam a estrada subindo com os caminhões pelo pasto aos troncos e solavancos em busca de esconderijo num mato próximo.

Descemos atabalhoadamente, embrenhando-nos na mata. Alguém por sua alta recreação, atira contra os “vermelhos” que voam a pequena altura. É o bastante para iniciarem o ataque. Um deles metralha enquanto outro despeja bombas.

Não sendo mais possível continuarmos pela estrada, o único meio é atravessar o mato. A travessia é feita com grandes dificuldades. A todo momento a gente tropeça, o fuzil se enrosca na ramaria, os bornais e as cartucheiras, como sempre, atrapalham os movimentos impedindo que o soldado se deite e se levante com presteza.

Uma bomba estoura de encontro a uma grande árvore, produzindo um estrondo amedrontador e projetando, estilhaços e gravetos por todos os lados.

Após infinita série de tombos, cheios de arranhões, retomamos a estrada a meio quilômetro para cima.

Os “passarinhos” já se foram.

Sinto que meus pés não estão muito dispostos a grandes caminhadas, contudo, estimulado pelos companheiros, continuo marchando sem dar parte de fraco.

Uma fuzilaria é ouvida com bastante nitidez. São os bombardeiros e parte da 1.<sup>a</sup> Companhia do 14 disputando a posse de Buri.

À beira de um barranco paramos um pouco para descansar. Bebo uns goles de café que trago no cantil e como algumas bolachas.

Um rapaz do 2.<sup>o</sup> pelotão começa a pular como um doido dando palmadas em si mesmo. Ninguém consegue conter o riso. É que o coitado foi sentar-se exatamente sobre um formigueiro de saúvas e está às voltas com as ferroadas. Só mesmo pulando...

À tardinha chegamos ao alto de um espigão. Seguimos por um trilho que corta o capinzal para alcançarmos as trincheiras dos bombardeiros. Felizmente o tiroteio está agora mesmo intenso. Mais adiante encontramos novamente a estrada. Precisamos passar para o outro lado, mas parece que fomos pressentidos, pois a fuzilaria torna a aumentar, visando exatamente o trecho onde estamos. É um verdadeiro fogo de barragem.

Protegidos por um barranco, vemos as balas cravarem-se na terra a poucos passos de nós. Não temos ordem para fazer fogo porque qualquer reação de nossa parte seria comprometedor.

Afinal aparecem os aviões constitucionalistas e, protegidos por eles, conseguimos atravessar a estrada. Precisamos reforçar as trincheiras paulistas, custe o que custar pois, segundo dizem, os bombardeiros estão desertando por falta de munição.

Favorecidos pelo lusco-fusco, pois já não é dia sem, contudo, ser noite ainda, chegamos a um casebre de madeira à direita da linha de fogo. A habitação está deserta. Colchões ensanguentados denunciam a passagem de soldados feridos.

O inimigo está pertinho. Avaliamos a boa situação do seu entrincheiramento e acabamos nos convencendo da impossibilidade de uma resistência neste lugar. O mais acertado seria ocuparmos um morro a uns 300 metros para a retaguarda, todavia, não havendo ordens nesse sentido, escondemo-nos atrás da casa e de umas barricadas espalhadas ao redor dela.

Percebemos todo o movimento do adversário e, por vezes, ouvimos gritos confusos trazidos pelo vento.

O “prego” deita a rapaziada por terra fazendo-a passar pelo sono, mesmo nas barbas do inimigo.

A sentinela é dupla. Monto guarda a cinquenta metros do Augusto. A fiscalização precisa ser muito rigorosa. Observar tudo quanto se passa do lado do inimigo, contar o número de caminhões que chegam e que partem; procurar até, se possível, entender o que dizem.

A guarda é das mais penosas. Não se pode fazer o menor barulho. É ficar imóvel, atento, alerta.

Até agora chegaram seis caminhões e partiram quatro. Não percebi se trouxeram soldados ou munição. Por duas vezes roucas e indecifráveis.

Os minutos não passam. Pela primeira vez sinto pressa de deixar o posto. É que a responsabilidade do momento é enorme. Um século depois sou rendido.

Deito-me à beirada do caminho num esgoto escavado pelas enxurradas. No buraco a terra é menos dura e o vento não incomoda tanto.

Durante a guarda inteira concentrei todas as minhas forças para acompanhar o que se passava do outro lado e, por isso, sinto-me agora bastante fatigado.

Percebo que tenho os nervos excessivamente abalados. Há qualquer coisa de estranho dentro de mim.

Sofro uma angústia, uma vontade de desabafar-me, mas estou só! ...

Aos poucos vou sentindo uma moleza no corpo, uma lassidão nos músculos e logo mais durmo profundamente, abraçado ao fuzil.

Já é dia claro quando tentamos retroceder; isto, entretanto, não conseguimos desde logo porque estamos sendo visados pela fuzilaria inimiga.

Sem ordem para responder, permanecemos deitados atrás de uma barroca a espera de melhores momentos<sup>43</sup>.

Não sei explicar como chegam até nós uns lanches vindos de São Paulo por intermédio do M. M. D. C. Cada embrulho contém um pão com bife, um bolinho e um pacote de balas.

Consigo dois desses lanches e os devoro com satisfação, não obstante ter que desprezar a carne por estar um tanto esverdeada.

Enquanto os ditatoriais gastam inutilmente boa cópia de munição, passo novamente os olhos sobre a última carta recebida.

Por ela bem avalio a preocupação em que trago todos os de casa.

\*\*\*\*\*

Pela tua carta vejo estás com disposição de ânimo e isso é uma grande coisa; é a metade da vitória; nada de esmorecimento e também de precipitações. É preciso ser calmo e refletido. Nas guerras modernas de nada servem esses exageros que só servem para o soldado se expor sem resultado satisfatório. Tenha cuidado com a saúde, porque sem ela nada poderás fazer a bem da nossa sacrossanta casa.

\*\*\*\*\*

Aproveitando uma ligeira calada, o bagageiro do Tenente Napoleão tenta atravessar a estrada. É mal sucedido, porquanto recebe uma rajada de metralhadora que o atira por terra ferindo-o em ambas as pernas.

O Hugo Malheiros recebe também um tiro que o atinge numa das costelas.

Felizmente o estado de ambos parece ser lisonjeiro mas, mesmo assim, ficamos contristados com o acontecido. Nada mais doloroso do que ver os companheiros feridos sem poder prestar-lhes os necessários socorros.

Mais tarde conseguem ser transportados pelo pessoal da Cruz Vermelha para o Hospital de Sangue em Capão Bonito, graças à intervenção da aviação constitucionalista.

---

<sup>43</sup> O 1.º Pelotão da 2.ª Companhia e elementos do Corpo de Bombeiros, postados na estrada de rodagem, ficam na manhã de 17 localizados pelas armas automáticas inimigas, sem poder sair do lugar, o que só conseguem, na Companhia de um ferido do "14", durante o bombardeio de três aviões paulistas quando o inimigo ainda se restabelecia do susto violento e vingativo *conseguido* (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p. 104).

Enquanto as asas da liberdade cruzam os céus do sul silenciando, nos próprios ninhos, as armas dos autômatos da ditadura, os estudantes de São Paulo sobem a morroria em busca de melhor posição.

Passamos por uma sitioca (que ficará sendo: “A Casa do Alemão”) onde um casal de alemães apressasse a minorar a nossa sede, pondo à nossa disposição a sua talha<sup>44</sup>.

Bebo com sofreguidão duas canecas de uma água límpida e fresquinha. Parece ser a água mais deliciosa que já bebi em minha vida.

No quintal, uma tina cheia d’água tenta-nos mais uma vez. Não podendo resistir, metemos a cabeça dentro do barril e apesar de enxergarmos no fundo uma grossa camada de lodo, cacos de vidro, pedaços de telha, etc., ainda assim chupamos a água e enchemos os cantis.

Continuando a marcha, subimos em direção ao morro que já pretendíamos ocupar. Antes de chegarmos a ele paramos um pouco num rancho de taipa, à beira da estrada, onde está instalado o P. C.

Ao redor encontram-se vários oficiais, alguns soldados, um automóvel e quatro cavalos arreitados. Dentre os oficiais distinguimos o Major Arlindo, o Capitão Cândido Bravo, o Tenente Coronel Anchieta e o Major Heliodoro Marques. Este último desde o dia 14 assumiu o comando do nosso batalhão, que era exercido provisoriamente pelo Capitão Cândido Bravo.

Chama a minha atenção uma cena singular: – o soldado Alonso Ferreira de Camargo insiste com um dos oficiais para deixa-lo seguir conosco, mas o oficial não o atende. Depois de muito relutar o Alonso acaba por submeter-se às ordens do superior, ficando no P. C. Naturalmente ele se sente vexado com a consideração toda especial aos seus cabelos grisalhos, mas obedece como um bom soldado. É sem dúvida uma figura simpática a desse voluntário de meia idade.

Às 15 horas, mais ou menos, chegamos à crista de um morro todo coberto de samambaias bravas e sapé.

Depois de bem localizado o setor inimigo, damos início ao entrincheiramento.

Como sempre é escasso, ou mesmo inexistente, o material de sapa e, assim, somos forçados a nos valer do sabre, do capacete, do prato, da colher, das mãos, das unhas... para cavar a terra.

As trincheiras são dispostas em semicírculo ficando a 1.<sup>a</sup> Companhia perto da estrada e a nossa, a 2.<sup>a</sup> Companhia mais para dentro, dobrando para o outro lado da encosta. A 3.<sup>a</sup> Companhia fica a retaguarda, mais no alto.

Uma hora depois estão abertos os sulcos que passam a constituir a nossa fortaleza.

---

<sup>44</sup> É o destacamento de Fundão que, surpreendendo o adversário na rapidez com que iniciou a sua progressão, em duas jornadas estava de novo nas nossas antigas posições em cuja linha existia uma fazendola conhecida entre os soldados pela “casa do alemão” (BASTOS, J. A. Palmo a Palmo: luta no sector sul. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932. p.83).

Ficamos satisfeitos com a posição escolhida, pois, divisamos muito bem o setor inimigo. Parece que ultimamente estamos sendo dirigidos com mais critério.

Diante de nós está Buri, nosso objetivo militar.

Agora tratamos de preparar as lonas porque um forte aguaceiro ameaça desabafar de negras e bojudas nuvens.

O tempo caminha lentamente.

Chove... anoitece... faz frio...

# XIII.

## NO MORRO DO ALEMÃO

Novo entrincheiramento.  
Duelos de fuzilaria.  
Troféu de guerra.  
A chegada do Vovô.  
Carrapatos em profusão.

**18 a 20 de Agosto de 1932**

---

Às quatro horas da madrugada termina a minha guarda. O Longo antes de me substituir faz-me tomar uns goles de um delicioso “Martel” que recebera de São Paulo. Pede-se encarecidamente para não revelar a ninguém a existência dessa preciosidade porque não poderá oferecê-la a todos.

Depois do “trago” encolho-me no fundo da trincheira enrolando-me no cobertor. Durante uma hora estivera no ponto mais alto do morro, completamente desabrigado, sofrendo a umidade de uma chuva fria. A todo o momento precisava enxugar os óculos para poder ver o que se passava ao redor. Felizmente nada de anormal aconteceu, a não ser um grande movimento de chegada e saída de caminhões no campo dos defensores do regime ditatorial.

Às seis horas a tropa é acordada a fim de prosseguir no preparo das trincheiras. Protegidos por densa cerração, saímos dos buracos e... mãos à obra. Antes das dez voltamos às trincheiras porque o sol já brilha e o inimigo é visto e nos vê a olho nu.

Parece que estão com vontade de brigar, pois não tardam a iniciar a provocação.

Assobiam assim os primeiros tiros sobre nossas cabeças. A soldadesca toda se agita e os fuzis se alinham sobre o parapeito aguardando o momento emocionante de revidar o desafio.

Rápido, finco os joelhos na terra úmida a procura da melhor posição para atirar; levando a arma de encontro ao ombro, aciono o ferrolho mandando a primeira bala para a agulha, enquanto com rosto colado à coronha viso a mira. Soldado e fuzil se completam formando um só todo. Ninguém fala. Emocionados, aguardamos a “largada”

– Pelotão! ... Atenção!

O momento é grave: respiração suspensa; músculos retesados.

– Visar a direita da estrada.

Os fuzis se inclinam na direção.

– Fooogo!...

Um forte estrondo reboa pelas cercanias seguido imediatamente de um crepitar de tiros que se prolonga pelo tempo a fora. Tratava-se de um verdadeiro duelo de fuzilaria. As balas vão e vêm passando baixinho sem, contudo, atingir nossas trincheiras. É que o adversário está usando a mira um pouco alta. Ajeito o capacete puxando-o sobre os olhos para melhor me proteger. A hora é de grande emoção. Depois de tanto tempo de campanha, este é o primeiro ensejo que realmente temos para fazer frente ao inimigo.

Apoiados ao parapeito, atiramos com entusiasmo certos de levarmos a melhor. Temos confiança na posição em que estamos (até que enfim!) e não nos intimidamos com a fúria dos ditatoriais. Eles atiram e nós respondemos à altura.

Quase duas horas depois a agressão diminui, havendo também de nossa parte ordem para se atirar com menos intensidade. Por fim cessa completamente o tiroteio.

Aproveitamos a trégua para limpar os fuzis. O suor preto da arma sujame as mãos, escorrendo pelos braços. Manchados de pólvora estão todas as mãos, todas as caras.

Com a ponta da baioneta desenterro um cartucho vazio que, durante o tiroteio, calquei na terra com o tacão(facão) da botina. Depois de limpá-lo, guardo-o cuidadosamente no forro da farda, para isso rasgado o canivete.

É o meu troféu de guerra, uma lembrança do primeiro tiro.

Quando partimos de São Paulo, no momento solene em que Hermes ficou noivo da Neyde, alguém lhe sugeriu que guardasse para a sua amada o cartucho do primeiro tiro. Seria a prova indiscutível de que ela não fora esquecida em circunstâncias tão difíceis.

Não sei se a “Miss São Paulo” recebeu a relíquia, o que sei, porém, é que muitos tencionavam fazer o mesmo, mas... só se lembram disso depois do combate quando lhes exhibi o meu cartucho. Alguém que prometeu rezar por mim receberá o presente...

Às 14 horas, mais ou menos, chega a chepa. Engulo um prato de feijão com arroz sem grande prazer, pois, a comida piora cada dia.

O Tenente Napoleão, aluno da Escola de Oficiais da Força Pública, vem à trincheira pedir o Lelé (Paulus Aulus Pompeia) uns esclarecimentos sobre trigonometria. A ocasião é a mais imprópria para uma aula, entretanto, a título de distração, o Lelé e outros rapazes da Politécnica se esforçam para esclarecer ao Tenente sobre a matéria. Aos poucos o mal vai se propagando

e quase toda a trincheira fica às voltas com teoremas, fórmulas, cálculos e outras complicações tão do gosto desses futuros engenheiros.

Ao escurecer recomeça o tiroteio que se prolonga pela noite a dentro. No escuro tudo é feito às apalpadelas, o que torna a luta mais penosa.

Além dos clarões vermelhos cuspidos pelas bocas das armas, nada mais se vê na impenetrável escuridão da noite.

No dia 19, logo ao amanhecer, chega a correspondência com o café – Recebo um cartãozinho de Mamãe pedindo notícias o mais breve possível.

Calculando quanta angústia traduzem aquelas poucas linhas, proponho-me a escrever-lhe imediatamente uma noticiosa carta.

Buri... 18-8-32... C. Bonito

Querida Mamãe

Faço votos para que a Sra...

Um forte estrondo abala o morro impedindo-me de continuar. É um tiro de canhão disparado contra nós a cerca de um quilômetro. Logo em seguida mais duas granadas caem nas nossas imediações. Afundamo-nos nas trincheiras e a fuzilaria principia com grande intensidade. Atiramos com afinco fazendo pontaria contra o inimigo que chega ao cúmulo de ostentar um canhão em plena estrada ao alcance das nossas visitas. É uma afronta aos brios dos paulistas e, por isso, redobramos o nosso ardor atirando com ódio, com vontade de matar.

Depois vem um silêncio completo.

Quase não posso mover o braço direito, tão dolorido ficou ele com os coices da arma durante o tiroteio.

Aproveitando um momento de calma, o Pacce procura melhor a trincheira. Toda vez que tem uma folguinha lá está ele cavocando a terra, em busca de comodidade e segurança.

É bem diferente do Paulo Bifano. Este não tem vocação para tatú. Sempre que pode, fica de “papo para o ar”. Agora aprendeu uma paródia do “Teu cabelo não nega”. Já repetiu mais de um milhão de vezes o estribilho:

O teu governo não nega, Getúlio

Que foi uma tapeação.

A ditadura não pega, Getúlio

Faz dela bucha de canhão.

Desafio o Longo para uma partida de damas.

Riscamos um tabuleiro e com carteiras de cigarros fazemos as pedras. Jogo com as vermelhas feitas de um maço de “Odalisca”. O Longo não quis

saber de odaliscas... No melhor da festa lá se vai o jogo com o ribombar dos canhões. Felizmente a pontaria continua errada e, embora os tiros caiam mais próximos de nós, ainda assim não somos atingidos.

Passando o canhoneio, o Longo e eu apenas encontramos 3 das pedras do jogo; as outras sumiram-se com a barulhada.

Três aviões são vistos à grande altura. Serão paulistas? Ninguém sabe. Mais tarde voltam voando baixo, mas sem atirar. Estão apenas inspecionando. Disfarçamos as trincheiras espetando sapé verde nos parapeitos. Isso é feito com muito cuidado para não chamar a atenção do adversário.

Ao escurecer os inimigos nos oferecem um espetáculo dantesco. Na fúria de vencer, no desespero de devorar os paulistas, decidem arrasar tudo, liquidar tudo: resolvem queimar São Paulo!

Os “neros” indígenas colocam fogo nos pastos, nas matas. Estimulado pelo vento, o incêndio se alastra com rapidez para o nosso lado procurando nos amedrontar com as suas labaredas vermelhas e sinistras que, por sua vez, se agitam ameaçando as cabeleiras das árvores; então, bambolem nervosamente soltas no espaço e desaparecem... São fantasmas de fogo! Vezes outras rastejam pelo capinzal verde que crispa de dor e crepita soltando fagulhas que o vento leva...

Um ar morno chega impregnado do fumo que, em novelos, se perde no indevassável da noite já feita.

Para mais nos impressionar, o adversário rompe forte fuzilaria acompanhada de artilharia. Aceitamos a luta.

Em pleno combate partem inesperadamente, e de trás de nós, para o campo inimigo, três formidáveis tiros de canhão. Ao ouvi-los deliramos de alegria, criamos alma nova. É o vovô, o 150 do Forte Itaipus que corre sobre os trilhos da Sorocabana<sup>45</sup> Até que enfim! Estávamos ansiosos pela chegada ao caríssimo Vovô. Desde ontem não se falava em outra coisa.

– Agora sim, temos canhão para tirar a “garganta” desses gaúchos!  
Realmente, eles logo se calam.

---

<sup>45</sup> O inimigo deveria ter ficado alarmado com a presença do “Vovô”. É o que se deduz do seguinte trecho do livro “Carne para Canhão” do já citado getulista Clóvis Gonçalves: “O comandante do 1.º Btl. do 8.º R. I. mandou, ao nosso exame de artilheiros, um estilhaço de projétil de grosso calibre que caíra, pouco antes, perto de suas posições. Examinamo-lo detidamente. Os canhões de campanha no maior calibre, que temos no Brasil, estão em ação no vale do Paraíba. Assim, aventamos logo a hipótese, ao Coronel Comandante do Destacamento, de terem os inimigos retirado algum canhão do forte de Itaipus, em Santos, para agir nesta frente. Não nos enganamos. Horas depois tínhamos, diante de nós, um projétil do canhão de 150 m., que não havia explodido. Confirmara-se a nossa hipótese... Dispunham assim, os inimigos do apreciável alcance de quinze quilômetros. A nossa Artilharia alcança, no máximo, nove quilômetros.” E acrescenta o defensor do regime ditatorial: “Mas não demos importância a esta inferioridade. O novo canhão inimigo só nos poderia causar danos de ordem moral. Sabíamos, perfeitamente, que, além de diminuta, a sua munição já estava deteriorada pelo tempo. (GONÇALVES, C. Carne para Canhão! o front em 1932. Rio de Janeiro: Renascença, 1933. p.127-128).

À noite dormimos tranquilamente, aquecidos pelo calor do incêndio e confortados com a vigilância do velho e heroico 150.

A manhã está fria e gostosa. Tivemos para hoje uma agradável surpresa. O café foi substituído por chocolate sendo essa, segundo dizem, uma gentileza da Liga das Senhoras Católicas. É pena que não se possa tomar mais do que uma caneca.

Enquanto a cerração nos permite ficar fora das trincheiras, andamos um pouco para desenferrujar as pernas. Visito o Clineu e o Lira que se acham mais à direita, um pouco para cima, no cabeço do morro. O Lira, bastante comovido, mostra-me uma carta de sua mãe, na qual ela deixa transparecer todo o sofrimento que lhe crucia o coração ao imaginar os perigos a que se expõe o filho querido.

A neblina se esgarça e o inimigo, sempre atento, envia-nos uma saudação. Cada qual corre para o seu posto respondendo a gentileza gaúcha.

Tratava-se renhido tiroteio. As balas agora caem bem pertinho, indo algumas se enterrar no parapeito. Há um presentinho geral de ter chegado a “hora das baixas”. A questão é pegar o primeiro. O Veloso mostra-nos uma lasca de madeira arrancada com um tiro da coronha de um fuzil. A bala cravara-se a dois centímetros da mão do atirador – um recruta, chegado há dois dias de São Paulo. O soldado, pálido, abandona a arma e dá graças aos céus por ter escapado.

Alguém diz que Deus deixou de ser brasileiro para ser paulista. Na verdade, estamos sendo muito protegidos. O mesmo não acontece com o adversário, pois, do P. C. observa-se o movimento da Cruz Vermelha no campo inimigo. Parece que, apesar dos pesares, a nossa atuação está sendo mais eficaz do que a deles. Antes assim.

A luta prossegue com a mesma ferocidade, mas sem vantagem para o inimigo. Os nossos descalibrados fuzis e os dois velhos fuzis metralhadoras fazem frente a uma imensidade de fuzis, fuzis metralhadoras, metralhadoras e canhões.

As trincheiras estão agora quase perfeitas. Bem fundadas e um tanto mais largas, ligadas entre si por valetas que permitem nossa comunicação com o P. C., sem perigo algum. Temos também um “luxuoso” W. C.!

Agora preparamos armações com os galhos de arbustos para cobri-las de sapé. Ficaremos desse modo abrigados do sol, da chuva e do sereno. Os aviões também encontrarão maior dificuldade de localizar a nossa tropa porque não enxergarão mais a faixa de terra no meio do sapenzal.

Hoje não teremos “boia”. Recebemos umas latas de “corned beef” e com elas devemos nos contentar.

Aproveito um relativo sossego para escrever:

Estrada de Buri, 20 de Agosto de 1932. No dia 16 ou 17 avançamos uns 25 quilômetros na direção de Buri até o espigão onde estamos atualmente. Já estou cansado de viver em buracos, pois, assim que chegamos fizemos trincheira e quase não podemos sair dela. O inimigo está pertinho, divisa-se a olho nu...

Indeciso, suspendo o lápis achando que não devia ter contado isso. Lá em casa vão ficar preocupados... O melhor é remediar com uma mentirazinha:

... mas tiroteio quase não há. Ainda ontem demos uns tirinhos mas não tivemos resposta. Eles não podem oferecer grande resistência uma vez que suas tropas estão muito repartidas.

Não posso deixar de rir diante de tantas mentiras e, lendo-as ao Longo, pergunto a sua opinião.

– Você faz muito bem. Eu também procedo assim. São uns idiotas, esses que inventam proezas e façanhas para inquietar a família.

O Pacce lembra-me de uma vantagem – os aviões de hoje cedo.

– É mesmo! E isso é verdade – exclamo satisfeito.

Cruzando novamente as pernas, escrevo apoiando o papel sobre os joelhos:

Os nossos aviões me parecem que fizeram grandes estragos no campo inimigo...

Mal acomodada na trincheira a rapaziada sempre tem do que se queixar. São as pernas cansadas de estarem encolhidas; são os ombros doloridos; é a comida fria, ruim e incerta; é o cansaço, o mal estar geral; são os carrapatos. Ah! Os carrapatos! Que inferno! Felizmente não sou dos mais atacados. O Longo é maior vítima. Tem as pernas vermelhas, inchadas e sangrando. Há dois dias que não pode calçar as perneiras. Nunca vi tanto carrapato.

Ao entardecer recomeça o tiroteio que avança pela noite. Uma noite escura com estrelas por acender.

# XIV.

## AINDA NO MORRO DO ALEMÃO

Abandonados pelo Vovô.  
Um companheiro estraçalhado.  
Missão difícil.  
É impossível! Perdoa-me...

### **21 a 23 de Agosto de 1932**

---

Entre 2 e 3 horas da madrugada de 21 somos acordados com dois tiros de canhão que estremecem a terra.

Eu bem avisei. É o “105” que estavam assestando ontem à tarde – diz o Bezerra, orgulhoso de suas previsões.

A esses tiros segue-se cerrada carga de armas automáticas, obrigando-nos a travar intenso tiroteio até o amanhecer. As granadas estouram perto das trincheiras, nos forçando a abaixar a cada instante. Os estilhaços chovem ao redor.

Estamos desolados com a saída do nosso “Vovô” que deu apenas os três primeiros disparos e voltou para atender a outro setor, deixando-nos novamente ao desamparo.

Só às 11 horas, depois de grande dificuldade, consegue chegar até nós o café-almoço. Se não fosse uma tábua de chocolate, eu estaria ainda em jejum. Ganhamos uma caneca de café e uma banana ao invés de pão. Um gesto estouvado e... lá se vai pela farda e deliciosa bebida. Com muito custo consigo a repetição da dose.

Num dos pequenos intervalos, o Pacce narra as proezas dos tios durante a Grande Guerra. Conta entre outras coisas, que para matar um homem gastava-se a fabulosa quantidade de 10.000 tiros.

– Você tem certeza? – pergunta o Longo interrompendo a narração. – Você tem certeza de que na guerra de 1914 gastava-se 10.000 balas para matar um soldado?

– Tenho. As estatísticas italianas o afirmam com perfeita precisão.

– Então... – continua o Longo com os olhos brilhantes de alegria – quer dizer que...

– Não quer dizer nada – atalho de pronto: – Se você estiver de azar pode morrer no primeiro tiro.

O amigo não gosta da brincadeira. Arrependo-me da piada sem gosto, sobretudo porque o Longo é um verdadeiro “gentleman” mesmo na trincheira.

Vinda por intermédio do Vigário de Capão Bonito e depois de passar de mão em mão, chega a mim uma carta de meu Pai datada de 14.

A certa altura diz ele:

Pelos jornais temos sabido que tem havido nesse setor renhidos combates, dos quase tem obtido as nossas tropas grandes vantagens. Deus permitia que assim seja e que nada de grave tenha acontecido a ti e aos teus companheiros.

– Renhidos combates é verdade, mas as “grandes vantagens”, onde estão? Esses jornais...

O resto da carta deixa-me pensativo.

Se nessa luta receberes algum ferimento, procure, por qualquer meio, fazer chegar ao meu conhecimento para que eu possa ir afim de te fazer Companhia e cuidar de ti. Mas tenho esperança e fé em Deus que isso não acontecerá.

Depois de comentar que alguns soldados conhecidos já estão de volta, em visita às famílias, indaga:

Não seria razoável obteres uma licença para um necessário descanso de alguns dias? Precisamente hoje faz um mês que partiste!

– É verdade – comendo com os companheiros – nunca passei tanto tempo longe da família. Mas agora é impossível deixar o “front”. Irei mais tarde, se Deus quiser.

Enquanto a coisa está parada, cada um de nós, de binóculo em punho, fica por meia hora espreitando o inimigo. Vê-se tudo direitinho, os menores passos. Já assestaram mais canhões. Agora são quatro ao todo. Quatro

canhões vistos a olho nu, a um quilômetro, disparando tiros diretos, alça a zero!

Uma barbaridade!

Dia 22.

Não sei porque amanheci hoje bem disposto e alegre, chegando mesmo a cantarolar durante o tempo em que estive de sentinela. Estarei convencido de que tristezas não pagam dívidas?

Protegido pela espessa cortina de neblina que todas as manhãs desce sobre o teatro das operações como num entreato, saio para o meu breve passeio matinal. Seguindo hoje novo rumo, detenho-me a examinar uma trincheira “sui generis” que encontro à direita, na volta do morro. Acha-se completamente isolada das demais e de tal formato e profundidade que dá a impressão exata de uma cova pronta para receber o caixão. Na parede leio as iniciais R. F. feitas com cartuchos vazios e mais uma letra ainda por acabar.

– Aposto que isto aqui é do “Olho de Moscou” – digo a um soldado que, em Companhia de outros renova a cobertura de sapé da trincheira do 2.º pelotão.

– Não é dele mas é do irmão. É do Rubens.

– Que coisa?! Como é que esse rapaz faz uma trincheira nestas condições? Fica aí encurralado, sem poder sair, impossibilitado de receber munição e alimento durante os tiroteios! E o Tenente não vê isso?

O soldado dá de ombros e continua no seu serviço.

Na volta encontro-me com o Clineu. Trocamos algumas palavras e ele, muito triste, diz que tencionava passar o dia de hoje com a família mas não conseguiu licença. Conta-me que comemora o seu 21.º aniversário.

– Então “toque aqui nos ossos” – digo-lhes apertando-o num grande abraço. E acrescento:

– Quando voltarmos vitoriosos para São Paulo iremos festejar condignamente a emancipação, hein?

Ele sorri sem responder. Está triste. Naturalmente lembra-se dos anos anteriores. A saudade da família está nitidamente estampada no seu rosto.

A aviação da ditadura surge de surpresa metralhando a tropa. A soldadesca num “zás-trás” corre atarantada para os buracos. Com o início dado pelos aviões, a artilharia começa a bombardear lançando “mechas” umas atrás das outras, visando especialmente o P. C. que, depois da queimada, ficou mais exposto, correndo assim grandes riscos.

Os aviões voltam após alguns minutos de ausência e continuam a alvejar as trincheiras. Descem em reta quase vertical metralhando toda a linha entrincheirada para depois subirem roncando de modo impressionante.

Há ordem para fazermos “gavetas”.

A situação do momento é gravíssima. Pela frente fuzis, metralhadoras e canhões a mancheias, e agora aviões pelos ares. Era o que faltava!

Precisamos nos defender destes últimos cavando “gavetas” à moda de carneiros em muro de cemitério.

O trabalho é penosíssimo. Sinto-me desanimado com a ordem, mas, não havendo outro remédio, começo a perfurar a parede da trincheira com a baioneta e tirar a terra com o prato de comida. O trabalho é a todo momento interrompido para atender ao fuzil que reclama pela minha presença.

A posição em que trabalhamos é a mais incômoda. Sendo pequeno o espaço, somos forçados a ficar sentados, ajoelhados ou de cócoras, mas sempre com a espinha curvada para não servirmos de alvo aos canhões sedentos de sangue paulista.

A terra escavada se espalha pela trincheira cobrindo os cobertores, os bornais, os cantis; entra pelas botinas; penetra pelas mangas das blusas; suja as unhas, as cabeça. E os pratos, os capacetes, os sabres, as mãos calejadas e encardidas continuam horas a fio cavando a terra.

O inimigo no afã de atirar, atira sem cessar. Em dado momento, quando o Bombardeio atinge ao auge, uma granada “75” cai em cheio na trincheira do Rubens Fraga espirrando farrapos vermelhos de carne e farda por sobre as letras R. F. e uma outra ainda por acabar...

O “Morro do Alemão se agita. Todas as trincheiras num barulho infernal gritam de ódio, vociferam de desespero.

Todas não!

Há uma delas, a menor de todas, a única isolada, que se mantém, calma, tranquila. Nessa não haverá mais guerra, não haverá mais dor. A paz eterna desceu sobre ela.

De boca em boca corre célere o pedido ao P. C. pedido de transporte para um morto e vários feridos.”

A luta continua mais renhida do que nunca.

Tendo acabado a munição apropriada para o fuzil metralhadora é preciso que se encha os seus carregadores com balas de fuzil para que a arma automática não deixe de trabalhar. Depois de ter o Longo se ocupado desse mister durante certo tempo, passa-me a tarefa voltando para o seu posto. Quinze minutos não são passados quando novos gritos partem da direita pedindo reforço com a máxima urgência

Um contingente inimigo avançando pelo mato existente na baixada, procura infiltrar-se por aquele flanco. Os homens, bem municados, avançam ousadamente tentando chegar às trincheiras paulistas<sup>46</sup>.

O Sargento Azevedo que há dias vem galhardamente substituindo o Tenente Napoleão, manda-me levar o nosso fuzil metralhadora para a outra trincheira.

---

<sup>46</sup> Um inimigo tentado pela ala direita é rechaçado de uns 200 metros de distância Para trás, inimigo! (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p.113).

Se, como soldado, não me cabe discutir ordens, posso, contudo, como ser humano, lamentar intimamente ter sido o escolhido para essa arriscadíssima missão.

Sem proferir palavra, ponho a arma sobre os ombros e me esgueiro pelas bordas da trincheira, arrastando-me colado ao chão como um réptil. As balas sibilam e por um instante, o medo me paralisa no lugar. Mas é preciso vencê-lo. É preciso chegar ao destino o mais depressa possível. Só há uma saída digna – é avançar. Avanço. Avanço já sem medo porque é preciso avançar.

Passo perto de uma cova onde, bem no fundo amontoados numa possa de sangue preto, jazem os despojos do ginasião Rubens Fraga de Toledo Arruda: – um menino de 16 anos.

Faltando ainda uns dez metros para chegar à trincheira, dou um carreirão e, num salto, caio no meio dos soldados. Com o pulo tropeço na arma que, escapando-me das mãos, se enfia na terra.

Recosto-me um pouco para tomar fôlego e só então vejo que além de ligeiros arranhões pelo corpo, tenho a palma da mão direita inteiramente vermelha, quase queimada pelo calor do fuzil metralhadora.

Bebo uns goles d'água e volto pelo mesmo caminho, o que faço com menos dificuldade, não só por estar sem arma como também pelo fato de ter diminuído o tiroteio.

Soubemos depois com grande pesar que uma das granadas que caíram no P. C. ferira o Alonso de Camargo num dos braços, além de matar dois cavalos. Comenta-se a sorte de dois soldados que, não obstante estarem arreando aqueles animais, nada sofreram com a explosão. Lamentavelmente, o bravo Alonso vem a falecer dias depois.

A horrível morte do Rubens deixou a tropa profundamente apreensiva. O seu corpo, de tão esfaçalhado, não poderá seguir para São Paulo, devendo ser enterrado por aqui mesmo<sup>47</sup>.

Ao escurecer chega o rancho ansiosamente esperado. Devoro com sofreguidão um prato bem avantajado e depois leio uma carta de meu irmão seminarista, trazida pelo pessoal da cozinha:

\* \* \* \* \*

Continuamente recebo notícias suas por Mamãe, e, assim, em espírito, acompanho a sua agitada vida de soldado. Outro dia, Papai trouxe-me para ler uma carta sua à Mamãe, escrita às

---

<sup>47</sup> Esperado um ataque inimigo dia 22. Grandes conjecturas sobre a sua eficiência. Bombardeio pela artilharia inimiga. Os dois visam e alcançam o P. C., às 10 horas, ferindo mortalmente a Alonso Ferreira de Camargo (faleceu a 30 em São Paulo), levemente dois bombeiros e matando dois cavalos. O bombardeio continua, para matar Rubens Fraga no 37.º tiro." (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p.112).

duas horas da madrugada, na qual você procurava consolá-la pelos nobres motivos da ausência dos três filhos. – Digo-lhes uma coisa: – quando você escrever à mamãe, cuide em dar suas notícias entre brincadeiras e coisas sem importância para distraí-la das grandes apreensões.

Todos se preocupam muito com você e com Carlitos. Daqui do seminário reza-se muito para que os frutos da Revolução sejam: Glória de Deus, salvação das almas e vitória de São Paulo. Continue sempre com os olhos em Deus e reze conosco, pedindo sua felicidade e consolo para nossa família. Um abraço de irmão Paulo.

É sempre com indizível satisfação que recebo cartas da retaguarda e, notadamente esta, por se tratar de uma carta de Paulo, a primeira que me escreve depois de mais de um mês de campanha. Não posso, entretanto, deixar de sentir qualquer coisa de estranho ao ler o seu conselho em tom tão imperativo:

Digo-lhe uma coisa – quando você escrever a Mamãe, cuide em dar suas notícias entre brincadeiras e coisas sem importância.

Ah! Paulo, agora é impossível! Já brinquei muito. Procurei sempre esconder a verdade para desfazer ou, ao menos, diminuir as preocupações de Mamãe, o sofrimento de todos. As minhas cartas seguiam cheias de tolices e brincadeiras porque eu ainda tinha forças para brincar, para mentir. E eu mentia – sabe Deus com que esforço – para aliviar a angústia dos nossos. Mas agora, como brincar? Como mentir? A Morte aí está a dois passos desafiando a minha vida, ameaçando a minha mocidade. Já começou a levar os meus companheiros. Logo mais irei eu. Lembra-te de que ela poderia ser mais cruel para comigo do que o foi para com os que já levou. Nem todos terão a felicidade do Rubens. Poderá, no meu caso vir lentamente, mutilando aos poucos a minha carne para satisfazer a sua crueldade. E se ela, a Morte, – só por maldade – interromper ao meio a sua missão abandonando-me semivivo neste mundo? Já pensaste ela poderá levar apenas uma parte do meu corpo deixando para vir buscar o resto quando bem entender, quando eu estiver cansado de esperá-la numa cadeira de rodas? – Ou quem sabe às tontas, às apalpadelas no negrume das trevas?

Ah! Paulo, como é doido, como é doloroso prever esse futuro quando se tem apenas 22 anos! Como brincar? Como falar em coisas sem importância? Bem compreendo a tua louvável intenção, mas é impossível atender-te. É impossível! Perdoa-me...

Todas as fisionomias amanhecem abatidas em 23 de agosto de 1932. A esfrega (ou espera?) da véspera chamará à realidade um batalhão de alegres estudantes que desde Itararé procurava iludir-se sorrindo dos próprios padecimentos. Agora ninguém mais sorri. Os rostos magros cobertos de barbas e de sujeira bem traduzem o que se passa nas almas paulistas.

O dia frio, chuvoso e cinzento amolece a tropa em profunda nostalgia. O silêncio sepulcral que envolve estes morros e campos convida ao reconhecimento e à meditação. Até agora nenhum tiro, nenhum sinal da vida. Silêncio acabrunhador...

O Bifano já não canta. Começou a fazer uma “gaveta” mas desistiu meia hora depois. Recomeçou várias vezes, porém, não foi avante.

– Seja o que Deus quiser – diz ele filosoficamente.

O Pacce já não conta as proezas dos tios na Grande Guerra. Limita-se a alisar e a acariciar no pescoço, um “cachecol” feito pela irmã de um amigo...

– Não há nada. É só amizade – respondeu-me certa vez com energia ao ser interrogado sobre a data dos doces.

Acreditei piamente. Eu também ganhei um “cachecol” só por amizade...

O Longo vive preocupado com a sua magreza. Quando saiu de São Paulo mal podia abotoar a farda e hoje mete inteira gola da blusa completamente abotoada.

O Azevedo, antes tão camarada, tornou-se agora um perfeito comandante. Tem um ar grave e agora fala com perfeita sequidão.

O cabo Rui Fonseca já não fala de política.

O Ciro e o Augusto quase não discutiam mais.

Tudo mudou.

– Estão preparando alguma para amanhã – diz o Bezerra, cabo da Força, homem treinado em revoluções.

Não era preciso dizer. Todos estamos fartos de saber. Somos todos veteranos em coisas de guerra.



## CONTINUANDO NO MORRO DO ALEMÃO

Balas dum-dum.  
Bombas incendiárias.  
Meu Pai no front.  
Consequências de uma reclamação.  
Doente.  
Seguindo um conselho.

**24 a 25 de Agosto de 1932**

---

Mais cedo do que de costume, o sol rompe a cortina de neblina que nos separa do adversário. Às 9 horas o céu está inteiramente azul, a manhã fresca e linda.

Quatro tiros de canhão são projetados sobre nós. É o “cordial bom dia” da artilharia Getulina. Não respondemos porque segundo as regras de guerra os ataques de artilharia devem ser rebatidos. Como o nosso Vovô ainda não voltou, somos forçados a ficar calados. Dizem que o bom velhinho não voltará mais. Dolorosa notícia. Acabrunhadora notícia.

Meia hora depois somos fortemente atacados pela fuzilaria, travando-se, então, um longo tiroteio durante o qual percebemos que os homens da ditadura se utilizam de munição proibida por todos os povos civilizados – as balas dum dum, cujos estilhaços, pequeninos, minúsculos, causam mortes horríveis.

De quando em quando, em pleno duelo de fuzilaria, os canhões vomitam granadas rasgando ainda mais o Morro do Alemão.

Agora surgem os aviões. Três “vermelhinhos” metralham a tropa que, aturdida, não sabe a que dar atenção. Aos canhões? Às metralhadoras? Aos fuzis? Aos aeroplanos?<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> A 20, 21 e 22 é um martelar constante de artilharia e de aviação. A 23 já a infantaria adversária, sob a proteção de bombardeios, procura progredir mas nossos elementos não cedem palmo de terreno. Nessa jornada o adversário tenta um desbordamento pela direita do destacamento e elementos de sua cavaria procuram transpor o Apiaí em ponte Velha, região a vários quilômetros ao S. do Flanco esquerdo de nossa posição. Nos jornais seguintes é o mesmo martelar cotidiano. O flanco esquerdo cada vez mais fortemente ameaçado estende-se progressivamente nessa direção. Na jornada de 25 a situação se agrava.” (pág. 87). “Na jornada de 26, novamente atacado com o vigor, o destacamento sob a proteção de elementos deixados em contato à frente e no flanco esquerdo retrai-se para a posição de Fundão. Essa execução retardada de

Para maior infelicidade nossa, a munição torna-se escassa. Atiramos com economia para não ficarmos de um momento para o outro com as cartucheiras vazias.

Os aviões que haviam se retirado voltam novamente e com maior ferocidade. Ao invés de metralharem atiram bombas terríveis que nos causam grande pavor. É que elas ao caírem espedaçam e incendeiam tudo quanto está ao seu alcance. Dois grandes incêndios crepitam atrás de nós devorando o cipoal que se contorce e estala com que de dor.

Diante das bombas incendiárias a rapaziada perde a calma e, enfurecida, começa a gritar e gesticular expondo-se imprudentemente aos tiros.

Os artilheiros inimigos que não perdem oportunidade, redobram o bombardeio.

Vemos a olho nu – coisa incrível! – vemos a olho nu o fogo sair das bocas dos canhões e, imediatamente, ouvimos o estampido da deflagração; em seguida, o assobio rápido sobre nossas cabeças e o estrondo da explosão abalando e revolvendo a terra.

O Bezerra grita:

Abaixa essa alça seus porquera. A pontaria está errada!

Outros o imitam:

– Seus “fundos” venham aprender pontaria com os paulistas!

Se é para matar atirem mais baixo, seus gaúchos!

– Estão gastando munição atoa, suas bestas!

Todos gritam, todos berram e ninguém procura se abrigar. Desgraça pouca é bobagem...<sup>49</sup>

Há um soldado que, enquanto atira, canta a plenos pulmões a canção: Se ela perguntar...

Parece que o inimigo ouviu os desafios e começa a abaixar a alça. As granadas caem agora bem mais próximos das trincheiras. Cada vez se aproximam mais perto das trincheiras. Cada vez vão chegando mais perto, vão chegando bem pertinho... até que uma 105 espirra estilhaços a poucos passos de nós.

– A primeira é a nossa – dizemos convencidos de haver chegado nosso fim.

---

uma ordem do comandante do Setor não seria isenta de consequências desastrosas. Um Pelotão reforçado do 14 de Julho guardando a Ponte Velha vê-se a pique de aprisionado e só se salva com sacrifícios desmedidos, graças ao sangue frio demonstrado no momento pelo Capitão Cândido Bravo que o fez retirar por lances; o bravo Ten. Cel. Arlindo, procurando se ligar a esse elemento, pede-se na mata onde vem a ser aprisionado pelo adversário e o automóvel blindado que seguira de véspera para essa região é que providencialmente restringe essa série lamentável...” (BASTOS, J. A. *Palmo a Palmo: luta no sector sul*. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932. p.89).

<sup>49</sup> Em meio ao brouhah de ferros, estampidos e palavrões, o inimigo tenta avançar, correr atrás da presa fácil... E avança. O 14 de Julho está de pé nas trincheiras, vê os canhões disparando, assiste ao arrebentar infundável das granadas, sabe que os ferros que lhe voam à cabeça são o fim, ele sabe e está de pé nas trincheiras paulistas, empunhando (suprema irrisão) o pequeno fuzil que dispara, que torna a disparar, que faz frente aos homens-mil, aos tiros-mil, aos canhões-mil. Que venham aos milhares!” (CAMARGO, A. de A. *A epopeia: o batalhão 14 de julho*. São Paulo: Saraiva, 1933. p.125).

Menos de cinco minutos depois todos nos abaixamos gritando a um só tempo!

– OLHA A MECCHA!!!

Um estrondo fortíssimo sacode o morro, abala os nervos da gente e um punhado de terra é atirado para dentro da trincheira caindo por cima de nós. Dois outros tiros seguem-se nas mesmas condições atirando mais terra para dentro da trincheira e estraçalhando ainda mais o sistema nervoso dos soldados<sup>50</sup>.

– “Avião! Avião! Avião!!!”

Enrolado dentro da gaveta esforço-me por diminuir de tamanho. Ah! Se eu fosse menor, bem pequeno, bem pequenino, talvez eu me salvasse! O meu desejo é afundar-me na terra, é ficar enterrado por um momento para depois poder viver. Só agora compreendo aquela página eloquente do admirável Remarque onde ele bendiz a terra, a mãe, a salvadora do soldado.

Ninguém como o soldado liga tanta importância à terra. Quando se comprime demoradamente, com violência, contra ela; quando nela enterra profundamente a cara e os membros, no pavor mortal da metralha, ela é então, o seu único amigo, o seu irmão, a sua mãe. O medo e os gritos acolhem-se no seu silêncio e no seu asilo; ela recebe-os, e, de novo, deixa partir o soldado para mais dez segundos de corrida, e volta a abriga-lo quantas vezes para sempre! Terra! Terra! Terra!<sup>51</sup>

Passados alguns minutos começamos a nos levantar ressabiados, apalpando o corpo. Custa a acreditar na inexistência de ferimentos. Graças ao Bom Deus os companheiros mais próximos também nada sofreram.

Agora enquanto a artilharia inimiga (precisaria dizer “inimiga” quando há uma só artilharia?) descansa, a fuzilaria torna-se mais forte – Atiramos com afinco gritando e gesticulando.

O Azevedo transmite ordens para procurarmos munição. Maldita ordem! Nada nos impressiona mais do que pensar na possibilidade de

---

<sup>50</sup> Bombardeio pela artilharia que é avistada e está a uns 1.000 metros de distância 1.000 metros! Quase no peito dos paulistas! Quantos canhões? Às 16 horas eles enlouquecem de vez, perturbam. Atiram (alça a zero) um aluvião de ferro, 246 tiros diretos e bem contados, alguns 105, que caem sobre os paulistas no espaço de menos de hora e meia. Um inferno! (Nota 64: Talvez o bombardeio mais intenso e brutal de todos os setores de São Paulo se levar conta a linha de trincheira (pouco mais de quilômetro), o número de tiros (246), a sua natureza (diretos), e o espaço de tempo (menos de hora e meia). Os soldados do Sul sabem quanto vale um tiro direto...). A impressão é a de um assassinato cometido friamente, as vítimas perto do algoz (canhões a 1.000 metros) que lhes atira na cara, folgadoamente, o que bem entende atirar. É a morte que atiram e que ronca pelo espaço nos menores estilhaços, nos menores... (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p.125).

<sup>51</sup> REMARQUE, E. M. Nada de novo no front. São Paulo: 1929, p.61.

ficarmos metidos nestes buracos sem meios de responder ao inimigo. O soldado sem munição, sem poder reagir, se abate, se acovarda, vale zero.

Impressiono-me com o aspecto do Veloso. Está completamente transformado, com os olhos esbugalhados, as faces amarelas e encovadas como se tivesse emagrecido de uma hora a outra. Naturalmente já não tem mais munição porque está atirando com revólver. É irrisório, simplesmente irrisório, um minúsculo S. W. afrontar nada menos de quatro gigantes de aço e centenas de armas automáticas!

Veloso! Que diferença entre soldado e o João de Andrade Veloso, meu amigo colega do Ginásio do Estado! Lá – um menino tímido. Aqui – um soldado destemido.

Um ventozinho vindo lá de traz atravessa o incêndio aquecendo as costas da soldadesca envolta em fumaça.

Ao meio-dia cessa a luta. A hora é bem próprio para despejarmos qualquer coisa nos estômagos, entretanto, a “chepa” não chega.

Estou com uma fome danada e tenho a bissaca tão vazia quanto o meu pobre e dolorido estômago. A boca amarga reclama por alimento, por isso, avistando o Sargento Azevedo interpelo-o sobre o rancho.

– Hoje não há “boia” – responde-me secamente. Irrito-me com sua atitude e berro furioso:

– Isso é um relaxamento, um pouco caso! Então não há comida?!

– Comida há, o que não há é quem a traga.

– E esses vagabundos do pelotão de comando o que fazem? Para que estão aqui? Que gente desgraçada!

O Azevedo se exalta:

– Fique sabendo que eles não são vagabundos, ouviu? Estão fazendo aceiro para deter o fogo. Hoje ninguém come. Está acabado.

Dá dois passos para frente e volta-se para mim vermelho de raiva:

– Olha Pacheco você está muito garganta – Vá já buscar a “chepa”.

E olhando ao redor:

– Veloso, Acácio, Ciro, vão com ele. Mas tragam “boia” para todo o pelotão.

– Pois vou, pronto! Já fiz coisa pior! – resmungo espumando de raiva.

Seguimos os quatro pelas valetas que comunicam as trincheiras com o P. C. onde deveria estar a comida, segundo nos dissera o sargento. Ali, entretanto, só encontramos as latas vazias. Informam-nos que a “chepa” ainda está no caminhão da cozinha a dois quilômetros de distância Indecisos, olhamos uns para os outros.

Agora ou vai ou racha. Vamos até lá! – digo aos companheiros.

Proseguimos na caminha, morro abaixo, na direção do incêndio que continua a devorar o cipoal. Quanto mais dele nos aproximamos, maior é o calor que sentimos. A quinze metros é uma coisa insuportável. Tenho

remorsos de haver chamado de vagabundos os valorosos rapazes pertencentes ao pelotão do comando.

Aqui estão eles neste calor infernal, trabalhando bravamente para evitar que o fogaréu se alastre e atinja a tropa. Só agora compreendo como seria dramático, se o incêndio nos sufocasse dentro das trincheiras. Mas aqui estão uns heróis sacrificando-se por nós de enxada em punho, isolando o fogo. Têm as caras vermelhas e suarentas. Alguns sem camisa mostram os bustos avermelhados e lustrosos como se os tivessem mergulhado em óleo. A fumaça dificulta-lhes a respiração e os olhos lacrimejam. Há um deles que tosse sem parar. Todos tem sede, mas ninguém tem água.

Apressados, tratamos de fugir do calor asfixiante ganhando a estrada. Não conseguimos, entretanto, caminhar dez metros e já as balas da ditadura zumbem sobre nós. Os malvados nos deixam em paz.

O único remédio é continuarmos um sargento que se prontifica a nos acompanhar à cozinha. É um voluntário residente em São Paulo, na rua Tupi, e diz me conhecer muito das Perdizes.

Ele está bastante apreensivo porque hoje é dia de São Bartolomeu e, exatamente hoje, recebera um aviso de grandes desgraças: – quebrara um espelhinho...

Finalmente descobrimos o caminhão da cozinha escondido debaixo de uma grande árvore e todo camuflado com galhos verdes para iludir os aviões.

O cozinheiro a princípio hesita em nos entregar a “chepa” porque não trouxemos latas. Finalmente ante nossa atitude intransigente, entrega-nos os próprios caldeirões de ferro fundido, enormes e pesadíssimos.

São precisos dois homens para carregar cada caldeirão. Um deles contém feijão e o outro, carne ensopada com batatas e... vespas. Comemos uns pedaços de carne para iludir o estômago e rumamos morro acima.

Depois de muito custo e várias paradas, atingimos o ponto da estrada em que fomos visados pelo adversário. Entramos então na capoeira e, com grande dificuldade arrastamos os caldeirões até o P. C., onde chegamos mais mortos do que vivos. O Acácio cai por terra sem forças para continuar. Tem as feições alteradas, os olhos virados e uma espuma grossa escorre pelos cantos da boca. É um começo de isolamento. O Ciro mal pode falar. Quanto a mim, sinto o rosto em brasa e a cabeça parece preste a estourar. O Veloso também está entregue.

Despejo o feijão numa lata de querosene e, pondo-a aos ombros, toco para a trincheira seguindo pela valeta. O sargento que nos acompanhou aconselha-me a cobrir a vasilha com um pano a fim de que não brilhe ao sol. Não encontrando pano algum e nem ao menos um jornal, arrisco leva-la descoberta, embora saiba o perigo que isso oferece. O inimigo vendo os reflexos da lata arriscará, no mínimo, uma granada.

Quando chego às primeiras trincheiras, uns soldados comodistas se implicam com a minha passagem sobre suas pernas e reclamam quando nelas esbarro.

O estado de meus nervos tolera desaforos e, por isso – com o fim de evitar explosões de minha parte – salto fora da trincheira com lata e tudo, disposto a percorrer uns vinte, de peito descoberto para a artilharia do Sr. Getúlio Vargas.

Imediatamente um canhão enfurecido com a minha ousadia, solta um berro e vomita uma granada que arrebenta à distância Corro agachado e, sempre carregando os feijões, atiro-me dentro da trincheira.

Com o estrondo todos se revoltam contra mim.

– Que maluco! Que burro!

– Onde se viu fazer uma loucura dessas!

– Burros são vocês, estão ouvindo? Aquelas bestas não me deixavam passar. Agora comam feijão à vontade.

Diante da comida, cessa a animosidade contra a minha pessoa, mas eu continuo possesso de ódio, embora sem saber contra quem.

Deito-me ofegante, prostrado.

Respondo com duas pedras a todos que me dirigem a palavra. O pior é que estou tão cansado que não tenho disposição nem para ver a comida. O Longo compreendendo o meu estado, guarda uma parte da sua ração para eu comer mais tarde, quando estiver calmo.

Ah! Se todos os companheiros fossem como o Longo!

Encontro sobre a minha bissaca um embrulho, reconhecendo no papel, com grande emoção a letra do Papai. É um bilhete escrito a lápis, às pressas no qual diz estar no P. C., mas impedido pelo comandante de chegar às trincheiras e, por isso, volta à Itapetininga. Fico ainda mais nervoso, temendo que lhe aconteça qualquer coisa. Também que imprudência vir até aqui, com estes canhões, com estas granadas, com estes canhões, com estas granadas, com este bombardeio! E os aviões!!!

No primeiro momento senti não o ter visto, mas agora que assim foi melhor. Seria dolorosíssima a despedida. Tenho a impressão de que se nós nos abraçássemos, não nos separaríamos mais.

Abrindo o pacote, encontro, entre outras coisas, uma escova de dentes e uns apetrechos de costura dentro de uma caixa de pó de arroz.

O Augusto, num esforço supremo, procura fazer “blague” anunciando a todos haver eu recebido uma caixa com pó-de-arroz. Ninguém ri. Ninguém mais sabe rir.

A escova de dentes, possivelmente, tão cedo não será usada. A outra, a que trouxe de São Paulo, há muito que mudou de ofício. Já está preta de tanto limpar o fuzil.

O meu “prego” é tão grande que, pela primeira vez, passo pelo sono em pleno dia, debaixo de grande metralha. Os canhões não me acordam. Acordo com um pisão que recebo.

Estão todos de pé, atirando. Ainda meio dormindo começo a atirar. Faço fogo sem entusiasmo sem vontade, sem procurar acertar. Tenho a impressão de estar doente. Sinto a cabeça pesada, o corpo mole, um mal-estar geral.

Estamos em plena noite de São Bartolomeu.

De quando em quando ouvimos uns tiros isolados, cujo objetivo não compreendemos bem. Dizem que são sinais entre tropas inimigas. A vigilância é rigorosíssima. Parece que há qualquer novidade no flanco direito. Ninguém dorme.

Enquanto o grosso da tropa permanece apreensiva nas trincheiras, uma fila de sentinelas, distantes cerca de 20 metros uma das outras, monta guarda no alto do morro. Os cabos e sargentos percorrem toda a linha estabelecendo perfeita ligação entre comandantes e comandados.

É com grande esforço de vontade que fico de guarda durante longas horas. Sinto uma frouxidão nas pernas, uns calafrios, dor de garganta, e percebo que estou com febre. Talvez esteja até com bastante febre.

Olhando para trás, vejo com o coração amargurando o grande braseiro do incêndio mal extinto. Não posso deixar de me revoltar contra esses ditatoriais cujo maior desejo é transformar São Paulo num montão de cinzas. E dizer-se que desembarcamos em Itararé tendo no braço uma fita com as bandeiras paulista e brasileira entrelaçadas e encimadas pelo nosso lema “Por São Paulo forte num Brasil unido!”...

Felizmente recebo notícias:

Itapetininga, 24 de Agosto de 1932.

Caro filho José

Conforme já deves saber, pois te mandei dizer por um bilhete escrito no papel que envolvia os biscoitos que te enviei, estive hoje aqui no Fundão e o Cnel. Anchieta não nos permitiu (a mim e ao Berrini) de chegar até às trincheiras e tivemos de voltar sem ter o prazer de abraçar-te. Fiquei horrorizado com o troar dos canhões e com o aeroplano que nos obrigou a entrar em uma trincheira dentro da mata! Foi o meu batismo de fogo! Voltei triste por não ter podido ver-te, mas entusiasmado com o que me disse o Capitão Bravo, comandante do teu batalhão. As palavras dele, ditas a mim, foram as seguintes: “O 14 de Julho é um dos melhores batalhões deste setor e só não digo que é o primeiro porque pertence a ele, mas ombreia-se com os melhores!” Isso me consola porque

tenho o prazer de ter um filho que sabe cumprir deveres.

\*\*\*\*\*

Arre! Graças a Deus nada aconteceu ao velho.

Sempre que guardo uma carta releio por alto as que estão no bolso. Relendo-as agora, os meus olhos se demoram especialmente numas recomendações feitas por Papai na carta de 9 de Agosto:

\*\*\*\*\*

Quando aparecer um aeroplano não se conserve de pé, deite-se logo, porque os estilhaços vão de baixo para cima.

\*\*\*\*\*

Não ponha a cabeça fora da trincheira.

\*\*\*\*\*

Quando fizer muito frio, ponha um jornal no peito por baixo da camisa.

\*\*\*\*\*

Fico um tanto comovido ao ler esses conselhos. Que preocupação! Como ele deve estar sofrendo! E Mamãe? Ela, coitada, quase nem me escreve. Não tem forças para isso. Bem avalio o seu padecimento.

Não ponha a cabeça para fora da trincheira.

Mas isso é impossível! Mas isso é impossível como é que eu ei de atirar? Não há remédio. Eu não me exponho sem necessidade, mas preciso fazer tudo bem direitinho.

Quando fizer muito frio, ponha um jornal no peito, por baixo da camisa.

E eu nunca fiz isso! Tenho sofrido tanto com o frio e jamais em lembrei de pôr um jornal no peito. Talvez se houvesse seguido essa recomendação a estas horas não estaria doente.

... ponha um jornal no peito...

Com grande esforço contendo minha emoção. Que diriam os companheiros? Que me acovardei, que tenho medo de morrer. – E, no entanto, estou profundamente comovido por imaginar a dor dos meus pais.

Com que carinhos, com que cuidados, com que sacrifícios, com que desvelos eles me criaram! Quando eu era criança e ficava doente, eles gostavam de pôr um papel no meu peito para não tossir... Preferiam papel pardo que untavam com um sebo de carneiro derretido na chama da vela... Os anos correram, os tempos mudaram... Hoje sou um soldado. Estou mais sujeito às três divisas do pretinho. Siqueira do que aos meus próprios pais. Mas os carinhos, os cuidados, os sacrifícios, os desvelos, não cessam. Para eles, ainda sou aquele menino traquinas que ia “procurar doenças” nas extravagâncias próprias da idade e a quem eles, à noite, precisam aquecer o peito com um papel pardo untado com sebo de carneiro derretido na chama da vela...

Quando fizer muito frio ponha um jornal no peito por baixo da camisa...

Não aguento mais...

A manhã está fria.

Abro a camisa e sobre o peito – bem sobre o coração – estendo a própria carta...

# XVI.

## A CAMINHO DO HOSPITAL

Na defesa do Blindado.  
Morte do Zé Maria.  
Um sustinho...  
Torturado pela sede.  
Chegada ao Fundão.  
E... O hospital?

**26 de Agosto de 1932**

---

O Longo me sacode com insistência

– Vamos! Já passa da meia-noite; é a sua hora. Vamos!

– Hoje não dou guarda. Estou doente.

– Arre! Todo mundo está doente. O Pacce também não quis fazer. É verdade que ele está com muita tosse, mas você... Deixe de malandragem. Vamos!

– Não posso... Estou doente. Deixe-me... por favor, deixe-me dormir em paz...

Realmente me sinto mal; tremo de frio e febre queima-me o corpo. Tenho dores de cabeça e de garganta; uma moleza, um desânimo, uma vontade de abandonar tudo... de sumir... de derreter... domina-me completamente.

Pela manhã o Longo conta-me que ele próprio fizera a guarda em meu lugar. O coitado aguentou nada menos de três horas sem rendição. Só mesmo de um abnegado. Cada vez o admiro mais.

Vendo o meu abatimento, o Longo insiste comigo para que eu dê baixa ao hospital. Nada conseguindo manda dizer ao Capitão Urbano que eu preciso sair da trincheira antes de dar trabalho aos companheiros. Acrescenta que eu estou com “uma cara esquisita”.

Minutos depois recebo ordens para comparecer ao P. C. do Capitão Urbano. Ante o meu estado o comandante obriga-me a dar baixa: entretanto, não sei qual de nós está com a pior cara. O Capitão emagreceu tanto nestes dias e ficou tão amarelo que impressiona a gente.

Volto à trincheira para buscar as minhas coisas e despedir-me dos companheiros. Abraço o Pacce – ótimo colega – e agradeço o Longo tudo quanto não tem feito. Como prova de gratidão, deixo em suas mãos o meu cantil cheio d'água. Que melhor presente lhe poderia dar? O amigo recusa-se a aceita-la. Insisto:

– Fique com o cantil. Eu vou para o hospital não precisarei mais dele.

Tentado pela preciosidade do presente, acaba cedendo.

Lanço com tristeza um olhar para a trincheira onde durante nove dias e nove noites consecutivos venho vivendo as horas mais emocionantes de minha vida. Na terra fofa do parapeito vejo os sinais dos meus cotovelos, o sulco deixado pelo fuzil... No chão, uma quantidade de cartuchos vazios, restos dos meus tiros... No parapeito as minhas iniciais escritas a canivete... Todas estas coisas me parecem tão íntimas, sinto-as minhas, traduzem tantos sacrifícios, tantas angústias que eu não queria abandoná-las assim sem um desfecho satisfatório. Os companheiros ficam... Eu gostaria de ficar com eles. Nunca pensei que pudesse sentir ao deixar a trincheira e, no entanto, é com a mais profunda dor no coração que alongo a vista para os lados do inimigo, onde, envolta na neblina, Buri nos espera. Há quantos dias lutamos desesperadamente para reconquistá-la! Infelizmente não terei essa glória por que reconheço que preciso sair “antes de dar trabalhos aos companheiros.

Sob o peso do fuzil e dos bornais, abatido pela febre, esgotado pelas canseiras, debilitado pela fome, sujo, barbudo, cheirando a suor, desço, trôpego, a murraria seguindo o mesmo caminho antontem percorrido para buscar a chepa. Mas agora estou só e doente; assustadoramente só. De um lado a capoeira, de outro a mata. Nada mais. Cansado, sento-me por instantes num cupim; curvo-me sobre os joelhos cobrindo o rosto febril, com as mãos calejadas; fecho os olhos e procuro esquecer tanto sofrimento; não o consigo, entretanto. O fragor da batalha que se desenrola no “morro do alemão” penetra em mim, castigando-me não só no corpo, mas no próprio espírito.

– Qual será o fim disto? – escapa-me do coração com um suspiro.

O posto médico foi improvisado ao pé da mesma árvore onde estava o caminhão da cozinha. O Dr. Wladimir Amaral examinando-me por alto, diagnostica uma gripe. Diz-me para esperar o caminhão da “chepa” que me levará a Capão Bonito. Sento-me sobre um cunhe-te e ponho-me a comer um pedaço de mortadela encontrada no caminho. Ao redor, vários soldados da Força Pública e alguns do 14. São elementos de ligação e do corpo de saúde.

Um soldado montado numa motocicleta chega todo afobado avisando que estão cortando a nossa retaguarda. De fato ouvimos uns tiros para os lados de trás. O informante acrescenta que na estrada já morreu um homem

pertencente à Legião Negra. O Dr. Wladimir sai correndo com dois auxiliares a procura do morto. Meia hora depois está de volta carregando um preto com a cabeça varada por bala.

Ao me convencer de que estamos em perigo, não consigo esconder o meu desespero. Também não é para menos! Agora que acabo de deixar a trincheira após tantos dias de combate e quando a doença me domina completamente é que caio numa entalada destas! Não! Não é possível! Não tenho mais forças. Agora só quero cama – CAMA! Há quanto tempo não sei o que seja isso! Chega! Chega de sacrifícios!

Finalmente, por volta das 13 horas, aparece o caminhão. O “chaffeur” conta-nos ter sido visado na estrada, mas pensa que se voltarmos a toda presa, talvez consigamos passar.

Meto-me por entre caldeirões e latas de querosene e, aos solavancos, sou levado rumo a Capão Bonito. No caminhão viajam alguns soldados do 14. Ouvimos a fúria dos canhões ditatoriais contra os nossos pobres companheiros. Pelas explosões concluímos ter sido aumentado o número de peças. A coisa por lá deve estar fervendo.

Andamos talvez cerca de cinco quilômetros, quando o Tenente Carlos Pinho sai correndo de uma picada, à direita da estrada, fazendo-nos parar.

– Vamos! – grita ele gesticulando – Vamos! Desçam. Então cortando a retaguarda. Precisamos de reforço.

– Como desertar se estamos doentes, se vamos para o hospital? – responde um dos soldados.

– Qual hospital, que nada! Então vocês não prestam mais? O Zé Maria está ferido, precisamos vingar o Zé Maria. Vamos! Depressa!!

Não tenho sequer para pronunciar uma única palavra. Atiro-me ao chão completamente desacoroçado. Antes tivesse ficado na trincheira.

Um dos companheiros, visivelmente doente, esgotado, começa a ficar branco, branco, até cair desmaiado como se fora um saco vazio.

– Vamos! Vamos! Depressa! – insiste com energia o oficial, segurando-o.

Vendo, entretanto, que o soldado não dá acordo de si, entrega-o ao “chauffer” depois de tirar-lhe a munição e distribuí-la entre nós.

O Tenente toma a dianteira avançando mato a dentro pela picada. Logo atrás segue o Luiz Dias da Silva, depois eu e finalmente mais dois. Ouvimos o espoucar de tiros.

– É o inimigo querendo tomar o nosso blindado explica o Tenente.<sup>52 53</sup>

---

<sup>52</sup> Chegado a Itapetininga um automóvel blindado que maravilhosamente fora preparado para as operações no Setor Sul, o comandante do Setor mete-lhe no bojo uma trinca demoníaca chefiada pelo próprio Capitão Negrão. E, livre nas estradas e nos descampados, sem a sujeição rígida dos trilhos ferroviários, estreia o blindado “14 de Julho” em entrevero memorável, nessa tarde de 26 de Agosto” (BASTOS, J. A. Palmo a Palmo: luta no sector sul. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932. p.89).

Cruzamos com o Tenente José Maria de Azevedo carregado por dois soldados que o levam para o caminhão. O coitado está com o ventre à mostra, todo ensanguentado. Geme que dá pena. Continuamos nosso caminho sem nos deter.

O Tenente grita com energia para um cabo da Força escondido atrás de uma árvore:

– Que está fazendo aí? Volte já para o blindado e leve estes homens consigo.

E virando-se para nós:

– Eu preciso acompanhar o Zé Maria.

Só então dá pela falta dos dois soldados que deveriam nos acompanhar.

– Onde estão os outros dois? – pergunta-me furioso.

– Não sei. Devem vir aí atrás – respondo titubeando.

O oficial retrocede alguns passos e não os vendo ruge, por entre os dentes cerrados, sílaba por sílaba:

– Mi-se-rá-veis! Vocês sim, são homens! Vão para frente. Eu vou socorrer o Zé Maria. Ah! Se eu pego aqueles dois... – diz ele apertando nervosamente o revólver entre as mãos.

Mal o Tenente desaparece, o cabo da Força Pública mete-nos medo:

– Se vocês quiserem morrer sigam por esse caminho. O carro blindado está logo ali em baixo. Eu não levo ninguém. O Tenente se quiser...

Uma saraivada de bala sibila pertinho de nós. Instintivamente atiramos ao chão.

Estão vendo? – continua o cabo com a voz abafada de encontro à terra – o Tenente se quiser que vá. Eu vou mas é pirar.

O momento é crítico. Outras balas assobiam estalando a folhagem. Viro-me para o Luiz Dias da Silva fazendo-lhe um gesto de quem pergunta.

– Eu vou – diz ele com firmeza.

– Eu também, respondo no mesmo tom.

Avançamos os dois, puxando o corpo com os cotovelos. O Dias vai na frente a uns três passos. De vez em quando paramos para descansar. As balas continuam a cair perto de nós. Cada assobio, cada estalo, é um estremecimento, é um susto.

Um projétil quebra um galho a cerca de um palmo da minha cabeça, derrubando-o sobre mim. Estremeço soltando um gemido. Certo de haver chegado o momento supremo, lembro-me de minha mãe e vejo, de relance, uns lábios muitos finos e muitos pálidos rezando por mim...

Ao mesmo tempo outras balas caem ao meu redor. Tenho ímpetos de fazer como os outros: recuar, fugir, conservar a vida, mas... sinto que

<sup>53</sup> Descrição do Auto Blindado: “É um chassis-Ford-caminhão, com molas de Lincoln. A blindagem é construída por diversas chapas de aço especial e invulneráveis a balas de fuzil, atiradas de cerca de 200 metros, isto é, o poder máximo de penetração. Cada carro é encimado por uma torre idêntica aos dos trens blindados. As rodas são de maciços (coxins paulistas), de modo que as balas que as varassem, nenhum efeito prejudicial produziriam (MEDICI, F. P. Trem Blindado. São Paulo: Acadêmica, 1933. p.55).

devo avançar. Não posso me acovardar nem mesmo na hora da morte. Meu pai surge à minha frente. Sei que ele se envergonhará de mim se eu sobreviver graças a uma covardia. Só me resta avançar. Um olhar para o alto, uma jaculatória e avanço. Um coisa admirável! Uma vez tomada uma resolução dessas, o medo desaparece. O soldado cresce perante si mesmo e avança confiante.

Os projéteis sibilam à direita e à esquerda.

Já avistamos o blindado no fundo do mato, num descampado. O Dias levanta-se e dá uma corrida. Levanto-me também e disparo até o carro, atrás do qual vários soldados fazem fogo contra o inimigo. Mal atiro-me ao chão ouço uma voz chamando por mim.

– Olha, Pacheco! Foi Deus! Foi Deus!

É o Adolfinho mostrando-me corajosamente o indicador raspado por um tiro.

– Pegou de raspão. Por pouco não me aleija – diz ele agradecendo aos céus.

Estando ameaçada a nossa retaguarda, foi preciso que o auto-blindado do Capitão Negrão<sup>54</sup> (mais tarde: blindado 14 de Julho) guarnecido pelo pelotão do Zé Maria saísse ao encontro do inimigo a fim de evitar a realização dos seus planos.

Aconteceu, porém, que caindo num buraco o carro de assalto ficou encalhado e impossibilitado de continuar a marcha. Os soldados da guarnição entrincheiraram-se então atrás dele enfrentando a coluna inimiga que avança a menos de 500 metros. Travou-se um terrível duelo de fuzilaria sendo que parte dos tiros inimigos<sup>55</sup> quase nos atingiram (ao Dias e a mim) quando ainda vínhamos (estávamos vindo) pela picada<sup>56</sup>.

---

<sup>54</sup> Foram os seus comandados: Tenente José Maria de Azevedo, do batalhão 14 de Julho, que foi gravemente ferido (vindo a falecer). Tenentes Carlos Pinto e Doutor Marcelo Soares respectivamente do 6.º B. C. P. e 14 de Julho, ambos com 15 homens de suas unidades. Estes oficiais, sargentos e praças souberam se conduzir de modo nobre num árduo combate, cumprindo severamente às ordens recebidas, não poupando sacrifícios e não se deixando render pelas dificuldades, que a todo momento encontraram (MEDICI, F. P. Trem Blindado. São Paulo: Acadêmica, 1933. p.117).

<sup>55</sup> Muito grande a infiltração inimiga pelas imediações a tropa se retira para o mato, visa alcançar a estrada real, evitando o atalho já considerado em poder dos contrários. Chegado, os paulistas estabelecem ligação com elementos do Capitão Negrão que, com o carro blindado 14 de Julho, faz a viagem da estrada e da picada utilizada pelo inimigo. Incorporam-se da estrada e da picada utilizada pelo inimigo. Incorpora-se à guarda do referido blindado. Chega um reforço acompanhado do Major Heliodoro e sob o comando do Tenente José Maria de Azevedo. À aproximação do inimigo, forte fuzilaria se estabelece. José Maria cai mortalmente ferido (faleceu no mesmo dia, à noite no Hospital da Unidade Médica Italiana, em Capão Bonito). É sustado o avanço inimigo, evitado o corte de retaguarda do grosso do Destacamento, ainda nas trincheiras do “Alemão”. ...Ao longe, o blindado 14 de Julho em atividade. Encalhou mais tarde. Retirado à 1 hora de 2, com grande dificuldade e sob a vigilância do fogo inimigo (CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. São Paulo: Saraiva, 1933. p.122).

<sup>56</sup> Encalhado um momento, retira o Capitão Negrão a metralhadora do carro, e pondo-a nas suas costas, para melhor nível, faz com que o apontador atire, enquanto Homero Silveira e Clóvis dos Santos Aguiar, vão buscar reforço, sendo o “Ford” que os conduzia varado por diversas balas (MEDICI, F. P. Trem Blindado. São Paulo: Acadêmica, 1933. p.113).

Uma vez ferido o Zé Maria, os soldados, sem comando, ficaram desorientados por algum tempo.

Recuperada a calma a estudiantada, em número de uns 10, torna-se a firmar-se batendo valorosamente contra um contingente de perto de 100 homens.

Não encontrando boa posição no blindado, resolvo abrigar-me atrás de um cupim a 10 metros para a esquerda.

Durante o tiroteio vejo com indescritível espanto que tenho a farda tinta de sangue na altura do ventre.

– Estou ferido!

Felizmente um soldado repara que o sangue não é meu e sim do Zé Maria, há pouco atingido nas proximidades do mesmo cupim. De fato, ao lado está a capa do Tenente.

Sentindo-me como que ressuscitado, o meu primeiro cuidado é sair de lugar tão caipora. Corro então para a direita uns 20 metros além do blindado, abrigando-me atrás de uma árvore. O local é excelente. A árvore suficientemente grossa protege-me bem e oferece apoio para o fuzil num dos galhos. Fico à vontade, quase sem correr perigo, porque a atenção do inimigo está voltada para o carro de assalto, várias vezes atingido nas suas chapas de ferro. Atiro fazendo pontaria e com bastante probabilidade de acertar. A coluna de aproximadamente cem homens encapotados de preto continua avançando lentamente, agachando aqui e ali. Faço fogo sem interrupção. De repente vendo uns arbustos se mexerem à minha direita, volto-me para eles e, atônito, enxergo três ditatoriais. Encaro-os, prendo a respiração, dou ao gatilho. Um dos homens, o do meio, cai largando o fuzil. Os outros abaixam-se rapidamente.

– Vingui a morte do Zé Maria! – grito emocionado.

Para maior segurança continuo fazendo fogo no ponto em que caíram. Não posso assegurar haver atingido qualquer dos soldados, mas penso que um foi baleado.

Deparo, em dado momento, com um capacete e certa quantidade de munição espalhada no meio do capinzal, à pequena distância, atrás de mim. Procuro ver se há algum morto, mas nada encontro. Enquanto recolho a munição – pois a minha está no fim – aparece o Tenente Carlos Pinho que nos fizera descer do caminhão. Ao ver-me, pede-me os nomes dos dois rapazes que fugiram, Nego-me a dar-lhe alegando não os conhecer. Diz também, que quer o meu nome e o do meu companheiro para nos elogiar na ordem do dia. Prometo atendê-lo depois do combate.

O tiroteio continua até à tardinha.

Ao escurecer o inimigo cessa de atirar. Damos ainda uns tirozinhos para mostrar que estamos atentos. Não obtendo mais resposta ficamos cheios de justo orgulho por não termos afastado cerca de cem homens, quando o nosso local, depois do esforço recebido, orçava pela casa dos vinte e poucos.

Só agora me é dado pensar na doença. O rosto torna a arder, a cabeça a latejar e um desânimo muito maior subjuga-me completamente. Tenho fome e sede. Lembro-me com saudades do meu cantil deixado com o Longo. Deitado de braços sobre o capim, luto para não dormir. O cansaço, entretanto, vencendo-me em toda a linha, obriga-me a passar pelo sono.

Às tontas sou acordado por um pretão feio todo enrolado num ponche escuro. Completamente desorientado, já por ter dormido, já pela febre e pela fadiga, assusto-me com a figura grotesca que, repentinamente, surge diante de mim no meio da noite.

– Quem é você? Levante-se – grita ele sacudindo-me grosseiramente.

Considerando-me prisioneiro, apenas gaguejo uma resposta desconexa:

– Eu... eu estou aqui...

– Vamos – insiste o preto – Ajude-nos a tirar o blindado que a nossa tropa está se retirando.

Que alívio! Trata-se de um soldado da Legião Negra.

Ajudo a empurrar o blindado mas logo fico ao largo, sem forças. Tenho uma sede horrível. A boca está seca, a garganta arranhando. Um outro preto, cheio de caipirinhas no queixo, tão preto e tão feio quanto o primeiro, tem um cantil preso ao cinturão. Dirijo-me a ele:

– Ó amigo, ceda-me por favor um pouco d'água.

– É pouca e está temperada – responde-me secamente e, como que para me causar inveja, sorve uns goles da “branquinha”.

Depois, arrependendo-se, mete-me por entre os lábios o cantil todo molhado de uma saliva grossa.

Às 2 horas, aproximadamente, o carro sai do buraco e começamos a marchar rumo ao Fundão.

Fico sabendo que a tropa do Morro do Alemão retirou-se logo ao anoitecer. Antes eu não tivesse atendido ao Longo. Certamente não teria passado o que estou passando. A sede de agora é o pior sofrimento que já tive em toda a minha vida. A língua de tão seca, chega a grudar no céu da boca. Não consigo salivar. Até para falar encontro dificuldade. A cada instante ouço murmúrio de regatos cascadeando por entre pedras.

Um soldado do 14 se compadece de mim e me auxilia a carregar o fuzil. Meus pés estão inchados, bastante inchados, mas a sede continua a ser o meu maior tormento. Estou delirando por água. É bem o termo: delirando. Delirando por qualquer água, embora suja imunda, estagnada.

Só agora sem restrições em miragem. Sempre pensei que esse interessantíssimo fenômeno fosse descrito com um pouco de fantasia, mas agora me convenço dele, pois a cada passo, ouço barulho d'água e, no entanto, os companheiros me asseguraram ser o vento.

Finalmente, por volta das quatro horas da madrugada chagamos ao Fundão.

Dirijo-me a uma palhoça de pau-pique e peço água a quatro negros que jogam baralho sobre um cunhete mal iluminado por um lampião de querosene.

– Aqui ninguém tem água. Aí fora, numa barrica, talvez você ainda encontre – responde-me um dos jogadores.

Ao lado da palhoça deparo com um tambor de gasolina. Como está muito escuro, enfio a mão para sentir se há água. O braço vai descendo, descendo, até tocar no fundo enxuto, desesperadamente enxuto. Inclinando um pouco o tambor meus dedos se umedecem num líquido grosso, num resto de água barrenta. Poe duas vezes passo nos lábios sedentos e febris os dedos sujos de lama. Depois atiro-me ao pé de uma árvore procurando resignar-me:

– Seja o que Deus quiser.

# XVII.

## NO HOSPITAL

O último cartucho.  
Na ambulância.  
Dormindo e delirando.  
A chegada de meu Pai.  
Incapaz para o serviço militar.  
Com o Clineu pela primeira vez.

**27 de Agosto a 1º de Setembro de 1932**

---

O Amanhecer desperta-me.

Duas horas de sono profundo foram suficientes para uma recuperação parcial de minhas forças. Agora já não sinto febre e a cabeça quase não dói: apenas a garganta continua incomodando bastante. A sede também não se foi, por isso a minha primeira preocupação é procurar a água. Felizmente, a poucos passos no tambor de gasolina, encontro a tina com água a que se referira o preto do barracão e que a escuridão da noite não me permitira descobrir.

Vejo-me no meio da soldadesca da Legião Negra. Os meus companheiros que haviam ficado na trincheira encontram-se mais adiante. O Sargento Azevedo, soluçando convulsivamente, passa por um colega. É que ele acaba de receber a notícia da morte do irmão. Aperto-o num longo abraço sem proferir palavra.

Os rapazes do 14 são mesmos valorosos. Nunca desanimam. Lá vejo eles se embrenhando novamente pelo mato para enfrentar o inimigo. Não sei o que o comando pretenderá deles desta vez<sup>57</sup>.

---

<sup>57</sup> E, quando ameaçados na sua retirada pelo combate desfavorável de Fundão tiveram os seus soldados ordem para abandoná-la, a essa posição na qual pesava sobre cada um deles a ameaça permanente da morte; a esses soldados que haviam anteriormente abandonado permanente da morte; a esses soldados que haviam anteriormente abandonado Guapiara sem causa ponderável; a esses que um comando lamentável ia adaptando o gilvaz infame da covardia; a eles nós o vimos chorando, por deixarem sob a ordem de seus próprios chefes uma posição que todos os esforços do adversário não lhes havia arrebatado!...É nos dias 26 e 27, certamente em coordenação com o esforço feito contra o destacamento do Tenente Coronel Anchieta a sudoeste de Buri, que culmina a atuação do adversário contra esta posição (BASTOS, J. A. Palmo a Palmo: luta no sector sul. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932. p.109).

Mal acomodado na traseira de um auto – guindaste, toco para Capão Bonito com destino ao hospital do Dr. Benedito Montenegro instalado no Grupo Escolar, tão meu conhecido.

Um médico examina-me, enche uma ficha e despacha-me para Itapetininga na primeira ambulância. Antes, porém, entrego o fuzil na secretaria. Ao descarregar a arma encontro ainda o cartucho do meu último tiro. Guardo-o como lembrança. Talvez nenhum outro soldado tenha tão preciosas relíquias: os cartuchos do primeiro e do último tiro.

Somos cinco dentro da ambulância. O Alberto da Silva Azevedo que vai acompanhar o corpo do irmão a São Paulo, o Tomazinho Whately, eu e mais dois soldados da 3ª Companhia.

A viagem não pode ser muito divertida. O Tomazinho, apenas estropiado, é o mais disposto. A princípio tentou conversar, mas calou-se ao ver o Azevedo silencioso, procurando ocultar as lágrimas.

Alguém pretende consola-lo, mas ele, que lutara como um bravo, chora sem esconder sua dor:

– Ah! Aqueles assassinos mataram meu irmão. E eu atirava com a esperança de não os matar... Eu que não queria matar aqueles assassinos!...

A cena toca-nos profundamente.

O aspecto do Azevedo é simplesmente contristador. Ainda por cima está imundo e com as roupas em farrapos.

Ao entrarmos em Itapetininga vamos diretamente para o Hospital de Sangue. No pátio há vários feridos aquecendo-se ao sol. Braços em tipoia, pernas em gesso, cabeças amarradas, algodões ensanguentados, gazes cheirando a remédio. Há de tudo. Alguns operados de estilhaços, outros extraíram balas, outros com leves fraturas, outros sofreram amputações. Há mutilados, há deformados, há inválidos para toda a vida. Todos jovens, todos amarelos, todos tristes.

Como não necessitam de intervenção cirúrgica somos transportados para o Hospital de Clínica instalado no prédio do ginásio. Dois soldados aproveitam a condução e vão conosco. Um deles, ao ouvir meu nome, pergunta-me se não sou filho de um senhor chamado Pacheco que há poucos dias esteve no Fundão. Obtendo uma afirmativa conta-me que meu pai o trouxera de Capão Bonito à Itapetininga em seu automóvel.

– Coitado de seu pai. Estava tão nervoso, tão horrorizado com o bombardeio... Ele punha as mãos no rosto sacudia a cabeça e dizia: – “Qual, o menino não escapa, não pode escapar. Perdi meu filho.” Quedava-se pensativo e logo repetia: “Qual perdi meu filho, perdi meu filho...”

Meu primeiro cuidado ao entrar no hospital é tentar uma ligação interurbana para casa, mas, infelizmente, não me deixam usar o telefone. Aborrecido, dirijo-me à enfermaria. Tiro a farda imunda e visto um pijama de algodãozinho alvejado. Imediatamente trazem-me um prato com arroz, feijão,

costelas e batatas. Que sorte! Cheguei em boa hora, na horinha exata do almoço. Devoro tudo num instante e fico ainda a chupar o osso da costela.

Depois caio na cama. Ah! Que delícia! Que cama gostosa! Balanço o corpo no estrado de arame. Agora sim! Que travesseiro macio! Lençol! Colcha! Tudo branco, tudo limpo. Que maravilha!

A enfermaria, instala no salão nobre do Ginásio, é bastante espaçosa. Há duas fileiras de camas com uma passagem ao meio da sala. O meu leito é o nº 1 e bem em frente, pendendo da parede, está um grande retrato do Júlio Prestes olhando para mim. Advirto-o se ele, indiretamente, o responsável pela minha odisseia. São coisas da vida “seu” Julinho...

Uma senhora de São Paulo, ainda bem moça e toda chic, vem visitar o meu vizinho de leito. Trocamos algumas palavras e aproveito seu oferecimento para enviar notícias à família.

Cheguei hoje à Itapetininga a fim de descansar do combate que tivemos. Graças a Deus nada me aconteceu. Sai ileso do tiroteio. Entretanto, como estou meio gripado resolvi dar baixa ao hospital.

Estou no Ginásio de Itapetininga, 1.<sup>a</sup> enfermaria, leito nº 1. Não é nada de grave, um simples resfriado. Como os Srs. querem que eu peça uma licença para passar uns dias aí, julgo propícia a ocasião. Essa licença pode ser obtida no Comando Geral em São Paulo. Aqui não posso dar um passo.

Minutos depois sou vencido por um sono profundo, uma verdadeira coma. Durmo quase sem interrupção todo o resto do dia, a noite inteirinha, o dia seguinte e mais a outra noite, para só acordar no dia 29.

Durante tão longo tempo recorro-me vagamente de algumas passagens.

Lembro-me de um soldado que entrou gemendo tão alto que me acordou. O coitado tinha cálculos no fígado e suava de dor. Deram-lhe uma injeção de morfina.

Recordo-me de ter visto, através da fresta da porta, um padre dizendo missa num altar armado no corredor.

Tenho ideia, também, de ter tomado leite umas duas vezes.

Na manhã de 29 acordo realmente. Já não tenho sono e aos pés não me doem como antes. Meu primeiro ato é ingerir um vidro de sulfato de sódio que o enfermeiro da noite deixara para que eu tomasse logo cedo.

Conta-me o vizinho de leito que tenho delirado constantemente, a ponto de obrigar o Dr. Pigneroli a designar um enfermeiro para ficar junto à minha cabeceira durante uma noite inteira.

– Fiquei com medo de você. Parecia um louco. Tratei de esconder o meu revólver – diz ele rindo.

Conta-me que me deram injeções e me fizeram tomar umas cápsulas para baixar a febre. Das cápsulas tenho vaga lembrança, mas das injeções, absolutamente nenhuma.

– Uma hora – continua ele – passou uma motocicleta na rua e você se encolheu todo gritando: – “Olha a metralhadora! Olha a metralhadora!” Depois ficou furioso gritando: “Outra retirada?! Não pode ser, Tenente. Outra retirada. É uma vergonha!”

Às 13 horas, mais ou menos, emociono-me ao ouvir uma voz conhecida na estrada do hospital:

– Faça-me o favor: José Pacheco do 14 de Julho está aqui?

Não pude responder

Está sim! – grita com força o Tomazinho. É aqui mesmo. Pode entrar.

Na porta da enfermaria surge a figura de meu Pai. Ao vê-lo sento-me na cama ansioso por abraça-lo. Ele, visivelmente comovido, corre direto aos meus braços sem pronunciar palavra. Seus lábios tremem; seus olhos tem um brilho particular. Por longo tempo abraçamo-nos em silêncio. Depois, recostando-me no travesseiro, procuro dizer qualquer coisa. Com grande custo sai uma pergunta:

– Como vai Mamãe?

– Bem – responde com a voz no fundo da garganta.

Novo silêncio.

Enquanto me olha, apalpa discretamente as minhas pernas cobertas com o lençol. Percebendo o seu receio, movo-as naturalmente e mexo-me todo na cama.

Acha-me um pouco inchado e repara nos meus lábios em tanto arroxeados. Sabendo que há quase três dias venho dormindo sem cessar, ele exclama alto chamando uma enfermeira.

– Mas é preciso cuidar deste menino! Ele está com nefrite, está todo inchado, com os lábios roxos. É capaz de ter um ataque de uremia. Precisamos dar-lhe um diurético.

A enfermeira – D. Ema, uma senhora muito boa e dedicada – procura o Dr. Coelho e logo me traz um remédio para ser tomado com urgência

– Ele não pode comer sal. Tem de passar a leite – diz Papai à enfermeira e depois acrescenta:

– É preciso também recolher material para análise. Esse menino deve ter excesso de albumina.

Papai sai e logo mais volta com um litro de leite. Tomar umas providências e sai novamente a fim de ver se consegue me levar para casa. Começa então para ele uma série de trabalhos. Corre o dia todo atrás da Junta Médica. Fala com um, empenha-se com outro e cada vez mais dificuldades encontra. Depois de muito custo consegue apenas que eu seja

removido para o Hospital Militar em São Paulo. Não se conforma. Quer me levar para casa. Procura um descobre conhecidos, arranja camaradagem com médicos e enfermeiros. Entra e sai do hospital a qualquer hora sendo o único a não respeitar o regulamento da casa.

– No dia 31, pela manhã, sou chamado a comparecer perante a Junta Médica. A satisfação de meu Pai é transbordar porque o resultado do exame é o pior possível.

Quando o Dr. Raul Whitaker, presidente da Junta, ouve a leitura do relatório do meu exame, olha-me de modo significativo interrompendo o auxiliar:

– Basta esse moço não pode continuar.

Rabisca um atestado, enche uma papelada e manda entregar tudo ao diretor do Hospital de Clínica.

No hospital descubro o Lira na enfermaria nº 2. Está muito abatido mas parece não ter nada de grave. Tive a impressão de que ele está meio esquecido das coisas.

No dia 1.º. logo cedo, troco de farda num departamento do M. M. D. C. para não me apresentar em casa assim tão asqueroso.

Depois, recebo alta do hospital:

Em Virtude da resolução da Junta Médica em 31 de Agosto que julgou incapaz para o serviço militar o voluntário José de Assis Pacheco, teve alta hoje deste hospital o referido militar.

Itapetininga, 1.º de Setembro de 1932.”

(Assinatura ilegível)

O Diretor Clínico

Por volta do meio dia rumamos para a Estação.

Na gare encontro-me com o Clineu Braga Magalhães despedindo-se dos pais que o foram visitar.

Sem encobrir o meu desapontamento por deixar o “front”, despeço-me do companheiro desejando-lhe boa sorte.

– Que estará acontecendo à turma? – pergunto-lhe sem obter outra resposta que um “não sei” indiferente dito com os ombros<sup>58</sup>.

---

<sup>58</sup> O batalhão de voluntários 14 de Julho já mal resiste porém às terríveis emoções dos últimos embates. Constituído da fina flor da mocidade paulista, ele viera ao roldão de nosso mau começo desde o entrevero inicial de Itararé. Agora, fraquejavam os nervos dessa rapaziada bisonha a que se havia reservado cópia considerável de amarguras. No extremo limite da fadiga, constituía nesse momento tal batalhão um pungente problema para o comando. Sem que houvesse outro elemento para substituí-lo, cumpria ser ele conservado em linha, mesmo porque ainda nos era dado esperar que no momento crítico se produzisse uma galvanização nesses elementos cuja bravura agora eclipsada pela depressão orgânica ressurgiria mais tarde em manifestação surpreendente! ... O problema do comando nos escalões mais elevados, tem como

Seu olhar, seu pensamento, seu coração, todo seu ser, como que num misterioso pressentimento, se concentra no rosto marcado pela dor de sua adorada mãe.

Uma tal despedida não se descreve. Sente-se.

Quando o trem se põe em movimento, a mãe do Clineu, carinhosamente amparada pelo marido, já não tem forças para conter seu sofrimento que se lhe transborda do coração em lágrimas doloridas.

Visivelmente comovido, meu Pai procura consolá-la alegando que seu filho está forte, corado, cheio de vida e logo estará de volta definitivamente.

– Ao passo que eu – diz ele – levo o meu assim doente como a senhora está vendo.

– Ah! – responde a pobre senhora entre soluços – se eu pudesse levar o Clineu doente! Que felicidade! Ao menos estaria comigo, continuaria sendo meu...<sup>59</sup>

..

---

seus aspectos principais o “facies” psicológico. Deve o comando jogar a cada momento com os recursos de ordem material, de par com eles, e sobretudo quando mais nada deles esperar, surgem os fatores imponderáveis para sofrer a necessária apreciação. No caso, assim foi feito. Em face da situação gravíssima, à mingua de recursos, vai recebendo o comandante do Setor os relatórios que indicam o esgotamento do batalhão do 14 de Julho cujos elementos trazem nas trincheiras como mortos de fadiga. São muitos a solicitar a retirada dessa unidade para Itapetininga, mas são poucos a pensar no que seria o retraimento desse magnífico batalhão sem ter à sua retaguarda alguém que o acolhesse... Esse trapo de batalhão... recebe ordens de se manter nas trincheiras de segundo escalão e... manter-se-á. O comando tinha motivos para conotar com ele. Mal desponta essa má jornada de 31 retoma o adversário a atividade ofensiva com que es encarniçava por reduzir a resistência de nossa posição. (pág. 95/96). “Tão logo se sente atingido pelos tiros do inimigo, o 14 de Julho ressurgue, como era previsto pelo comando e, quando os elementos adversários postados em nosso flanco esquerdo iniciam a sua progressão, desavisados da posição por ele ocupada, vem cair justamente sob o fogo de suas metralhadoras, a menos de cem metros de distância! ... E, é um ceifar impiedoso. Na confusão inevitável do momento os soldados atônitos procuram se salvar. Projetados seus vultos nas labaredas desmedidas ou entrevistos de mistura com as volutas absurdas da fumarada, apareciam aos jovens do 14 de Julho numa visão de pesadelo em que esses atacantes fraticidas mergulhavam nas chamas do solo paulista, rasgado em fornalhas gigantescas (BASTOS, J. A. Palmo a Palmo: luta no sector sul. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932. p.98).

<sup>59</sup> Dias depois, precisamente a 18 de Setembro, o Clineu é morto pelos defensores de Getúlio Vargas, juntamente com seus companheiros de trincheira Argemiro Alves Silvestre, Paulo Bifano, Ari Carneiro Fernandes e Cesar Pena Ramos. E trinta e cinco bravos são aprisionados, de armas na mão, depois de manter até o fim, altivamente, o posto de honra e de sacrifício que São Paulo lhes confiara. Mas o ódio do inimigo ainda não estava saciado. E quando os prisioneiros já haviam abandonado as armas, sem que nada o justificasse, salvo o ódio, um tiro assassino é desferido sobre os prisioneiros, quase a queima roupa, ferindo mortalmente o Clineu Braga Magalhães. Mais um companheiro perecia assim, no próprio campo da luta, vítima inerme da sanha de um bandido (Do Diário de Campanha do voluntário Augusto de Souza Queiroz).



## EM CASA

Exclamação incontida.  
Minha Mãe.  
Carta ao front.  
Silhueta admirável.

**Setembro de 1932**

---

– Meu Deus! Que cara horrível! Você nunca mais fez a barba?

Com estas exclamações incontidas sou recebido por minha irmãzinha caçula.

Toda Ternura e saudade, minha Mãe acolhe-me em seus braços, estreitando ao coração. Abraça-me fortemente como que para se convencer da feliz realidade.

Durante os primeiros dias torno-me alvo das atenções da família, de amigos e conhecidos.

Diariamente recebo visitas que me fazem toda sorte de perguntas. Querem saber a impressão que se tem em entrar em fogo; de que tamanho são as trincheiras; se vi morrer algum companheiro; se matei alguém; se me utilizei das últimas armas paulistas: bombardas, granadas de mão, blindados, lança – chamas, etc., etc.

Meia noite e tanto.

O dia de hoje foi horivelmente enfadonho. A retaguarda é humilhante para mim e, além disso, suportá-la na sua monotonia é por demais aborrecido para os meus nervos habituados à fortuna da trincheira.

Como derivativo procuro entrar, ao menos espiritualmente, em contato com o front escrevendo ao Longo:

Desde que cheguei estou para escrever-lhe com o fim de enviar, por seu intermédio, um abraço aos valorosos companheiros de luta e justificar-me por não haver voltado à trincheira.

Todavia, tem me faltado disposição de espírito para tanto; além disso, estou sendo alvo de atenções por parte de parentes e amigos o que,

se de um lado me conforta, de outro me fatiga bastante por obrigar-me a repetir sempre as mesmas coisas.

Ainda agora há pouco, quando já passava da meia noite saíram as últimas vítimas de hoje.

Não querendo, entretanto, adiar por mais tempo meu silêncio, venho apesar da hora dar a você, ao Pacce e aos demais companheiros do Morro do Alemão uma explicação sobre minha ausência. Você não imagina as peripécias por que passei depois que o Capitão Urbano me tirou da trincheira. Nem vou descrevê-las. Digo-lhe apenas que novamente, por mais de uma vez a morte raspou em mim. Foram momentos daqueles em que a gente chupa a barriga para escapar com a vida... Agora, meu caro Longo, aqui estou incapacitado para o serviço militar. Sim! É doloroso, mas é a verdade nua e crua: sou um inválido...!

Interrompo a carta e, tirando do bolso o atestado da Junta Militar das Forças em Operações no Setor Sul, releio aquilo que já sei de cor:

Em virtude da resolução da Junta Médica em 31 de Agosto, que julgou incapaz para o serviço militar, o voluntário...

Lanço um olhar sobre a carta:

Sim! É doloroso, mas é a verdade nua e crua: sou um inválido...

Cerro os olhos e me entrego a uma angústia sufocante que me consome...

Atiro-me à cama afundando o rosto no travesseiro e toda a odisséia vem à tona...

Recordo-me dos amigos, do nosso idealismo cheio de luz, dos revezes sombrios, dos companheiros que partiram sem adeus e não me conformo de ser hoje um incapaz, um imprestável, um doente, quando a maioria do batalhão continua resistindo.

Sinto um desespero ao pensar em tão dura realidade. Embora me esforce, não consigo conter fortíssima crise de nervos. Considero-me um parasita, um fraco, um vencido, farrapo qualquer... Tortura-me a ânsia de evadir-me de mim mesmo.

A família inteira vem ao meu quarto procurando confortar-me.

Depois do desabafo e do calmante tomado a contragosto, experimento certa tranquilidade.

A família es recolhe.

Desligo o “abat-jour” e, pela porta entreaberta, uma tela de luz vinda de fora projeta-se na parede fronteira a mim.

Conta-me, então, uma silhueta estampada no quadrilátero, iluminado que alguém se faz de sentinela junto à porta.

Meu Pai! Admirável Pai!

# XIX.

## SUBLIME E IMPERECÍVEL

**Setembro de 1932**

---

Abro a janela de par em par recebendo em cheio, ainda com os braços estendidos, um sol magnífico que me envolve e ilumina.

O hálito leve ao amanhecer penetra suavemente em mim, renunciando em ressurgimento, enquanto o azul do céu se me apresenta imaculado como o idealismo do soldado paulista.

Sem norte, meu pensamento se vai pôr todo esse idealismo ainda quente, reverenciando aqui e acolá a Lei, o Direito, a Justiça, pelos quais saí à luta ofertando minha própria vida.

Evoco a partida e o retorno: luz e sombra...

Contraste tão perturbador arranca das profundezas do meu ser um plangente suspiro.

Ecoa-me então aos ouvidos a Palavra que não passa:

Ó vos todos que estais cansados e oprimidos,  
vinde à mim...

Transponho minha luta para um mundo superior onde nenhum sacrifício é estéril e descubro na sorte das armas importância apenas secundária, mero acidente. A subsistência está na pureza de nossas ações.

O essencial é a espontaneidade da oblação de nossas vidas para a realização de um ideal; é a oferenda de nós mesmos à causa que merece nosso devotamento; é repetir o heroísmo da vela que ilumina à custa do próprio sacrifício.

Isto sim, é o que importa; é que vale pela própria sublimidade.

Sublime e imperecível!

A flama cívica deste movimento passará, de coração em através das idades, como um feito glorioso dos paulistas a iluminar as gerações vindouras.

Esta Revolução Constitucionalista ficará na História e dela eu participei!

– Mas... Quem é você? – perguntará o leitor.

– Um paulista qualquer...



## POST SCRIPTUM

**2 de Outubro de 1932**

---

### **AO POVO DE SÃO PAULO<sup>60</sup>**

Quando, em 9 de Julho do corrente ano, a guarnição federal aqui aquartelada e Força Pública deste Estado, se levantaram em armas num movimento coordenado com as forças militares do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais, de Mato Grosso e do Distrito Federal, e com as correntes políticas desses Estados, todo o povo paulista nele se integrou. Não foi mister um apelo aos homens válidos, nem uma convocação. A um só impulso, todos acorreram e se arregimentaram, organizando-se batalhões de voluntários, que, dia a dia se atiraram à luta, a mais nobilitante de quantas em nosso país se travaram.

Aclamados pelas forças militares e pelo povo paulista, tivemos de, obedecendo à sua imposição, assumir o governo do Estado, passando a dedicar-lhe todas as energias de que éramos capazes a fim de corresponder à confiança e, principalmente, ao trabalho incomparável de seu grande e nobre povo, que se atirou à guerra com todo o ânimo de vencer, improvisando aqui tudo de quanto careciam os exércitos constitucionalistas para a sustentação do fogo de que deveria resultar a vitória.

Se triunfos tivemos, e esses foram numerosos, como a posteridade há de verificar, assombrada, nos anais da história paulista, revezes sofremos, a principiar pela ausência de companheiros de lutas, cujas armas contra nós se voltaram.

Durante quase três meses a peleja se desdobrou em todos os limites de São Paulo; e este fez impossíveis para mantê-la, vigorosamente, apesar de terem sido lançadas contra ele as forças armadas de todos os Estados, menos Mato Grosso, amparadas pelos enormes recursos, de que, por força de sua posição, dispõe a ditadura.

Sem desfalecimentos, fez São Paulo tudo quanto o engenho de sua gente e a capacidade de sua indústria e da sua lavoura permitiram, para o abastecimento dos exércitos, amparo e socorro da população civil,

---

<sup>60</sup> BRUSSOLO, A. Tudo pelo Brasil: diário de um repórter sobre o movimento constitucionalista. São Paulo: Paulista, 1932. p. 265 e 267.

salvaguarda de todos os direitos individuais e coletivos, mantendo, a todo transe, a ordem jurídica e social, assegurando, assim, todos os elementos da vitória.

Com altaneria de espírito e serenidade de razão, demonstrou o povo paulista, nesta epopeia sem igual, a firmeza do seu pulso, a largueza de suas vistas e a amplitude de seu sentimento nacional. A página, que agora coloriu com o sangue, há de permanecer, imortal aos olhos de todo o Brasil, como a mais inequívoca demonstração da sinceridade de sentimentos com que se entregou à causa da rápida constitucionalização do país.

Combatido em todos os setores, com todas as armas, ainda as mais atroz e as mais desumanas, manteve-se no posto, defendendo os seus ideais e honrando os seus compromissos.

Continuava a luta quando, em 27 de Setembro findo, teve o governo notícia de que, entre a oficialidade da Força Pública, se preparava, em surdina, entendimento com a ditadura para a cessação da guerra. E no dia seguinte, pela manhã, do General Bertholdo Klinger, comandante das Forças Constitucionalistas, recebeu a comunicação de que, em face dos últimos acontecimentos, seria improfícua a continuação das hostilidades. Por isso, acrescentou já havia enviado aos comandantes de setores a comunicação de que pretendia, naquele dia, propor um armistício ao adversário. Reuniu-se o governo e, depois de ouvidos os comandantes militares, representantes das associações comerciais, industriais, liberais e outros – cujo concurso foi preciosíssimo e cuja solidariedade jamais sofreu solução de continuidade – viu-se na emergência de não poder opor-se à resolução dos militares.

Se fracassaram as negociações do armistício proposto pelo comandante das Forças Constitucionalistas, que julgou inaceitáveis, por humilhantes, as condições do que lhe oferecera a ditadura – vingou o pacto, com ela, em separado, firmado pelo comandante geral da Força Pública. Em seguida, pelo governo ditatorial foi nomeado o comandante geral da Força Pública nomeado governador militar do Estado de São Paulo, do que, por uma comissão, por uma comissão, composta do Coronel Eduardo Lejeune, Major Mario Rangel e Capitão João Francisco da Cruz, teve há pouco o governo paulista comunicação oficial.

Cessa, destarte (desta parte ou desta arte, etc.), a vida do governo constitucionalista aclamado pelo povo paulista, pelo Exército Nacional e pela Força Pública e hoje por esta deposto. Fica encerrada, nesta faixa do território brasileiro, a campanha militar pela restauração do regime legal. Mas o anseio não se sopitará. Comprimida, a campanha há de expandir-se, certamente, por não ser possível que um povo, como o nosso, persista em viver sob um regime de arbítrio.

Deu São Paulo tudo quanto podia dar ao Brasil. Tudo empenhou em prol de sua reorganização político-administrativa. E disso não se arrepende.

O seu governo, instituído pelo povo paulista, com o apoio das forças armadas, encerra o seu ciclo histórico. Antes, porém, que se lhe extinga a vigência afirma que cumpriu o seu dever.

Tudo por São Paulo!

Tudo pelo Brasil!

São Paulo, 2 de Outubro de 1932.

(aa) Pedro de Toledo  
Waldemar Ferreira  
Paulo de Moraes Barros  
J. Rodrigues Alves Sobrinho  
F. E. da Fonseca Telles  
Francisco da Cunha Junqueira  
Goffredo T. da Silva Telles  
Joaquim A. Sampaio Vidal  
Thyrso Martins.



*Estavam viradas as páginas de ouro rutilante do livro em que o voluntário paulista gravara a golpes de bravura, com o fogo sacrossanto do ideal, o mais lindo poema épico da história da civilização brasileira<sup>61</sup>.*

---

<sup>61</sup> Do prefácio do Cel. Taborda ao livro BASTOS, J. A. Palma a Palma: luta no sector sul. 3a ed. São Paulo: Paulista, 1932).



## APÊNDICE

# EXÉRCITO CONSTITUCIONALISTA do SETOR SUL

Quartel General em Itapetininga/SP (1932)

## BATALHÃO 14 DE JULHO

Efetivo: 638 integrantes

### Período de Comando

### Comandante

14 de Julho a 16 de Julho de 1932	Major FPESP <sup>62</sup> MÁRIO RANGEL
16 de Julho a 1º de Agosto de 1932	Major FPESP JOSÉ GARCIA
1º de Agosto a 14 de Agosto de 1932	Capitão FPESP CANDIDO BRAVO
14 de Agosto a 02 de Setembro de 1932	Major FPESP HELIODORO TENÓRIO R. MARQUES
02 de Setembro a 04 de Outubro de 1932	Major EB <sup>63</sup> ARISTIDES LEITE PENTEADO

### Capitães

02 voluntários

MIGUEL COUTINHO

URBANO JOÃO DE AGUIAR

### 1.º Tenentes

06 voluntários

ÁLVARO PAULA CAMPOS  
CARLOS DE ARRUDA BOTELHO  
FRANCISCO ROMEIRO SOBRINHO

HENRIQUE FAGUNDES NETO  
MARCELLO LACERDA SOARES  
WLADIMIR AMARAL (Médico)

### 2.º Tenentes

27 voluntários

AFFONSO CIPULLO NETO  
ALFREDO COLOMBO  
ÁLVARO DA SILVA GORDO  
ÂNGELO BERNADELLI  
ANTÔNIO DOURADO  
ATALIBA DUARTE  
BENTO LACERDA DE OLIVEIRA  
COLOMBO ALMEIDA  
ERNESTO W. E. IMBERG  
FLÁVIO DE ARAÚJO  
FRANCISCO QUARTIER  
GENTIL FERRAZ  
GURMECINDO MARIANO  
JAYME BARROSO

JOÃO TIBIRIÇÁ  
JOÃO URBANO DE AGUIAR  
JORGE ASSUMPCÃO  
JOSÉ A. DE TOLEDO FILHO  
JOSÉ MARIA DE AZEVEDO  
JOSÉ WHATELY  
LUIZ TOLEDO  
MILTON BRESSANE  
MILTON PINTO COELHO  
NAPOLEÃO JOSÉ LEITE  
NAUL ROCHA FIUZA  
ORLANO SIQUEIRA TIANI  
RUY MENDES DE OLIVEIRA

### Assistência Religiosa

02 voluntários

Padre FRANCISCO NINO PASSOS

Cônego ALBERTO BACELE

<sup>62</sup> Força Pública do Estado de São Paulo (atual PMESP – Polícia Militar do Estado de São Paulo).

<sup>63</sup> Exército Brasileiro.

## Sargentos, Cabos e Soldados

600 voluntários

A. AROUCHE TOLEDO  
A. DE BARROS MOTTA  
ACÁCIO FERNANDO  
ADALBERTO GARCIA FILHO  
ADAUCTO MARTINEZ  
ADHEMAR MARTINEZ  
ADHEMAR RIBEIRO  
ADOLPHO MELLO JÚNIOR  
AFFONSO CELSO GARCIA SOBRINHO  
AGNALDO AUGUSTO PINTO  
AGOSTINHO OLIVEIRA  
AJASCIO MAIA COUTINHO  
ALBERTO ARANTES  
ALBERTO GUIMARÃES  
ALBERTO PORTUGAL GOMES  
ALBERTO ROSSI  
ALBERTO SILVA AZEVEDO  
ALCESTE SCHROECKER  
ALCEU NASCIMENTO  
ALCIDES DUARTE GOMES SILVA  
ALCYR CÉSAR DO NASCIMENTO  
ALDO DE AGUIAR  
ALDO CÁSSIO V. FERNANDES  
ALDO HERNANDEZ  
ALDO LODI  
ALEXANDRE BARBOUX  
ALEXANDRE J. MIRANDA  
ALFREDO LAZARESCHI  
ALFREDO MONTEIRO DA SILVA  
ALFREDO PACHECO JÚNIOR  
ALÍPIO CHAVES NUNES  
ALMIRO ESTEVES  
ALONSO FERREIRA DE CAMARGO  
ALUÍZIO R. MENDONÇA  
ÁLVARO ARMBRUST  
ÁLVARO RUDGE  
ALVINAR CASTRO COTTI  
ANANIAS RIBERO  
ANDRÉ SANTOS  
ÂNGELO MATHEUS  
ÂNGELO ROSSI  
ANSELMO RORELLI  
ANTENOR FRANCISCO  
ANTÔNIO ALGODOAL SAMPAIO  
ANTÔNIO DE ALMEIDA FILHO  
ANTÔNIO AZEVEDO  
ANTÔNIO C. CASTRO  
ANTÔNIO DE CAMARGO  
ANTÔNIO CARDONA  
JORGE MELLO  
JORGE TIBIRIÇA  
JOSÉ ALOIZIO B. DA FONSECA  
JOSÉ DE ALMEIDA CAMARGO  
JOSÉ ALTEN FELDER JÚNIOR  
JOSÉ ALBIN  
JOSÉ ANTÔNIO CANUTO  
JOSÉ ANTÔNIO CARUSO  
JOSÉ ANTÔNIO MATTOS  
JOSÉ ARMANDO TELLES  
JOSÉ BARBOSA PASSOS  
JOSÉ BARCELLOS  
JOSÉ BARROS AMARAL  
JOSÉ BARROS DE CAMARGO  
JOSÉ BENEDICTO DOS SANTOS  
JOSÉ BENTO PEREIRA DE SOUZA  
JOSÉ BONIFÁCIO C. SAMPAIO  
JOSÉ BORGES VIEIRA  
JOSÉ CARLOS AUGUSTO AMARAL  
JOSÉ CARVALHO  
JOSÉ CHRISTINO DE MELLO  
JOSÉ COLLAÇO DE CARVALHO VERAS  
JOSÉ COSTA PINTO  
JOSÉ DAVID FONSECA  
JOSÉ DAVID JORGE  
**JOSÉ DE ASSIS PACHECO**  
JOSÉ DE CASTILHO  
JOSÉ DOURADO  
JOSÉ DIAS SILVEIRA  
JOSÉ EDUARDO DE OLIVEIRA BARROS  
JOSÉ EUGÊNIO REZENDO  
JOSÉ F. SANTOS  
JOSÉ FERNANDES MORENO  
JOSÉ FERRAZ  
JOSÉ FLEURY SILVEIRA  
JOSÉ GARCIA BARBOSA  
JOSÉ GODOY  
JOSÉ GUILHERME WHITAKER  
JOSÉ IGNÁCIO LOBO  
JOSÉ JERONYMO VASCONCELOS  
JOSÉ JUNQUEIRA FRANCO  
JOSÉ LEMOS FREITAS  
JOSÉ LORIGGIO  
JOSÉ M. B. MELLO  
JOSÉ MARIO REIS  
JOSÉ MATHEUS  
JOSÉ MENDONÇA BARROS  
JOSÉ MENDES  
JOSÉ DE MORAES

ANTÔNIO CARDOSO DE ALMEIDA  
ANTÔNIO CARLOS CAMPOS SALLES  
ANTÔNIO CARLOS CRESPO DE CASTRO  
ANTÔNIO CARVALHO  
ANTÔNIO ELEUTÉRIO  
ANTÔNIO GHIRLANDO  
ANTÔNIO GONÇALVES  
ANTÔNIO LAFALDE  
ANTÔNIO LUCIANO NETO  
ANTÔNIO LUTÉRIO  
ANTÔNIO M. DE OLIVEIRA  
ANTÔNIO MENDONÇA BARROS  
ANTÔNIO MERCADÓ JÚNIOR  
ANTÔNIO SALLES  
ANTÔNIO SILVEIRA MACHADO  
ANTÔNIO VAMPRE  
ANAUAR CURI  
AQUINO RODRIGUES  
ARALDO PENNA RAMOS  
ARGEMIRO ALVES SILVESTRE  
ARISTEU MARCONDES MOURA  
ARMANDO MENDONÇA  
ARMANDO NOSCHESE  
ARMANDO PEREIRA  
ARMANDO RIOS  
ARMANDO ZENESSE  
ARNALDO AZEVEDO SILVA  
ARNALDO OCTÁVIO NEBIAS  
ARNALDO PEDROSO  
ARNALDO SERRONI  
ARNALDO ZENESI  
ARTHUR GRECCO  
ARI CARNEIRO FERNANES  
ARY N. CASTRO  
ATALIBA DE SOUZA PINTO  
ATUGASMIN MÉDICI FILHO  
AUGUSTO DE SOUZA QUEIROZ  
AURELIANO C. NASCIMENTO  
AURÉLIO ESTIEVAM  
AUREO DE ALMEIDA CAMARGO  
AULUS PLAUTUS COELHO PEREIRA  
AZOR MONTENEGRO

BATHOLOMEU BUENO DE MIRANDA  
BENEDICTO DE ALMEIDA SANTOS  
BENEDICTO CORREA SAMPAIO  
BENEDICTO MARCONES  
BENEDICTO U. ALVARENGA  
BENJAMIN SOARES  
BENTO J. CARVALHO JÚNIOR  
BENTO LUIZ DE Q. TELLES  
BERNARDO F. VIANNA

JOSÉ MOYSES DEAB  
JOSÉ NASCIMENTO  
JOSÉ NORBERTO FONSECA JUNIOR  
JOSÉ PAIVA DUTRA  
JOSÉ PAULA MACHADO  
JOSÉ E PAULA CRUZ  
JOSÉ PENTEADO SALLES  
JOSÉ PESTANA FILHO  
JOSÉ PIMENTEL PINTO  
JOSÉ PIRAJA  
JOSÉ RIBEIRO MIRANDA  
JOSÉ RIOS CASTRO  
JOSÉ RODRIGUES ARRUDA  
JOSÉ RODRIGUES SILVA  
JOSÉ SOUZA PIRAJÁ  
JOSÉ TAVARES LIBANIO  
JOSÉ THOMAZ SAYÃO  
JOSÉ VIRGÍLIO RAMOS  
JOSÉ VITA JÚNIOR  
JÚLIO BONFIN PONTES  
JÚLIO PRADO LACRETA  
JÚLIO SANTORO  
JUSTINO FREITAS JÚNIOR  
JUVÊNCIO BERNARDELLI

L. PIRES FERRAS  
LAURINDO MINHOTO JÚNIOR  
LAURO BEZERRA  
LAURO AMARAL CAMPOS  
LAURO CERQUEIRA CÉSAR  
LAURO BARROS PENTEADO  
LICIO MARCONDES AMARAL  
LINCOLN LONER  
LIVIO COSTA ANDRADE  
LUCIANO NOGUEIRA FILHO  
LÚCIO CASANOVA  
LUIZ ÁVILA MACEDO  
LUIZ DE CAMPOS  
LUIZ CARLO B. JUNIOR  
LUIZ DIAS DA SILVA  
LUIZ E. BARRETO  
LUIZ E. RIBEIRO MENDONÇA  
LUIZ FERREIRA GOES  
LUIZ FONTES ROMEIRO  
LUIZ FRANCO E ABREU  
LUIZ LEITE  
LUIZ DE LORENZI  
LUIZ MORATO PROENÇA  
LUIZ NOGUEIRA FILHO  
LUIZ PRESTES CÉSAR  
LUIZ R. MENDONÇA  
LUIZ SALES

BERNARDO MEYER JÚNIOR  
BIANOR JOSÉ CAMPOS  
BRUNO MELLO TEIXEIRA

C. RIOS DE CASTRO  
CAIO DE ALMEIDA  
CAIO CARNEIRO  
CAIO RIBEIRO DE MORAES E SILVA  
CÂNDIDO PAES DE BARROS  
CARLOS ADHEMAR DE CAMPOS  
CARLOS DE ARAÚJO  
CARLOS AUGUSTO DE SOUZA JORDÃO  
CARLOS DE CAMPOS PAGLIUCHI  
CARLOS CAMARGO  
CARLOS EDUARDO DE CAMPOS  
CARLOS LARA CAMPOS  
CARLOS ROMEO  
CARLOS VIRGÍLIO SAVOY  
CAROLINO A. AMARAL  
CAMILLO QUEIROZ MORAES  
CASIMIRO P. NETO  
CASSIANO MARCONDES RANGEL  
CÁSSIO BORGES  
CÁSSIO M. C. PENTEADO  
CÁSSIO PAES DE BARROS  
CÁSSIO RIBEIRO DA SILVA  
CAYRÚ TEIXEIRA  
CELSO BRANDÃO  
CELSO FIGUEIREDO  
CELSO M. SALLES  
CELSO DE MORAES ALVES LIMA  
CELSO PAGLIUCA  
CÉSAR PENNA RAMOS  
CÍCERO JUNQUEIRA  
CID PINTO  
CESAR CLAUDINO AMARAL  
CLEOFANO LOPES OLIVEIRA  
CLINEU BRAGA DE MAGALHÃES  
CLÓVIS DE AZEVEDO  
CURT WILDE  
CYRO PASSOS  
CYRO SAVOY  
CYRO RIBEIRO MARX  
CYRO DE SOUZA E SILVA

DAGOBERTO SALLES FILHO  
DALSTEN EPIGHAUS  
DARCY RIBAS  
DARIO DI NAPOLI  
DÉCIO FLEXA  
DÉCIO SILVA  
DELPHINO DE ULHOA CINTRA

LUIZ SODRÉ  
LUIZ DE SOUZA

MANOEL BRANDÃO  
MANOEL CASTRO MONTEIRO NEVES  
MANOEL COSTA LEITE  
MANOEL DIAS TOLEDO  
MANOEL GANDARA MENDES  
MANOEL GUIMARÃES DIAS  
MANOEL JOSÉ M. BARROS NETO  
MANOEL MAURÍCIO CORREA  
MANOEL OCTÁVIO CARDOSO  
MANOEL P. LIMAS  
MARCELLO RIBEIRO DOS SANTOS  
MARCIO F. A. LIMA  
MÁRIO ANGELO CAPOCHI  
MÁRIO CARNEIRO CUNHA  
MÁRIO CINTRA LEITE  
MÁRIO FARIA JORDÃO  
MÁRIO GOULART  
MÁRIO JUNQUEIRA  
MÁRIO LIMA  
MÁRIO MESSIAS  
MÁRIO PORTO  
MÁRIO VASALO  
MÁRIO VALGEKI  
MÁRIO VIEIRA DA CUNHA  
MATHEUS CONSCIENTINO  
MAURÍCIO DO AMARAL  
MAURO AGUIAR  
MAURO TOLEZO PIZA  
MAXIMO PUGLISI  
MILTON GRELLET  
MILTON LODI  
MILTON LOURENÇO OLIVEIRA  
MILTON NORONHA  
MILTON QUEIROZ MORAES  
MILTON SOARES CAMPOS  
MIRKO RODRIGUES  
MIRO LEONEL MOYSES SILVA  
MUCIO CAMPOS MAIA

NAUL N. NOGUEIRA  
NELSON BARBOSA  
NELSON OSÓRIO FRANCO  
NELSON PLANET  
NELSON SILVEIRA  
NELSON TOLEDO FILHO  
NELSON URIOSTE  
NEWTON FERRAZ  
NILO PORTO  
NOEMIO DE OLIVEIRA COSTA

DEODORO LOPES DIAS RABELLO  
DJALMA FORJAZ JUNIOR  
DJALMA P. CAMARGO BITTENCOURT  
DJALMA W. LIMA  
DOMINGOS BOCUTI  
DURVAL CARVALHO  
DURVAL PREITAS ROCHA  
DURVALINO VIEIRA

EDER ACORSI  
EDGARD ALENCAR MARQUES  
EDGARD ROSO  
EDMUNDO MENDONÇA  
EDMUNDO NAVAJAS  
EDUARDO MESQUITA SAMPAIO  
EDUARDO PACE  
EDUARDO QUEIROZ TELLES  
EDUARDO SOUZA QUEIROZ  
ÉLCIO PIMENTEL DE MELLO  
EMILE ZOLA P. MENDES  
EMILIANO BRITO  
EMILIANO DE TOLEDO SOARES  
EMÍLIO LAMBERTI  
EPAMINONDAS VALLE  
ERNANI COELHO  
ERNANI LACERDA DE OLIVEIRA  
ERNESTO PUJOL FILHO  
ESMERALDO A. DE SOUZA  
ESTANISLAU BIONDI  
ESTAFANO BARBATO  
ESTEVALDO MARTINEZ  
EUCLYDES FERREIRA  
EULÁLIO BARRTEO  
EURICO DE OLIVEIRA MAIA  
EVARISTO TEIXEIRA PINTO  
EVERALDO R. MELLO

FÁBIO OLIVEIRA BARROS  
FABRÍCIO VAMPRÉ  
FARID CHED  
FAUSTO CHAVES  
FAUSTO R. BARROS  
FAUSTO TOLEDO  
FELICIANO CORREA  
FELÍCIO CINTRA DO PRADO  
FELIPE ACHE JÚNIOR  
FELIPE NETO  
FERNANDO ARRUDA  
FERNANDO MÉDICI  
FERNANDO MESQUITA SAMPAIO  
FLÁVIO BITTENCOURT  
FLÁVIO MARGARIDO DA SILVA

O. LUIZ PEREIRA  
OCTACILIO BANDEIRA  
OCTACILIO COSTA MAIA  
OCTÁVIO ALBUQUERQUE  
OCTÁVIO ANTENOR  
OCTÁVIO CAMARGO LIMA  
OCTÁVIO JUNQUEIRA NETO  
OCTÁVIO QUEIROZ MATOSO  
OCTÁVIO S. PORTO  
OCTÁVIO SEPPI  
ODAIR LOBO  
ODILON SILVEIRA  
ODORINO MENIN  
OLAVO LEONEL DE BARROS  
OLAVO PINTO MORAES  
OLAVO ROLIM THURY  
OLEGÁRIO FERNANES DE SOUZA  
OLEGÁRIO SANTOS  
OMAR SAMPAIO DORIA  
OMAR V. DE CAMARGO BITTENCOURT  
ORESTES A. GUIMARÃES  
ORESTES MORAES ALVES FILHO  
ORESTES PIZA TOLEDO SILVA  
ORLANDO SANTORO  
ORLANDO SANTOS  
ORLANO W. LONGO  
OSCAR PEREIRA ARAUJO  
OSCAR SIQUEIRA  
OSCAR THOMPSON FILHO  
OSIAS SAMPAIO  
OSNY SILVEIRA  
OSORIO ELENO  
OSWALDO BENEDICTO DA CONCEIÇÃO  
OSWALDO CAMARGO LIMA  
OSWALDO GODOY  
OSWALDO JOSÉ DE OLIVEIRA  
OSWALDO MARRONE  
OSWALDO MORA DE FREITAS  
OSWALDO NUNES  
OSWALDO PIRES DA MOTA  
OSWALDO RODRIGUES  
OSWALDO UNTI

PAULO DE ARAÚJO  
PAULO AUGUSTO AMARAL  
PAULO BASTOS CRUZ  
PAULO BIFANO ALVES  
PAULO DE CAMPOS  
PAULO CERQUEIRA  
PAULO FREDERICO HUMMELL  
PAULO FREIRE DE M. BARRETO  
PAULO GORDO

FORTUNATO MAZZA  
FORTUNATO TONELI  
FRANCISCO LACAZ NETO  
FRANCISCO ARANTES  
FRANCISCO ARISTODEMO  
FRANCISCO CARLOS DOS SANTOS  
FRANCISCO COSTA  
FRANCISCO DIAS CÉSAR  
FRANCISCO EMIGDIO P. NETO  
FRANCISCO GIMENEZ  
FRANCISCO JOSÉ DA NOVA  
FRANCISCO JÚLIO SALGADO  
FRANCISCO DAS NEVES  
FRANCISCO DE PAULA M. DE CAMPOS  
FRANCISCO PILAR MATTOS  
FRANCISCO PUJOL  
FRANCISCO QUIRINO DOS SANTOS  
FRANCISCO R. OLIVEIRA  
FRANCISCO R. ROSAS  
FRANCISCO RIBEIRO DA SILVA  
FRANCISCO DOS SANTOS NETO  
FRANCISCO SERRONI  
FRANCISCO T. MACHADO  
FRANCISCO VASCONCELLOS  
FRANCISCO XIMENES  
FRANKLIN PIZA JÚNIOR  
FREDERICO ELIAS OLSTEL

GERALDO MENDONÇA BASTOS  
GERALDO SIQUEIRA  
GILBERTO NOGUEIRA  
GIORDANO BANZATTO  
GUILHERME AMARAL LYRA  
GUILHERME CAVALCANTI  
GURMECINDO CINTRA  
GURMECINDO PONTES ALVES

HELI FRANCH  
HENRIQUE BASTOS FILHO  
HENRIQUE FAGUNDES JÚNIOR  
HENRIQUE OLAVO COSTA  
HENRIQUE PAMPLONA M. FILHO  
HERMES O. CÉSAR  
HOMERO SOUZA NERY  
HONÓRIO P. LEITE  
HONÓRIO PIRES DE OLIVEIRA  
HORÁCIO PAULA LEITE  
HUGO JOÃO SOLLER  
HUGO MALHEIROS  
HUGO STERMAN

IBRAHIM NASCIMENTO

PAULO J. MACHADO  
PAULO MATTOS  
PAULO MESQUITA  
PAULO MUNIZ CAMPELLO  
PAULO PIZA DE SOUZA  
PAULO TOLEDO  
PAULO VAMPRÉ  
PAULO VIEIRA  
PAULO VIDIGAL VICENTE DE AZEVEDO  
PAULO W. DULLEY  
PAULUS AULUS POMPEIA  
PEDRO ELIAS ROQUIELLI  
PEDRO PAULO CORREA  
PERGENTINO GOMES  
PERSIO CARRILHO  
PHILOMENO COSTA  
PLÍNO BARRETO  
PLÍNIO LACERDA DE OLIVEIRA  
PLÍNIO RAMOS  
PLÍNIO RIBEIRO DA SILVA  
PRUDENTE CLAUZET

RAPHAEL GIORGI  
RAPHAEL RIBEIRO DA SILVA  
RAUL ALVIM  
RAUL BOLIGER  
RAUL REBOUÇAS SOARES  
RAUL SOARES DE MELLO  
RENATO PRADO  
RENATO RIOS CASTRO  
RENATO SOARES DE TOLEDO  
RENATO TAGLIANETTI  
RENATO TOLEDO  
RENÉ MENDES DE OLIVEIRA  
RICARDO M. GONÇALVES  
RICARDO MARGHERITA  
RICARDO DE SOUZA FILHO  
RINO ANTONIO CERA  
ROBERTO BOVE  
ROBERTO DI LORENZI  
RODOLPHO VALGEKI  
ROGERIO TOLEDO  
ROLAND VON OHEL MARTIN  
ROMEO AZEVEDO OLIVEIRA  
ROMEO BONINA  
ROQUE S. FERRARI  
RUBENS F. TOLEDO ARRUMA  
RUBENS MORAES ALVES DE LIMA  
RUY ARMANDO  
RUY BARBOSA DE ALMEIDA  
RUY FERREIRA DA ROCHA  
RUY FONSECA

ISMAEL CAMPOS NAVARRO  
ISMAEL COUTO CAYUBI  
ISRAEL CAMPOS NAVARRO  
IVANCO GUIMARÃES  
IVENS VIEIRA

J. A. JESUÍNO DOS SANTOS  
J. ALVES ALMEIDA FEO  
J. PENNA MALTA  
J. S. FERRARI  
JADER ALVES LIMA  
JANUÁRIO DEL MONACO  
JANUÁRIO MOZZA  
JAYME LOUREIRO FILHO  
JAYRO LOUREIRO  
JOÃO A. OLIVEIRA NETO  
JOÃO ALBUQUERQUE CARVALHO  
JOÃO ALMEIDA PRADO  
JOÃO ANTUNES DE OLIVEIRA  
JOÃO B. M. TOLOSA  
JOÃO BAPTISTA FLEURY  
JOÃO BAPTISTA LEITE  
JOÃO E. TTHAYDE MARCONDES  
JOÃO GARCIA  
JOÃO GONÇALVES BICUDO  
JOÃO GUZZO FILHO  
JOÃO JOSÉ MOREIRA  
JOÃO JUNQUEIRA FRANCO  
JOÃO LAGO  
JOÃO LUSO FILHO  
JOÃO MONTEIRO  
JOÃO OCTÁVIO NEBIAS  
JOÃO PASSOS MAIA  
JOÃO PEDRO GONÇALVES SILVA  
JOÃO PENIDO SALLES  
JOÃO ROMÃO DA SILVA  
JOÃO RUY CANTEIRO  
JOÃO VELLOSO ANDRADE  
JOAQUIM BARBOSA SANTOS  
JOAQUIM MIRANDA  
JOAQUIM MORA DE FREITAS  
JOAQUIM OCTÁVIO NEBIAS  
JOAQUIM WALTER DOS SANTOS  
JORDÃO PRESTES DE FREITAS  
JORGE ALAYON  
JORGE CINTRA  
JORGE COURY  
JORGE F. TOLEDO  
JORGE FONSECA JUNIOR  
JORGE HERMANN  
JORGE JUNQUEIRA PENTEADO  
JORGE LIMA DE MORAES

RUY DE LIMA CASTRO

SALIM HELOU  
SALVADOR CAMARGO  
SALVADOR DA SILVA  
SEBASTIÃO BARROS MARTINS  
SEBASTIÃO CRUVINEL  
SEBASTIÃO FLEURY SILVEIRA  
SEBASTIÃO FLORIDO  
SEBASTIÃO JOSÉ OS PASSOS  
SEBASTIÃO PORTUGAL GOUVEA  
SENESIO CERRONE  
SERAFIM LEONE  
SERVOLO POMPEO TOLEO  
SÍLVIO BECKER  
SÍLVIO DIAS REBELO  
SÍLVIO M. CAMARGO  
SÍLVIO PASSOS MAIA  
SÍLVIO PEDROSA  
SÍLVIO RAMOS MAIA  
SIMÃO DE OLIVEIRA LIMA  
SINESIO DE OLIVEIRA

TACITO DE SOUZA  
THEOPHILO DE ALMEIDA SÁ  
THOMAZ A. WHATELY  
THOMAZ NUNES DA FONSECA  
UBALDO COSTA LEITE  
UBIRAJARA P. FERREIRA  
ULPIANO PINTO DE SOUZA  
ULYSSES PAES DE BARROS  
VICENTE CAMARGO MARQUES  
VICENTE CERQUEIRA CESAR  
VICENTE GRECCO  
VICENTE M. FREITAS NETO  
VICENTE MOURA  
VICENTE DE OLIVEIRA  
VICENTE TOLENTINO  
VICTOR DIAS SILVEIRA  
VICTORINO GONÇALVES  
VICTORINO VENTURI

WALDEMAR FERRAZ  
WALDEMAR GERALDINI  
WALDEMAR MARCONDES SALGADO  
WALDOMIRO ALAMBERT  
WALDOMIRO FONSECA  
WALDOMIRO LOPES  
WALTER MERIGO  
WALTER PENTEADO LORENZ  
YELMO RIBEIRO DOS SANTOS

## PERSONALIDADES CITADAS NESTE LIVRO

- 1 – Abrahão (artilheiro do C.P.O.R.)
- 2 – Acacio Fernando
- 3 – Adolfo Melo Junior
- 4 – Alba de Oliveira Cesar
- 5 – Alberto Silva Azevedo (Sargento)
- 6 – Aldo de Assis Dias
- 7 – Alonso Ferreira Camargo
- 8 – Anchieta (Tenente Coronel)
- 9 – André Perez Velasco
- 10 – Antônio de Almeida Prado
- 11 – Antônio Vampré
- 12 – Arlindo de Oliveira (Major)
- 13 – Arthur (Tenente)
- 14 – Ataliba Duarte (Tenente)
- 15 – Augusto de Souza Queiroz
- 16 – “Bagunça” (Cabo)
- 17 – Benedito Montenegro (médico)
- 19 – Bezerra (Cabo da Força Pública)
- 20 – Casimiro Pinto Neto (Bauru)
- 21 – Carlos Pinto (Tenente)
- 22 – Candido Bravo (Capitão)
- 23 – Celso Alves Lima
- 24 – “China” (C.P.O.R.)
- 25 – Cid Pinto Cesar
- 26 – Ciro Marx
- 27 – Ciro Passos Maia
- 28 – Clineu Braga Magalhães
- 26 – Coelho (médico do Hospital de Itapetininga)
- 30 – Cristiano Klinglohefer (Coronel)
- 31 – Eduardo Gaia
- 32 – Eduardo Mesquita Sampaio
- 33 – Eduardo Pacce
- 34 – Ester Aranha A. Pacheco
- 35 – Fábio Guimarães
- 36 – Fausto Quirino Simões
- 37 – Fernando Mesquita Sampaio
- 38 – Francisco de Paula Fontoura
- 39 – Gaia (Tenente)
- 40 – Getúlio Vargas (ditador)
- 41 – Godofredo
- 42 – Guilherme A. Lira
- 43 – Ruytemberg Rocha (Capitão)
- 44 – Herculano Penteadó
- 45 – Heliodoro Marques (Major)
- 46 – Hermes de Oliveira Cesar
- 47 – Homero Lopes
- 48 – Homero de Souza Neri
- 49 – Hugo Malheiros
- 50 – Inácio Cesar
- 51 – Ielmo Ribeiro dos Santos
- 52 – Ismael Caiubi
- 53 – Ismenia de O. Barboza
- 54 – Jader Alves Lima
- 55 – João Andrade Veloso
- 56 – João Passos Maia
- 57 – João Guzzo Filho
- 58 – José Altenfelder Silva
- 59 – José Duarte de Azevedo
- 60 – José Fontoura
- 61 – José Garcia (Major)
- 62 – José Maria de Azevedo (Tenente)
- 63 – José Pirajá
- 64 – Julio Prestes
- 65 – Licio Maragliano
- 66 – Luiz de Assis Pacheco
- 67 – Luiz Carlos de Aranha Pacheco
- 68 – Luiz Carlos Berrini
- 69 – Luiz Dias da Silva
- 70 – Marcelo Ribeiro dos Santos
- 71 – Marcílio Franco (Coronel)
- 72 – Marcondes Salgado (Coronel)
- 73 – Mariazinha A. Pacheco
- 74 – Maria de Lourdes A. Assis Pacheco
- 75 – Mario Rangel (Major)
- 76 – Marion Aranha Pacheco
- 77 – Mercedes Aranha de Assis Pacheco
- 78 – Milton Bressane (Tenente)
- 79 – Moraes Pinto (Major)
- 80 — Napoleão José Leitão (Tenente)
- 80 – Neide Xavier (miss São Paulo)
- 81 – Negrão (Tenente)
- 82 – Nivea Arruda
- 83 – Odilon Costa Manso Orlando
- 84 – Orlando W. Longo
- 85 – Paulo Aranha de Assis Pacheco
- 86 – Paulo Bifano
- 87 – Paulo Frederico Hummel
- 88 – Paulus Aulus Pompeia
- 89 – Pedro Paulo Correia
- 90 – Pedro de Toledo (presidente do Estado)
- 91 – Pignoreli (medico Hospital Itapetininga)
- 92 – Raul Soares de Melo
- 93 – Raul Whitaker (médico da junta)
- 94 – Rubens Fraga de Toledo Arruda
- 95 – Rubens Silveira
- 96 – Rui Ferreira da Rocha
- 97 – Rui Fonseca
- 98 – Sebastião Fleury
- 99 – Silvio Passos Maia
- 100 – Sílvio Pereira de Souza
- 101 – Siqueira (Sargento)
- 102 – Tácito de Souza (Tenente)
- 103 – Toledo Arruda (“O Olho de Moscou”)
- 104 – Tomaz Whately
- 105 – Urbano (Capitão)
- 106 – Waldemar Marcondes Salgado
- 107 – Vladimir Amaral
- 108 – Washington Franco
- 109 – Young Costa Manso

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, J. A. Palmo a Palmo: A luta no Sector Sul. São Paulo: Paulista, 1932. Acesso em: <https://tinyurl.com/mwmpah37>.
- BRITO, L. T. de. Movimentos Armados in: São Paulo em Quatro Séculos, IHGSP. V. 1. 1954.
- BRUSSOLO, A. Tudo pelo Brasil: diário de um repórter sobre o movimento constitucionalista. São Paulo: Paulista, 1932.
- CAMARGO, A. de A. A epopeia: o batalhão 14 de julho. Fotografia da guerra no setor sul, dos Itararés ao Taquaral-abaixo. São Paulo: Saraiva, 1933.
- GONÇALVES, C. Carne para Canhão! o front em 1932. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.
- KARAM, E. Um Paranaense nas Trincheiras da Lei: subsídios para a história da revolução paulista. A Cruzada, 1933. Acesso em: <https://tinyurl.com/bdd57unx>.
- MEDICI, F. P. Trem Blindado. São Paulo: Acadêmica, 1933.
- PORTAL PARA SEMPRE CRUZES PAULISTAS: <https://tinyurl.com/4xvsj7xd>.
- PORTAL 1932 DIÁRIO DE CAMPANHA: <https://tinyurl.com/pdujmczv>.
- PORTAL TREM BLINDADO: <https://tinyurl.com/yh7uwy6m>.
- REMARQUE, E. M. Nada de novo no front. São Paulo: Victor Civita, 1929.
- QUEIROZ, A. de S. Batalhão 14 de Julho. São Paulo: scp, 1982.
- SILVA, H. C. A Revolução Constitucionalista: subsídios para a sua história. Org. pelo Estado Maior da Força Pública de São Paulo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932.





1932